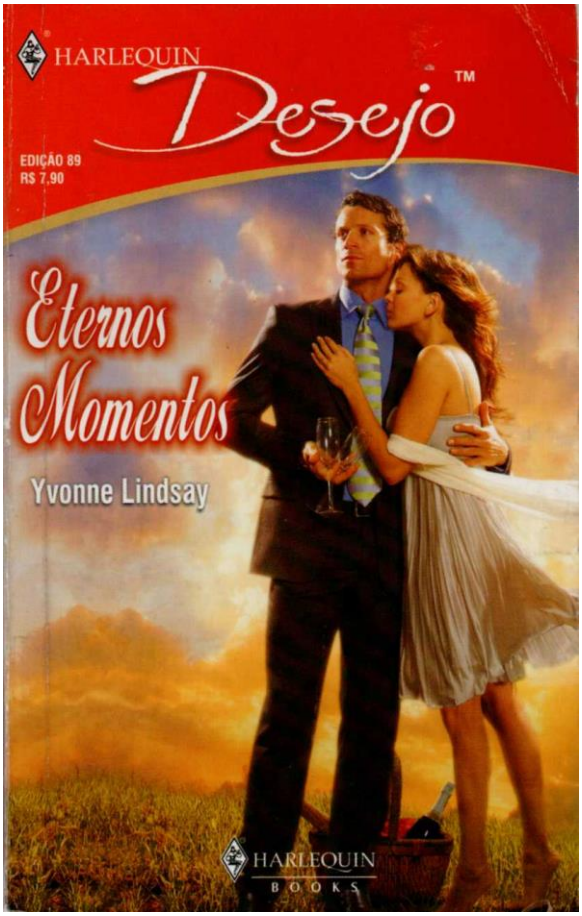
Eternos Momentos



Yvonne Lindsay

O acidente que fez com que Belinda perdesse a memória deu a Luc as armas perfeitas para sua vingança. Sua bela noiva não se lembrava de tê-lo deixado no dia do casamento... ou da verdadeira razão de sua união.

Tudo de que ela lembrava era a desenfreada atração que ainda compartilhavam. E o magnata de olhos frios pretendia tirar toda a vantagem disso...

Título original: Claiming his Runaway Bride

Disponibilização e Digitalização: Marina
Revisão: Sol / Formatação: Edina

Nota da Revisora:

Esta historia está mais mal contada do que a amnesia da heroina... kkkk.

Senti que tinha uns jacarés no lago da falta de criatividade... Ou melhor, dizendo... não tinha nem mesmo um pequeno anfíbio no lago da criatividade da autora, por isso a historia mais clicle do que toque do telefone quando se está tomando banho... ave Jesus...

Eternos momentos uma ova... Momentos clices, isso sim

E eles se separam, lá pela pagina 90 e voltam na 93 (livro com 94 paginas)... Uma Riqueza!

Sol

CAPÍTULO UM

Sua esposa!

Como ela poderia ter se esquecido de algo como aquilo?

De alguém como ele?

Belinda olhou o estranho calado ao lado do seu pai diante de sua cama no hospital. Alto, vestido com roupas um pouco largas para seu corpo, ele permanecia com a mão esquerda no bolso da calça e a outra direita sobre um reluzente bastão preto.

Ela sequer sabia qual era o nome dele. Como poderia estar casada com ele e não se lembrar disso? Um medo sufocante lhe bloqueou a garganta.



Aqueles olhos verdes não se desviavam de seu rosto. Algo intangível ondulava sob a superfície brilhante. Seria raiva? Ressentimento?

Mas a expressão dele era impenetrável. As linhas fortes do rosto indicavam uma vontade de ferro — a vontade de um homem que não tolerava tolices.

Ela inspirou o ar. Não o conhecia. Como poderiam esperar que fosse para casa com um desconhecido? Lançou um olhar amedrontado para o pai. Mas o sorriso que ele exibiu parecia tenso, e as linhas de sua face, mais acentuadas do que o normal. De repente, ela perdeu toda a vontade de sair daquele quarto no hospital de Auckland City, e o lugar que pouco antes ela quisera abandonar para sempre se tornou um local tranquilo e seguro.

Um pensamento perturbador lhe ocorreu.

— Se você é meu marido, por que não esteve o tempo todo ao meu lado, como meus pais? Já saí de coma há duas semanas.

Belinda percebeu uma breve troca de olhares entre os dois homens à sua frente, em que o pai parecia transmitir algo ao estranho.

— Então? — ela exigiu uma resposta.

— O acidente que tirou sua memória também me causou ferimentos. Mas agora estou pronto para voltar para casa. Com você.

Nitidamente, ele estava omitindo alguma coisa, e a percepção disso a deixou mais ansiosa do que saber que também ele havia sido hospitalizado. Até aquele momento, vinha sendo tratada com a maior cautela pelo pessoal médico e por seus pais, que lhe davam apenas informações sobre sua saúde, nada além disso. Nem mesmo os detalhes do acidente que a tinha deixado em coma por quatro semanas. Nas últimas duas, entre testes e exames, os médicos haviam tentado encontrar o motivo de sua amnésia, e concluíram não ser consequência direta de como sua cabeça fora atingida no desastre. Belinda chegou a escutar a expressão "amnésia traumática" ser discutida em voz baixa.

Isso a fez estremecer. Teria sido afetada ao ponto de esquecer parte de sua vida que deveria ter sido cheia de paixão e alegria? Ou, por algum outro motivo, teria ela optado por esquecer essa parte?

Olhou mais uma vez para o desconhecido. O aspecto levemente displicente de suas roupas se explicava pelo fato de que ele também estivera em tratamento. Uma lenta recuperação do acidente justificava sua aparente debilidade. Ela estava certa de que era o tipo de homem que presta atenção a cada detalhe, que em circunstâncias normais estaria impecavelmente vestido, usando um terno elegante de corte perfeito.

Teve outro pensamento incômodo: sua alta coincidira com a dele? Que fato estranho...

Sentiu-se ludibriada.

— Não! Eu não vou para casa com você. Eu nem mesmo o conheço! — disse, com a voz revelando pânico.

Os olhos do estranho não a evitaram nem um segundo.

— Eu sou Luc Tanner, e você é Belinda Tanner, minha esposa. É lógico que você vai para casa comigo. — Fez um gesto na direção do outro

homem no quarto. — E você acha que seu pai permitiria que sua preciosa criança corresse qualquer tipo de risco? Fique tranquila, você me conhece bem.

Havia uma segunda intenção ou sentido no que ele dizia que Belinda não podia captar, mas que foi o suficiente para fazê-la sentir um calafrio. Balançou a cabeça para tentar se livrar daquela sensação. O que o desconhecido falava — o que "Luc" falava — fazia sentido, mas nem por isso ela deixava de sentir-se exposta a um perigo incompreensível.

— Por que não posso ir para casa com meu pai? Ao menos até que minha memória volte — ela arriscou, pressentindo que a tentativa era inútil.

— E se sua memória não voltar? Nós simplesmente esquecemos nosso casamento?

Havia um traço de frieza na voz dele que a deixou sem reação. E, além do mais, a questão era pertinente: e se as lembranças dos últimos meses não retornasse? Mas por que, se ela podia recordar tantas coisas, tudo o que se referia ao namoro e ao casamento com aquele homem havia desaparecido? Por que não sentia agora o amor que eles supostamente teriam compartilhado?

Outra pergunta surgiu então: teriam sido íntimos? Era de se supor que sim. E, mesmo naquele instante, entre seus corpos parecia haver um reconhecimento físico que a mente de Belinda se recusava a aceitar. Era um homem muito atraente, apesar do ar de indiferença que ostentava como a armadura de um guerreiro. Ela sentiu na pele uma onda de calor ao estudar-lhe a aparência: a região suavemente sombreada entre a linha do queixo e os lábios, a curva sensual da boca, as narinas que se dilatavam ao respirar. Teriam estado juntos em uma mesma cama, deliciando-se em prazer mútuo, com os odores e as reações de ambos? Teria ela agarrado aqueles cabelos claros cortados bem curtos, enquanto ele a segurava contra seu corpo?

Com a voz agora mais suave, ele mudou de estratégia diante da recusa expressa da mulher em acompanhá-lo.

— Belinda, eu entendo que você esteja receosa, mas eu sou seu marido. Se não confiar em mim, em quem vai confiar? Nós vamos superar isso juntos. E, caso sua memória nunca retorne, nós criaremos novas recordações.

Novas recordações. Por que com a simples menção daquilo ela foi atingida por um novo ataque de terror?

Lançou um olhar que implorava a intervenção do pai.

— Você vai estar bem, minha querida —- ele reagiu, tentando transmitir segurança, mas sem consegui-lo totalmente, a princípio, e, então, buscando outros recursos. — Além disso, você sabe que eu e sua mãe planejávamos uma viagem. Nós a adiamos por causa do acidente, mas

agora que você e Luc estão bem acho que podemos retomar a ideia inicial. Vá para casa com seu marido. Lá você estará em segurança.

Era impressão dela ou ele havia sido um pouco mais enfático do que o necessário em suas últimas palavras?

— O médico disse que você já está bem. Então é hora de irmos — disse Luc finalmente, estendendo-lhe a mão onde o brilho de uma aliança era notado.

Belinda, subitamente, tomou consciência de seus próprios dedos despojados de qualquer joia. Não havia nem mesmo uma marca onde sua aliança deveria ter estado antes.

— Ah, é claro. Seus anéis. — Luc retirou dois do bolso do paletó, e aproximou-se dela com alguma dificuldade nos movimentos. — Permita-me.

Os dedos dele eram surpreendentemente calorosos ao toque. Envolveram-lhe as mãos com gentileza, e, ainda assim, de maneira a não deixar dúvida quanto aos seus direitos. Como que antecipando a ação de Belinda, segurou-a firme para que ela erguesse o corpo, e ela sentiu sua própria vontade comandada por aquele gesto.

Primeiro ele segurou uma joia ornamentada com diamantes brancos. Ao perceber o brilho das pedras, Belinda lutou para controlar a rejeição em seu corpo, por sentir-se, de repente, marcada como propriedade de Luc Tanner. Uma assustadora sensação de déjà vu a invadiu diante da imagem daquele homem colocando um anel em seu dedo. Ao mesmo tempo, pulsou dentro dela uma excitação suave e inesperada.

Ela tentou se agarrar àquelas impressões para recuperar algo da memória perdida, mas tudo se dissipou tão rapidamente quanto surgiu, fazendo-a se sentir desnorteada e só.

Então, tomou consciência de que Luc Tanner colocava-lhe outro anel, como se o restituísse ao lugar onde sempre estivera e de onde nunca deveria ter saído. Um espantoso diamante cinza-azulado queimava seu fogo frio no centro de uma moldura de mínimos e perfeitos diamantes brancos. Ela teve que recuperar o fôlego antes de fazer qualquer comentário sobre a beleza da aliança.

— Fui eu... quem escolheu isto?

As sobrancelhas de Luc se contraíram de um modo que o fez parecer ainda mais estranho do que antes.

— Você também se esqueceu disso? Por um momento pensei que havia se lembrado.

Ele tinha percebido o flash de memória que ela tivera antes. As implicações da possibilidade de que ele a conhecesse melhor do que ela própria eram exasperantes, pior ainda do que o fato de que Belinda não pudesse se recordar de nada relacionado a ele.

— Não — ela respondeu em um murmúrio. — Eu não me lembro de nada.

— Eu encomendei o anel para você no dia em que nos conhecemos.

— No dia em que nos conhecemos? Mas como... — ela replicou com surpresa.

O olhar de Luc fixou-se no dela.

— Desde então eu soube que você seria minha esposa.

A risada dela pareceu forçada, mesmo em seus próprios ouvidos.

— E minha opinião não teve nenhuma importância no assunto?

— Belinda — ele pronunciou cada sílaba do nome dela com um sentimento de proximidade, fazendo-o soar como uma carícia. — Você me amou antes. E vai me amar novamente.

Ergueu a mão dela em direção à boca e pressionou-lhe os dedos com um beijo suave. Uma aspiração por algo vago e ainda assim muito presente espalhou-se pelo corpo de Belinha. Como se sentiria se fosse beijada por ele? Isso abriria a represa de sua memória, fazendo jorrar as lembranças perdidas?

Luc a puxou para junto de si, fazendo-a sentir o calor de sua pele através das roupas leves. Ela se afastou, apenas o suficiente para romper o contato que já havia causado ao seu coração um pulsar desesperado. Aquele corpo não lhe era familiar, e, ao mesmo tempo, a atraía com uma força imperiosa. Sem dúvida, se haviam sido casados e íntimos, ela teria em algum lugar de seu inconsciente a marca daquela relação.

— O helicóptero está esperando. Não podemos ocupar o heliporto do hospital mais do que o absolutamente necessário.

— Helicóptero? Nós não vamos de carro? Até onde nós vamos?

— Tautara Estate, no sudeste do lago Taupo. Talvez retornar até lá acione algum mecanismo em sua memória.

— Lago Taupo? Mas isso fica a quatro horas de carro daqui. E se... — a voz de Belinda cedeu a uma súbita sensação de desamparo. E se o quê? Tudo já parecia estar previamente decidido e programado.

— E se? — Luc perguntou, com os lábios formando uma linha fina e inquisitiva.

— Nada.

Belinda pendeu a cabeça suavemente, deixando os cabelos caírem sobre o rosto para esconder as lágrimas que afloraram aos seus olhos. Tudo dentro dela gritava que aquilo estava errado, mas ela não podia, de maneira alguma, determinar o que era. Os médicos haviam dito que sua memória voltaria com o tempo, que ela devia evitar forçá-la, mas agora o buraco negro em sua mente ameaçava deixá-la sem forças.

— Então vamos.

Deu dois passos junto a Luc e então parou, deixando-o sem equilíbrio por um instante. Notou que ele usava a bengala para se equilibrar. Estaria

totalmente recuperado? Logo sentiu que esta era uma pergunta que não podia fazer — ele seria muito orgulhoso para admitir qualquer debilidade física. Livrando-se do apoio dele, virou-se para o pai, dando-lhe um abraço.

— Eu vejo você depois, então, papai. Dê um beijo em mamãe por mim.

Ela perscrutou o rosto dele em busca de algum sinal que aliviasse seu sentimento de abandono, mas o pai evitou olhá-la diretamente. Em vez disso, envolveu-a nos braços e segurou-a com um afeto que parecia sincero, mas que continha também um traço de tristeza, de resignação.

— Sim. Pode deixar, minha querida — disse Baxter Wallace com a voz embargada.

— Baxter — interrompeu-o Luc, preciso em sua intervenção como uma lâmina cirúrgica, cortando o que parecia ser o início de uma cena sentimental.

— Vá, querida, tudo vai ficar bem. Você só precisa ter calma — ele pediu à filha.

— É claro que tudo vai ficar bem. E por que não ficaria? — Luc enganchou o braço de Belinda ao seu e guiou-a para a porta.

Pouco depois, quando o helicóptero decolava, Belinda procurou recordar o motivo pelo qual estivera tão excitada ao descobrir que teria alta naquela tarde. Pois agora toda a expectativa havia evaporado. Tudo o que tinha consigo eram as roupas do corpo e os anéis nos dedos — anéis que lhe pareciam tão pouco familiares quanto o homem que dizia ser seu marido. Não tinha sequer óculos escuros para amenizar a luz do sol do final de uma tarde de verão.

Olhou na direção de Luc, sentado na cabine ao lado do piloto. Meu marido, pensou, e as palavras pareceram irreais. Não importava o que dissessem, ele era um completo estranho, e ela sentia que assim seria ainda por muito, muito tempo.

Você me amou antes. E vai me amar novamente.

As palavras ecoaram junto à constatação de que ele não dissera nada sobre seus sentimentos por ela. Nenhuma declaração de amor, por mais simples que fosse, saíra dos lábios de Luc desde que ele entrara no quarto do hospital.

O alívio tomou conta de toda a expressão corporal de Luc Tanner quando o Eurocopter Squirrel aproximou-se de Tautara Estate, sua propriedade no topo de uma colina margeada por um pequeno rio que desembocava no maior lago da Nova Zelândia.

O desconforto de sua posição na cabine do helicóptero havia sido mais do que ele podia suportar com sua habitual postura. Já havia, inclusive, admitido que não era capaz de pilotar em suas atuais condições. Sua recuperação de uma fratura na bacia e um ferimento no fígado tomara mais tempo do que o esperado, devido a uma infecção óssea.

Saber que sua mulher estava apenas a alguns metros de distância, mergulhada em um coma que desconcertara todos os diagnósticos, havia ajudado muito a acelerar sua reabilitação. E a informação de que ela saíra daquele estado veio justamente quando ele fazia uma terapia intensiva para restituir aos músculos o antigo vigor. Ele não tinha vontade de aparecer diante dela como um incapacitado na primeira vez que se vissem depois do acidente. Então, trabalhou duro nas últimas duas semanas, com resultados que, se não eram uma volta completa à forma anterior, tinham sido bastante satisfatórios.

E agora ele estava mesmo bastante satisfeito, porque estava chegando em casa. Com ela.

Seguiram sobrevoando o rio, aonde ele, muitas vezes, levava seus convidados em expedições de pesca, e Luc relaxava com a paisagem familiar, como se sentisse a energia da terra fluindo diretamente para seu sangue. Ali ele, sem dúvida, se recuperaria mais rapidamente, para retomar a direção de sua vida, como sempre tivera e pretendia ter.

Olhava para Belinda, cujo rosto estava voltado para a janela. Um instinto feroz de posse o dominou.

Ela era sua. Com ou sem memória, as coisas deviam voltar a ser como haviam sido — antes do acidente.

Os olhos azuis e enevoados dela estavam sérios ao contemplar a paisagem, sua face pálida, as mãos entrelaçadas sobre o colo. Ela mal havia se movido durante todo o voo. Congelada em um passado distante, ele supôs. Não se lembrava de tê-lo encontrado, de seu namoro e de seu casamento. Não se lembrava do acidente. Uma parte dele queria que ela nunca se lembrasse.

O helicóptero começou a ganhar altitude diante de Tautara Estate, e Luc permitiu-se um sorriso de satisfação. A propriedade era um monumento ao seu sucesso e poder, e era mundialmente conhecida entre milionários, famosos e mesmo entre famílias reais por suas instalações e atrativos naturais. E, nelas, ele se sentia em casa como jamais havia se sentido em qualquer outro lugar antes. As palavras que seu pai um dia lhe dissera o marcaram profundamente, e agora retornavam mais uma vez:

"— Você nunca vai chegar a lugar algum, rapaz. E não conseguirá preservar nada do que é seu."

Você estava errado, velho, ele pensou. Eu sou e tenho tudo o que você nunca foi nem nunca teve.

Sim, agora eles estavam de volta, e tudo ficaria bem.

O piloto aterrissou tranquilamente e Luc desembarcou, virando-se em seguida para ajudar Belinda.

Caminharam em silêncio em direção à imensa mansão principal, diante deles. Ela se deteve de repente.

— Algo errado? — perguntou Luc, lutando contra o impulso de simplesmente tomá-la em seu braço e fazê-la entrar mesmo contra a vontade.

— Eu já estive aqui antes? — ela indagou, com a voz hesitante.

— É claro. Muitas vezes, antes do nosso casamento.

— Então eu deveria me lembrar de algo. Mas não me lembro. Em minha memória não há nada... nada que me faça lembrar daqui.

Luc percebeu a frustração que ela sentia, e ficou um tanto compadecido. Mas a reação de simpatia logo se desfez.

— Entre, talvez algo no interior ative suas recordações.

Tomou-a pela mão e sentiu com prazer que os dedos dela entrelaçavam-se aos seus, como se temesse dar o próximo passo sem tê-lo ao lado. Um sorriso contido se desenhou em seu rosto, e com a outra mão segurou a bengala que insistia em fazê-lo consciente de suas limitações físicas. Limitações que talvez ficassem para sempre como uma amarga lembrança das injúrias e ofensas sofridas durante o casamento.

Sabendo ou não, Belinda pertencia àquele lugar. Ao cruzarem o marco e pisarem no chão coberto com tábuas da reluzente madeira nativa da Nova Zelândia, sob o imponente arco da entrada principal, Luc quis dar um rugido de triunfo. Nada iria interferir em seus planos agora.

Ninguém rejeitava Luc Tanner e saía ileso. Ninguém. Muito menos sua bela mulher.

CAPÍTULO DOIS

Belinda olhou ao redor. Sentia-se completamente deslocada naquele lugar. Nem as ornamentadas vidraças das janelas, nem as portas laqueadas de madeira eram reconhecíveis, e quando ela caminhava no brilhante piso, o som era apenas de um eco distante e perturbador, vindo de algum outro momento de sua vida.

— Deixe-me mostrar nossa suíte.

— Nossa suíte?

— Sim. Eu administro Tautara Estate como uma hospedagem de alto luxo para visitantes de todos os continentes. Eles pagam bem por privacidade, e eu garanto a minha. Nossos quartos estão deste lado.

Luc a conduziu através de outra passagem em arco na direção de um amplo corredor coberto por carpetes e de elevado pé-direito. À direita dela, uma vidraça ocupava toda a parede, oferecendo uma belíssima vista do vale, com o grande lago de superfície reluzente, devido à luz do sol, à

distância. A beleza tranquila do cenário era um contraste perfeito para os nervos inquietos e tensos de Belinda.

Ao final do corredor, Luc usou um cartão para abrir a porta. Ela quase perdeu a respiração ao contemplar o salão rebaixado que apareceu à sua frente. Tinha o dobro do tamanho da sala de estar na enorme casa de seus pais em Auckland. O dobro do tamanho e, ao que parecia, era duas vezes mais confortável e luxuosa.

Desceu as escadas com Luc. Tocou as folhas das palmeiras que estavam ao lado do degrau da base, e fixou o olhar no piano colocado em um canto à sua esquerda.

— Você toca? — ela perguntou.

Os dedos de Belinda percorreram o frio marfim do teclado, lançando ao ar uma nota dissonante que se perdeu na vastidão do ambiente.

— Às vezes — Luc respondeu.

Belinda ergueu o rosto e o olhou diretamente pela primeira vez desde que haviam deixado o hospital.

— E costumava tocar para mim?

De repente, ela precisava saber. O piano era um lindo instrumento — um instrumento da paixão, capaz de expressar os mais profundos desejos e aspirações mesmo quando as palavras estavam ausentes. Enquanto Luc preparava sua resposta, a expressão dele se transformou, ficando mais grave, e o verde de seus olhos adquiriu o aspecto da superfície de um mar revolto pela tempestade. A cicatriz no rosto dele empalideceu e ela notou a tensão em seu maxilar.

— Sim, eu costumava tocar para você — ele finalmente murmurou.

A luz nos olhos dele mudou novamente, refletindo um fogo inesperado que parecia alimentar-se da visão do corpo de Belinda. Ela viu os músculos dele se contraírem, além da coloração que surgiu em ambos os lados da face, como se alguma força houvesse sido libertada de seu interior naquele momento. Teria ele a cortejado com sua música? Teria ela sido seduzida pelo talento daqueles dedos longilíneos enquanto eles extraíam alguma perfeita melodia do piano? Teria ele a tocado também, como quem determina o ritmo e as modulações de uma valsa entre dois corpos ardentes?

Um lânguido estremecimento percorreu a espinha dorsal de Belinda, repercutindo também em sua circulação sanguínea. Sua respiração se tornou ofegante, mas de um modo quase imperceptível.

Ela se obrigou a evitar o contato visual, dando um passo adiante no salão. Apesar do valor de cada peça do mobiliário, pôde perceber que era um lugar utilizado com frequência, ou ao menos teria sido, antes da hospitalização de ambos.

— Mostrarei a você o restante da suíte. — A voz de Luc interrompeu seus pensamentos.

— Parece uma boa ideia — ela replicou antes de segui-lo, subindo as escadas do outro lado do salão até um ambiente informal de jantar e uma cozinha, pequena mas funcional. — Parece que temos tudo aqui — observou.

— Sim, nós temos.

Belinda notou a ênfase sutil que ele havia colocado na palavra "nós". Luc prosseguiu:

— As acomodações têm sua própria sala de ginástica e piscina coberta, e daqui você pode ver uma quadra de tênis. — Ele indicou uma janela. — Meu escritório também fica em um cômodo adjacente.

— Você tem algum hóspede no momento?

— Não. Não desde o acidente.

Belinda franziu a testa, confusa.

— Estamos fora de temporada ou algo assim? Ou os seus funcionários não podem administrar adequadamente sem você por perto?

— Sem dúvida eles podem. Caso contrário não os teria contratado.

— E então?

— Estamos sem hóspedes por problemas pessoais.

Ela hesitou, percebendo que havia alguma tensão em suas palavras, e temendo o que viria em seguida. Mas, enfim, insistiu:

—- Motivos pessoais?

— Sim. Nossa lua-de-mel, para ser mais preciso.

Ele expeliu as palavras como se fossem um veneno letal, e Belinda surpreendeu-se com seu tom de voz.

Mas não apenas com o tom. O que aquilo queria dizer? Nossa lua-de-mel!

— Há quanto tempo estamos casados?

— Não muito.

— Luc? Responda — Belinda falou, dando um passo atrás, encostando-se na parede.

— Os médicos disseram que você precisa ir com calma. E assimilar as coisas devagar.

— Eu lhe fiz uma pergunta simples. Há quanto tempo estamos casados? — ela prosseguiu com dificuldade, pronunciando as palavras como se tivesse que reunir novamente suas forças a cada uma delas.

— Apenas seis semanas.

— Seis semanas? Mas isso significa que... — A voz de Belinda cedeu ao espanto até extinguir-se. Suas pernas ameaçaram deixá-la cair, e ela se apoiou na fria parede.

— Eu não deveria ter-lhe dito.

Luc caminhou na direção dela, que ergueu uma das mãos em protesto contra a possibilidade de ele tocá-la.

—Não! Eu estou bem. Eu vou ficar bem. Isso foi apenas... inesperado, para dizer o mínimo.

Seis semanas? Isso significava que o acidente acontecera pouco depois do casamento. Mas, então, por que ninguém lhe dava mais detalhes do que ocorrera? E por que ela não podia se lembrar?

Luc permaneceu em silêncio, com o olhar nela, procurando a confirmação efetiva de que Belinda estava mesmo bem. Virou-se para abrir as portas que davam para um suntuoso cômodo. Os olhos dela foram imediatamente atraídos por uma cama king-size entre pedestais, que dominava o quarto, perfeitamente arrumada e como que à espera do casal destinado a ocupá-la.

Apesar das grandes proporções do quarto e das vidraças que permitiam a entrada de uma suave luminosidade, ela sentiu as paredes estreitarem-se quase ao ponto de sufocar. Mal podia tirar os olhos do mais fino e imaculado linho branco que cobria a cama. Não havia pensado ainda no que estava previsto para acontecer entre ela e Luc após sua chegada. Teria ele pensado que dormiriam juntos?

Surgiu-lhe a imagem de seu corpo entrelaçado ao de Luc. Sua garganta secou, tornando muito difícil a pronúncia de qualquer palavra.

— Este é... o único quarto?

— Sim. Quando tivermos uma família, vamos ampliar esta parte de nossos aposentos. Já tenho planos a esse respeito.

— Eu preferia dormir em outro lugar.

— É impossível.

— O quê?

— É impossível. Você é minha esposa. Deve dormir comigo.

— Mas...

— Você está com medo de mim, Belinda?

Luc se aproximou o suficiente para ela poder sentir a leve fragrância de sua água-de-colônia, o que a deixou subitamente entorpecida. Ele ergueu os dedos para arrumar uma mecha rebelde do cabelo de Belinda por trás de sua orelha. Ela inclinou a cabeça levemente, interrompendo o contato tão logo ele havia começado, mas não o bastante para deixar de sentir a pulsação que passara a fluir entre seus corpos.

— Medo? É claro que não — ela disse. E era verdade que não estava apenas com medo, estava aterrorizada! Para ela, a relação entre ambos, física ou mental, havia começado no momento em que ele adentrara aquele quarto de hospital poucas horas antes.

— Você acha que seria algo absolutamente inédito? — ele indagou, colocando a mão espalmada por trás da cabeça de Belinda, forçando-a a olhá-lo nos olhos.

— Eu... eu não sei — ela balbuciou. — Eu não conheço você.

— É aí que você está enganada, minha linda esposa. Você me conhece. Intimamente.

Com aquilo, ela ficou sem saída. Por um instante esteve consciente da expressão obstinada no rosto dele ao aproximar-se, até sentir os lábios capturados pela firmeza de um gesto que nem por isso era menos delicado. Sua boca abriu-se em uma reação de surpresa, mas, apesar da determinação em não corresponder àquelas carícias, ela sentiu seu corpo reagir instintivamente. O beijo estendeu-se, exigindo sempre mais, e como um autômato ela dava o que ele pedia.

Belinda cerrou os punhos, evitando com dificuldade que suas mãos o enlaçassem pelas costas e pressionassem o corpo dele contra o seu para aliviar a ânsia que queimava em seu peito. Luc tornou o beijo mais profundo, atingindo com a língua recessos mais íntimos e proibidos da boca que dominava.

Uma flamejante lança de desejo cravou-se em Belinda. Ela lutava contra a desesperadora vontade de ser tocada por ele, de ser levada para além de sua angústia e permitir-se um esquecimento ainda mais completo de si mesma. Mas Luc afastou-se abruptamente.

— Então, parece que não somos tão estranhos assim um ao outro. — Os olhos dele faiscavam ao fixarem-se nos dela, desafiando-a a negar a resposta de seu corpo à investida. — Mas não vou forçar nada, isso eu posso garantir.

Ele foi em direção à porta, deixando Belinda imóvel e só.

— Aonde você vai? — ela disse, por impulso. Por mais que a presença dele fosse desconcertante, assim como suas próprias reações, ficar sozinha podia ser ainda pior.

— Já está com saudade de mim? — Os lábios dele curvaram-se na insinuação de um sorriso. — Eu tenho que cuidar de alguns negócios.

— Negócios? Mas isso pode esperar. Você deve estar cansado. Parece mais fraco do que antes.

Tão logo estas palavras saíram de sua boca ela soube que havia cometido um erro. Luc Tanner não era o tipo de homem que apreciaria uma menção aos seus pontos fracos, mesmo que temporários.

— Quem diria, Belinda... você soa como uma esposa preocupada — ele disse, agora com um sorriso que não era propriamente sinal de bom humor.

— Meus negócios já esperaram muito, na verdade. Sugiro que você descanse, até a hora do jantar.

Ele girou sobre a perna mais forte e deixou o quarto, apoiando-se no bengala pela qual sentia agora um ódio nítido por trás de toda a frieza com que encarava o mundo. Um ódio que mantivera de lado ao despertar nela um clamor de paixão e desejo, demonstrando o mais completo controle de suas faculdades físicas.

Quem era aquele homem que era seu marido? O que a havia atraído nele? E o que, afinal de contas, fizera com que ele ficasse atraído por ela?

Belinda pousou os dedos trêmulos sobre os lábios. Teria sido uma atração física, apenas? Se a reação incendiaria que ela teve com aquele beijo fosse tomada como um indicador, ela, sem dúvida, poderia acreditar nisso. Mas nunca fora declaradamente sensual. Suas relações sempre haviam sido... contidas, para dizer o mínimo. E agora ela sentia que qualquer comportamento civilizado por parte de Luc seria somente uma máscara. Sob a superfície, ele era uma fera indomável.

Então era isso? Ela teria sido atraída por aquele lado selvagem da vida, desesperada por escapar dos limites de seu mundo seguro? Havia trabalhado duro para se tornar a companhia perfeita para seu pai nos últimos anos, enquanto a saúde da mãe declinava de modo inexorável. Deixara em segundo plano a própria carreira de paisagista, trabalhando apenas ocasionalmente para os amigos ricos do pai, sentindo a indulgência com que eles recorriam a ela, como quem estimula os caprichos de uma sobrinha mimada. Não importava que seus jardins tivessem sido expostos em revistas especializadas — sua família, incluindo duas irmãs mais velhas, sempre havia encarado aquilo como um hobby.

Belinda afundou em um confortável sofá de dois assentos, posicionado de modo a oferecer a vista mais fantástica do vale. Sabia de tudo na sua vida até o momento em que conhecera Luc. Por que não podia lembrar-se de nada depois disso?

Não podia, agora, ou não iria nunca mais se lembrar?

A questão congelou até os ossos dela. Levantou-se, determinada a encontrar algo que avivasse sua memória. Ele tinha dito que ela estivera ali, antes, muitas vezes. Certamente, teria deixado alguma coisa pessoal em algum lugar.

Hesitou por um instante, antes de abrir outra porta, com verdadeiro receio do que iria encontrar. Uma coisa era querer saber o que acontecera no passado, outra, bem diferente, era descobrir de fato.

Deu um suspiro de alívio ao ver as luxuosas instalações do banheiro. E logo localizou seus cremes e produtos Chanel, diante de um dos espelhos, reconhecendo sua loção favorita no mesmo instante. Em seguida, agarrou o frasco, colocando sobre o braço um pouco do produto, confortando-se com o odor familiar.

Dentro de um armário encontrou a maquiagem. Inegavelmente, sua maquiagem. Pouco a pouco a tensão começou a ceder. Por mais que Luc lhe parecesse estranho, aquela era sua casa, eram suas aquelas coisas.

Fortalecida com a descoberta, foi verificar o que havia além da outra porta no quarto. Deparou, então, com um vasto closet, com muita roupa caprichosamente arrumada de ambos os lados — roupas para os dois: vestidos, blusas de verão, ternos e camisas esporte. Belinda percorreu com

os dedos tecidos e estampas, em busca de outra flash de lembrança, uma imagem à qual se apegar.

Sentiu leve tremor ao chegar a uma peça ainda envolvida pelo plástico da lavanderia, separada do restante. Mesmo sob a proteção, uma miríade de pérolas brilhava como luminosas gotas entretecidas à cintura de um vestido de noiva.

Ela retirou o plástico. Era seu vestido de noiva. Então, deveria sentir algo, qualquer coisa — tudo menos aquele vazio. Pôs o vestido à sua frente e lentamente se colocou diante do espelho. Tentou se imaginar caminhando na direção de Luc, pronta para prometer seu amor e sua vida a ele.

Nada.

Uma sensação de estranhamento a tomou e ela começou a sentir o início de uma dor de cabeça. Frustrada, recolocou o vestido na proteção para devolvê-lo ao lugar. Então, percebeu o tíquete da lavanderia preso ao plástico. Puxou-o e teve um leve espasmo ao ver a observação de que a peça fora lavada com atenção especial para remover manchas — manchas de sangue! O atendente garantia que todas tinham sido retiradas.

Sangue! Dela ou de Luc?

Esfregou a testa e tentou ajudar a memória, e tudo o que conseguiu foi intensificar a dor. O que quer que estivesse encerrado em seu passado obstinadamente permanecia lá.

Até que, após mexer em algumas gavetas, encontrou jeans e várias camisetas que, mesmo lavadas, continuavam com manchas de terra. Belinda ajoelhou-se e estendeu-as no chão no mesmo instante.

Suas roupas de jardinagem! Finalmente ela reconhecia algo. Suas mãos tremiam enquanto ela tirava os sapatos e as roupas que usara desde a saída do hospital — roupas que os pais lhe haviam levado — para em seguida vestir o jeans. E ele ajustou-se quase perfeitamente ao seu corpo, a não ser por uma pequena folga que podia ser creditada às consequências de seu tratamento. Um sorriso surgiu em seus lábios quando ela vestiu uma das camisetas. Sentiu-se bem, e se tivesse agora um jardim certamente ficaria ainda mais satisfeita.

Deixando as roupas descartadas no chão, Belinda calçou sandálias de borracha e cruzou o quarto em direção à porta que dava para a varanda. Ao abri-la, sentiu o ar fresco com seus odores florais, e ficou revigorada.

Uma escada ia da varanda aos jardins impecavelmente bem cuidados. Belinda olhou ao redor em busca de outro detalhe de reconhecimento, mas não o conseguiu de imediato.

O sol já se punha quando ela encontrou um caminho que levava a um canteiro de ervas, de tijolos antigos, formando um desenho celta, e tendo ao redor uma profusão de folhas que exalavam seus perfumes, enriquecendo o ar da tarde. No centro, havia um relógio de sol, fazendo sombra sobre os alecrins.

Alecrins — para a memória. Ela teria sorrido com a ironia se não fosse tão dolorosa. Ainda assim, de todos os lugares que ela explorara no exterior da casa, era naquele que se sentia mais confortável. Belinda pegou um broto de alecrim entre os dedos e, esfregando-o diante do rosto, inalou seu cheiro profundamente.

E de repente ela soube: aquele era seu jardim. Com esforço e planejamento, determinara a posição de cada planta naquele lugar. Fora ela própria quem plantara a salsa — chegou a recordar este detalhe —, com sua irmã rindo ao lado, dizendo que sempre que uma mulher plantava salsa ela ficava grávida. A esperança de que a antiga crença popular se tornasse verdade foi então bem nítida, como ela recordava agora, e Belinda sentou-se em um banco para receber os últimos raios de sol.

Do jardim ela se lembrava. E como! Levara meses para deixá-lo como estava — mas e quanto ao resto? E quanto ao tempo que teria passado ali com Luc; e quanto à relação dos dois e seus planos para um futuro juntos — e quanto ao amor?

Os olhos de Belinda começaram a se fechar lentamente. Ela percebia que a dor não havia diminuído com o reconhecimento do jardim. E, muito pelo contrário, voltava, agora com mais força.

Talvez fosse apenas a dor que acompanha toda lembrança, ela pensou.

Ou, então — ela agora tinha que admitir esta possibilidade —, era a dor do arrependimento.

CAPÍTULO TRÊS

Luc jogou a caneta Mont Blanc sobre a mesa, displicentemente, sem se importar que era um objeto de edição limitada. Afastou a cadeira de modo brusco. Não conseguia pensar direito naquele dia, e sabia bem qual era o motivo. Belinda!

Um selvagem instinto de posse aflorava. Tivera que se forçar a deixá-la naquela manhã, para dar-lhe espaço, quando tudo que queria era imprimir sua marca no corpo e na mente dela. E poderia tê-lo feito. Ela recebera seu beijo e participara ativamente no que veio em seguida. Mas um senso de honra em seu espírito dizia que ela teria de ir a ele por sua própria vontade.

Levantou-se, cruzou o escritório até a janela que dava para os jardins. Seu primeiro pensamento ao ver a jovem de camiseta e jeans desbotado foi de que havia uma intrusa em sua propriedade. Mas logo percebeu de quem se tratava, com uma reação visceral. Havia acontecido a mesma coisa na primeira vez em que pousara os olhos sobre ela e decidira que seria sua.

A expansão do jardim fornecera o pretexto para recebê-la em Tautara Estate. Ele fizera suas investigações para descobrir que Belinda não resistiria à oportunidade de criar um canteiro para o cultivo de ervas sem igual em todo o país. Didier, o chef que ele, sem constrangimento, tomara da cozinha do Cote D'Azur, havia muito lamentava a falta de uma real variedade de ervas frescas em sua cozinha, e, literalmente, tinha caído aos pés de Belinda para saudá-la pelo jardim.

As estadias dela em Tautara, pontuadas por viagens de volta a Auckland para atuar como secretária do pai em suas inumeráveis funções, deram a Luc oportunidade para iniciar sua campanha. Luc Tanner era o tipo de homem que sempre conseguiu o que queria, e ter Belinda ultrapassava tudo que já conquistara.

Viu-a pela primeira vez em um dos hotéis de uma cadeia comandada pela família de Belinda. Em vez de aproximar-se dela diretamente, dirigiu-se ao seu pai, Baxter Wallace, que sorriu diante do pedido de apresentar a ele sua preciosa filha, recusando-o prontamente. Mas Luc aguardou nova oportunidade, sempre observando-a de longe, sabendo que, um dia, teria sucesso em sua caçada. E a chance veio, como sempre ocorria.

Muitos meses depois, um golpe de centenas de milhares de dólares com cartões de créditos clonados atingiu a cadeia de hotéis de Baxter Wallace. Pouco antes, uma forma rara de câncer havia sido diagnosticada na mulher de Baxter, envolvendo dispendiosos tratamentos no exterior, e ele já havia recorrido a vários empréstimos bancários. A quem poderia recorrer naquele momento de desespero?

Luc Tanner!

Ninguém mais tinha, ao mesmo tempo, os recursos e a motivação para ajudá-lo. E por mais que Baxter se sentisse indigno por procurar o homem de quem antes havia escarnecido, ao final sucumbiu.

Ambos chegaram a um acordo com vantagens para os dois. Um acordo que continuava valendo, Belinda recuperasse sua memória ou não.

Luc a observava naquele momento, sentada em um banco do jardim, com uma das mãos pressionadas contra o rosto. Alguma coisa estava errada. Ela começou a pender para o lado, prestes a cair. Em um átimo ele chamou Manu, seu braço direito em Tautara Estate, para que fossem buscá-la, receando que Belinda estivesse sofrendo uma perda dos sentidos.

Manu chegou até ela antes. As mãos de Luc estavam doloridas devido à necessidade de andar apoiado na bengala, e ele silenciosamente amaldiçoou a debilidade que o tornava incapaz de estar ao lado da mulher quando ela precisava dele.

— Ela está bem? — Luc perguntou ao homem em que mais confiava.

— Está melhorando. Parece que foi apenas um ligeiro desmaio.

Luc ajoelhou-se, ignorando a lancinante dor em seus quadris, e retirou os cabelos da fronte de Belinda no exato instante em que os olhos dela se abriram.

— Luc? — ela balbuciou com a voz fraca e os olhos enevoados.

— Você sofreu um desmaio. Não se preocupe. Manu está checando se existe algum ferimento.

— Ela parece bem, Luc. Nenhum sinal de um golpe na cabeça ou arranhões no corpo.

— Como você se sente? — Ele a envolveu com os braços e ajudou-a a sentar-se.

— Eu... eu não sei o que aconteceu. Num momento estava tudo bem, só tinha um pouco de dor de cabeça, mas logo em seguida veio uma dor insuportável. E, depois, vi que vocês estavam aqui.

— E agora? A dor de cabeça passou?

Tão logo entrassem em casa Luc chamaria o neurologista. Não havia gostado nem um pouco daquela ocorrência. Principalmente por tê-la deixado inconsciente.

— Está passando. Estarei bem em um minuto. Mas o rosto pálido de Belinda contradizia suas palavras. Luc sentiu uma enorme frustração por ter que contar com a força de Manu naquelas circunstâncias. Antes do acidente ele teria erguido Belinda com seus braços e a levado para dentro de casa, mas, agora, mesmo esse simples gesto lhe era negado. Caminharam lentamente até o elevador de uma das entradas, e assim chegaram à suíte.

— Vou providenciar que o jantar seja trazido para vocês — Manu disse ao sair.

— Obrigado. — Luc olhou-o com verdadeiro reconhecimento. — Por tudo.

— Sem problema. Você sabe que estou aqui para o que precisar.

Luc assentiu. Ele e Manu tinham uma relação antiga e firme. Os laços que haviam estabelecido eram imutáveis, desde crianças, quando inventavam arriscadas brincadeiras para fugir à vigilância e à influência dos pais.

Belinda deixou-se cair em um sofá de couro no salão com um suspiro audível.

— Vou chamar o médico — disse Luc.

Foi até uma cômoda e pegou um telefone sem fio, começando a digitar o número sem nem mesmo recorrer ao cartão que recebera dele antes de sair do hospital.

— Não, por favor. Eu vou ficar bem. Provavelmente, preciso apenas repousar. Tenho feito tudo que me disseram para não fazer —- Belinda falou, levantando-se para pegar o telefone da mão de Luc, e recolocá-lo no lugar. — É sério, eu vou ficar bem.

— Você me dirá imediatamente se tiver outra dor de cabeça? — ele insistiu.

— É claro.

Diria mesmo? Algo indicava a Luc que não, mas, no mínimo, ele tinha que dar a ela algum crédito.

— Até que eu esteja certo de que não haverá uma recaída, não quero você fora da minha vista —- disse Luc. Aquilo era um gesto de cuidado tanto quanto uma ordem, e ele percebeu como Belinda ficou tensa com a exigência.

— Isso não vai ser necessário, além de ser muito pouco prático — Belinda argumentou.

— Quero ao menos saber sempre onde você está. — Luc tomou-lhe a mão e a encostou no peito. O ar entre ambos estava cálido com a proximidade dos corpos. — Já quase perdi você uma vez. Não estou preparado para que aconteça de novo.

Ele sentiu o estremecimento que percorreu a espinha de Belinda, a dilatação de suas narinas, a reação do olhar dela ao ouvir aquelas palavras. Na superfície, podiam parecer simplesmente um casal recente em uma cena doméstica. Mas ele sabia que eram mais do que isso.

Belinda permitiu que aquelas palavras penetrassem nos recessos mais remotos de sua mente. Queria sentir-se confortada, protegida, pelo que ele tinha dito, mas em vez disso sentia apenas uma trepidação interna. Luc ainda segurava sua mão, e ela tentou ignorar o batimento forte e ritmado do coração dele, o volume dos músculos sob seus dedos. Também o coração dela começou a bater mais forte, mas sem o mesmo ritmo determinado, quando seus olhos se encontraram.

Ela foi levada a aproximar-se mais dele com aquele olhar. Agora já quase não havia espaço entre os dois. Fora ele que a atraíra para si, ou ela mesma que tomara aquela atitude? Os músculos duros das coxas dele a pressionaram, os quadris deles se tocaram, e a curva suave do ventre de Belinda acomodou-se à rigidez do abdômen de Luc.

Ela passou a sentir a própria respiração como se viesse dele. Já não era muito claro onde terminava um corpo e começava o outro, e ela instintivamente entreabriu os lábios, umedecendo-os com a ponta da língua.

— Luc? — a voz dela surgiu mais como uma súplica do que como um chamado, e ela sentiu a tensão que ele descarregava ao abaixar a cabeça e capturar-lhe os lábios em um beijo que ameaçava todo o precário equilíbrio conquistado por Belinda até aquele momento.

Sentia-se menos aturdida do que ao recobrar a consciência no jardim, mas ainda assim alguma coisa a fazia recuar, impedindo a total entrega física. Afastou-se, sentindo a perda do contato no peito dele como uma dor real quando ele permitiu que ela retirasse a mão.

Luc virou-se e passou a mão nos cabelos em um gesto de ânsia que dizia mais do que todas as suas palavras calculadas. Então, aquele seu marido calmo e controlado podia ter sua pose posta em cheque. Mas por algum motivo aquela constatação não deu a ela o poder que normalmente daria.

— Vou tomar um banho antes do jantar. Venha comigo.

Aquele convite — ou seria mais uma vez uma ordem? — ficou aguardando resposta enquanto ele subia as escadas para o banheiro, com a bengala marcando o carpete como uma espécie de arma de guerra.

A garganta de Belinda não foi capaz de pronunciar palavras de recusa. Eles eram marido e mulher, e não importava o quanto aquele convite lhe parecia absurdo. Mas, ficaria à vontade nua diante de um homem que sentia mal conhecer? Ou, finalmente, redescobriria a familiaridade do seu toque? Deu um primeiro passo na direção dele, sentindo a batalha interna entre o medo e a vontade de descobrir a verdade.

— Belinda. Eu falei sério quando disse que quero você sempre perto de mim. — Luc parou no alto da escadaria, seu corpo vibrando com uma tensão quase palpável. — Você não precisa tomar banho comigo se não quiser, mas tem de ficar aqui no quarto comigo.

— Certo — ela respondeu, de modo hesitante. — Mas acho que também vou tomar um banho. Sozinha.

— Eu preparo para você.

— Isso eu mesma posso fazer.

— Sem dúvida, você pode — Luc disse, em um tom de conciliação. — Mas deixe que eu o faça. Por minha esposa. Nas últimas semanas não pude fazer muita coisa por você.

Ela sentiu uma mensagem oculta nas últimas palavras que só pôde provocar mais inquietação. Balançou a cabeça para tentar livrar-se daquele sentimento. Estava muito frágil. O que não era surpreendente, pois ainda naquela manhã acordara em um quarto de hospital e, agora, estava ali, naquela casa, com aquele homem! E, subitamente, não quis mais esperar para estar imersa em água fresca e límpida, deixando escoar de seu corpo todos os resquícios de uma longa permanência no hospital.

Ao entrar no quarto, viu a jaqueta de Luc jogada sobre a cama. Escutou a água jorrando para a enorme banheira circular.

Ocorreu-lhe, então, um impulso inesperado: e se mudasse de ideia e fosse tomar banho com ele? Sentiu uma espécie de vertigem com o simples pensamento, mas sua mente insistia em recusar a possibilidade. Deixou que seus pés a levassem até a porta do banheiro. Luc estava inclinado sobre a banheira, colocando espuma perfumada na água, e mexendo-a suavemente com a mão. Ela ficou olhando Luc inalar o perfume com uma comovedora expressão de deleite e saudade que a atingiu profundamente.

Não tinha ainda parado para pensar como tudo aquilo estava sendo para ele. Estar casado com ela e então perdê-la para aquela terra de memórias devastadas na qual se encontrava agora, sem qualquer indício de como havia sido sua vida juntos.

— Senti falta disso — ele disse ao vê-la. Sua voz baixou uma oitava. — Senti falta de você.

— Eu... eu sinto muito, Luc. Estou tentando me lembrar. — Suas mãos se contraíram com a dor da frustração que poderia estar causando a ele. — Mas eu me lembrei! Eu me lembrei do jardim! — disse, mais animada, para em seguida ficar subitamente introspectiva. — Foi então que a dor de cabeça se tornou insuportável.

— Não se force a nada, Belinda. Não queremos uma recaída. Deixe que as recordações venham ao seu tempo. — Ele fechou a torneira enquanto falava, com uma desenvoltura que sugeria sua verdadeira potência física. —Aí está seu banho.

Sem olhar para ela mais uma vez, ele virou-se e começou a desabotoar a camisa. Ela não pôde desviar os olhos do movimento que expôs a linha marcada de suas costas. A pele de Luc ainda tinha uma tonalidade dourada pelo sol. Quando ele abriu a correia e jogou-a de lado, ela sentiu como aquele gesto era capaz de despertar nela um desejo profundo — até o momento em que viu a grande cicatriz que traçava uma linha reta através de sua perna direita.

Não pôde evitar um grito ao ver aquilo.

— É uma coisa feia, não é mesmo? — disse Luc, com um pouco de raiva ressoando na voz. — Disseram que vai sumir, como esta — ele apontou a cicatriz cirúrgica no abdômen. — Mas parece que sempre terei dificuldades para andar.

— Ainda dói? — Belinda conseguiu perguntar, com os olhos ainda fixados no local do ferimento. Foi acometida por um acesso de culpa. Tão envolvida em seus próprios problemas, ela não considerara as dores e os ferimentos dele.

— Às vezes sim, às vezes não — ele admitiu, sucintamente, antes de abrir a torneira de chuveiro.

— Aproveite seu banho.

Ele entrou no grande boxe, e ela viu a água jorrar sobre o corpo dele, com riachos correndo através dos cabelos claros e sobre o peito. Apesar de obviamente ter perdido peso no hospital, ele ainda tinha uma composição física admirável. Ao vê-lo passar o sabonete líquido sobre a pele ela, de repente, desejou ter a coragem necessária para juntar-se a ele no chuveiro, e passar ela mesma o sabonete nos músculos de Luc.

Uma onda de calor a dominava. Mas o que estava pensando? Apenas horas antes havia ficado aterrorizada com a perspectiva de viajar com ele e

deixar a segurança do seu quarto de hospital; agora, ali estava, como uma observadora indiscreta, deleitando-se com o corpo dele nu à sua frente.

Tentou concentrar-se no banho que Luc havia preparado para ela. Tinha que prender os cabelos, e sem erro abriu a gaveta onde estavam os acessórios. Com um movimento preciso colocou as presilhas, e, então, deixou seu corpo mergulhar na água perfumada. Quando as bolhas cobriram seu corpo, sentiu-se mais relaxada. Elas lhe dariam alguma privacidade quando Luc saísse do chuveiro, mas, por outro lado, algo a fazia querer atrair sua atenção, algo que ela não podia controlar.

E aquilo, naquele exato instante, constituía seu grande medo. Porque, mesmo assim, não reconhecia em si a mulher que se apaixonara por Luc Tanner e concordara em se casar com ele. Certamente, não havia sido a Belinda Wallace que ela acreditava ser.

Teria que ter mudado muito nos últimos meses antes do acidente, dos quais não podia se lembrar.

Uma transformação drástica, que a teria desviado de sua carreira e de sua proximidade com a família em Auckland. Que a fizera desistir de tudo por ele.

Afundou mais na banheira, deixando a água cobrir seus ombros e esticando as longas pernas. Ao olhar pela janela, na direção do vale, banhado pela luz de um pôr-do-sol esplendoroso, com traços de vermelho e púrpura atravessando o céu, ela pensou que estava diante da mais difícil tarefa de sua vida: a de descobrir quem realmente era.

CAPÍTULO QUATRO

Apesar da apreensão com a maneira como iria se comportar quando Luc saísse do chuveiro, Belinda sentiu com surpresa que aquilo parecia estranhamente familiar. Ainda assim, a tensão alcançou seus ombros e ela voltou a cabeça para o lado e fechou os olhos ao ouvi-lo abrir a porta do boxe.

Sua imaginação ativa criou um quadro muito preciso de como ele puxava uma grossa toalha branca do suporte e começava a enxugar-se. Belinda contou até 100, muito lentamente, antes de abrir os olhos outra uma vez.

Luc estava diante do espelho, passando a toalha numa coxa. Em seguida, ela o viu aplicar o creme de barbear e pegar o aparelho. Havia um toque de sensualidade indefinível mas muito presente em assistir a um homem naquela operação cuidadosa.

Ela fez um movimento mínimo, mas o suficiente para que ele se virasse e a surpreendesse em sua indiscrição. Um sorriso tênue se desenhou nos lábios de Luc.

— Aproveitando o banho? — ele perguntou, de modo informal, mas com um acento que seus olhos desmentiam, fixados na curva dos ombros de Belinda, na pele de seu braço pousado na borda da banheira, na base de seu pescoço, onde se podia perceber um coração pulsante sob a aparente calma.

Se ele tivesse se aproximado e tocado o corpo dela naquele momento, toda a tranquilidade forjada por Belinda desapareceria imediatamente.

— Está maravilhoso — ela respondeu, mas sem saber ao certo se estava se referindo ao banho ou à visão do corpo que tinha à frente.

— Você está com fome? — ele perguntou.

— Sim, acho que é melhor sair agora.

— Não, não se preocupe. Deixe-me checar antes se o jantar já está pronto. — Ele passou uma pequena toalha no rosto e a deixou em um cesto a caminho da porta do banheiro.

Quando retornou, puxava uma pequena bandeja sobre um suporte móvel com uma das mãos. Belinda viu sobre ela um prato de porcelana com pães, queijos e outras iguarias, e um balde de gelo com uma garrafa do mais sofisticado vinho branco de Hawke's Bay. Duas finíssimas taças de cristal estavam ao lado.

— Parece que você já fez isso muitas vezes antes — Belinda comentou ao vê-lo retirar a garrafa do balde e abri-la com destreza.

— E só uma questão de jeito — Luc replicou. Ele encheu as duas taças e estendeu uma para ela, então puxou o banco da penteadeira e sentou-se. Sua toalha caiu um pouco para o lado, revelando uma panturrilha esculpida à perfeição e pouco afetada pelos últimos acontecimentos. Ela desviou os olhos para a janela, onde o vale ainda podia ser admirado, com os últimos resquícios de luz que vinha de trás das colinas. A proximidade e a nudez de Luc ameaçavam descontrolar seu coração. Podia sentir o envolvente calor que emanava do corpo dele.

Belinda concentrou-se no vinho por um instante, deixando que seu sabor tropical e frutado envolvesse sua língua e refrescasse sua garganta. Pelo que retinha de sua memória, estava claro que nenhuma outra pessoa havia causado nela o mesmo tipo de reação em toda a vida.

O que haveria, de verdade, entre ela e Luc? Por que aquela constante consciência física da presença dele sob a superfície de suas palavras e relações formais?

— Prove isso — ele disse, interrompendo-lhe os pensamentos, e oferecendo-lhe um pedaço de queijo estepe.

Ela abriu a boca mecanicamente. Se em algum momento tinha imaginado ser possível retomar o autocontrole na presença de Luc, toda possibilidade desvaneceu no momento em que ele tocou seus lábios.

— Está bom? — ele perguntou.

— Delicioso — ela respondeu, sentindo o sabor do queijo e os mínimos choques que percorriam sua pele. — Mas, Luc, você não precisa me esperar.

— Eu sei — ele simplesmente respondeu. — Mas me permita — acrescentou, cortando uma fina fatia de pão de alho e ervas. —Agora prove este. É uma receita particular de Didier, feita apenas com produtos cultivados em Tautara Estate.

Ao receber o pão em sua boca, Belinda sentiu uma gota de azeite cair sobre seu pescoço e descer até o ombro.

— E me permita também limpar isto — Luc murmurou.

Ele se inclinou para, com a língua, absorver a gota de azeite da pele de Belinda. Todos os músculos dela contraíram-se e por pouco não causaram um maremoto nas águas imóveis da banheira. Seus dedos apertaram a haste da taça de vinho, e ele teve que se conter para não romper a delicada peça de cristal.

— Quer mais? — Os lábios dele sussurraram próximo ao ouvido de Belinda.

— Ma... mais? — ela mal podia conceber o verdadeiro significado da palavra.

— Mais antepasto? — Ele recuou, deixando-a transtornada.

— Eu...

— Prove este.

Incapaz de tomar qualquer atitude a não ser abrir a boca, Belinda sentiu o sabor de uma alcachofra. Aos poucos, ele prosseguiu com o ritual, fazendo-a alternar as mais deliciosas iguarias com refrescantes goles de vinho.

Luc prosseguiu também com a conversa, mantendo o foco em assuntos gerais. Não mais tocou o corpo de Belinda, e ela estava chocada por perceber o quanto queria que ele o fizesse.

Quando a taça dela estava vazia, ele a pegou para recolocá-la na bandeja, levantando-se com a ajuda da bengala.

— Nosso prato principal deve estar pronto. Vou deixá-la para que se enxugue e se vista, a não ser que precise de alguma ajuda.

Luc olhou uma última vez a silhueta dela nas águas espumantes da banheira. Uma pulsação peculiar era visível nos músculos laterais de seu pescoço, e uma faixa de suor brilhava em sua testa. Belinda sentiu certo alívio ao perceber que também ele não podia ficar indiferente àquela situação.

— Não, obrigada. Posso fazer isso sozinha.

— Certo. Mas não demore. Lembre-se do que falei sobre ter você sempre ao meu alcance.

—Eu me lembro. Mas não achei que precisávamos ficar tão próximos — ela replicou, com um toque de ironia que a fez retomar um pouco do controle.

— Belinda, eu ainda não cheguei nem perto de onde quero chegar — ele respondeu, com um olhar flamejante que a fez perder o equilíbrio recém-recuperado. Mas logo em seguida Luc retomou seu tom habitual. — E, como eu disse, não demore. Estarei esperando por você.

Ela ficou olhando para o chão por alguns minutos depois que foi deixada só. Aquelas palavras eram mais do que pareciam. Havia nelas uma ameaça que punha em risco todo o controle que Belinda podia ter sobre si mesma, e não apenas sobre seus sentidos, mas também sobre sua personalidade, ou, pelo menos, o que ela sabia sobre sua própria personalidade.

Luc era um enigma lançando mensagens que a acalmavam e transtornavam alternadamente. O homem com quem ela dividira o antepasto era completamente diferente daquele que a trouxera do hospital, ou o que estivera ao seu lado quando despertara do desmaio no jardim. Mas qual era o verdadeiro Luc Tanner? Por qual deles ela havia se apaixonado?

Quando já havia se enxugado e foi até o quarto buscar suas roupas, ele de fato a estava esperando, casualmente vestido com jeans pretos e uma camisa pólo escura, de uma cor que realçava seus olhos verdes. A respiração dela parou diante daquela imagem. Em sua beleza, Luc era, ao mesmo tempo, um bálsamo e algo terrível de se olhar.

Ela entrou nervosa no closet e retornou vestindo calça de linho azul e blusa creme.

— Estou bem assim? — perguntou, pouco confortável com o escrutínio silencioso de Luc.

— Você fica linda com qualquer roupa. Venha. Manu preparou a mesa para nós na varanda para que possamos aproveitar a noite de verão.

Belinda o seguiu. Velas acesas sobre a mesa faziam a magnífica prataria reluzir. Em um pequeno aparador ao lado, recipientes aquecidos e uma colorida salada fresca aguardavam. Ela se sentiu transportada para um conto de fadas.

O cenário era perfeito, com o vale escuro exibindo ao fundo as luzes da periferia de Taupo. Ela ouviu as notas de sua ópera favorita ressoando suavemente dos alto-falantes da varanda, e o aroma exalado dos pratos quentes deram um último toque ao encantamento da situação. Era divino!

— Disse a Manu que nós mesmos nos serviríamos esta noite — disse Luc, erguendo a tampa de um dos recipientes para expor pequenas batatas salteadas com especiarias, e estendendo para Belinda um prato.

Ela reconheceu a fina porcelana importada. Eles a teriam a escolhido juntos, ou aquilo simplesmente fazia parte do cotidiano de Luc?

— Você está pensativa. Forçando a memória de novo? —A voz de Luc invadiu seus pensamentos.

— Eu reconheço este prato. Nós o escolhemos juntos?

A surpresa emergiu por um átimo no olhar dele, mas já havia recuado quando falou:

— Sim, nós o escolhemos. Você me ajudou em tudo antes do casamento. Era importante para você.

E ele a havia encorajado, estava certa disso. Estava disposto a tudo para mantê-la consigo, e precisava então transformar Tautara Estate em uma casa para ela tanto quanto era para ele.

— Eu sei — ela disse, hesitando ainda um pouco.

— Quero dizer, eu não me lembro, mas aqui dentro — apontou o próprio peito —, aqui dentro eu sinto. Luc não disse nada em seguida, mas Belinda notou a tensão em seus ombros e em sua fronte. Ele teve que se recompor para confirmar:

— Isso é ótimo. Você está fazendo progressos. Então, começaram a se servir. Ela colocou no prato finíssimos filés de truta com molho de ervas, batatas e folhas verdes, que combinariam com o que restava do vinho. Havia tanto tempo que não comia nada de sabor tão delicado! Ambos ficaram em silêncio, mas aquele silêncio não era de constrangimento, era uma espécie de homenagem à beleza da vista e à dádiva daquela refeição.

— É tão bonito aqui! — ela suspirou. — Como você consegue deixar este lugar quando precisa?

— Algumas vezes, os negócios exigem. Mas na maior parte do tempo eu estou mais do que satisfeito por poder permanecer aqui. Tautara Estate tem 6.500 hectares. Há sempre muita coisa a fazer. — Ele sorriu ao ver que Belinda reprimia um bocejo. — Por que você não se deita? Teve um dia muito exaustivo, e reconheço que também preciso de um descanso.

— Sua perna dói?

— Não mais do que o normal — Luc respondeu com um gesto para que ela não se preocupasse.

— Há algo que eu possa fazer por você?

Os lábios dele formaram uma estreita linha antes de pronunciarem:

— Não. Apenas seja quem você é.

Ser quem ela era. Justo agora ela daria qualquer coisa para saber exatamente o que aquilo significava.

Luc se apoiou na bengala para levantar-se da cadeira. Ela pôde perceber a momentânea expressão de dor que ele tentava disfarçar.

Será que tudo sempre fora assim entre eles? Com Luc sempre escondendo suas verdadeiras emoções e pensamentos? Ela não podia se imaginar apaixonada por um homem emocionalmente tão fechado em si

mesmo. Sua família sempre havia sido aberta e afetuosa. Compartilhavam alegrias e preocupações — pois um problema dividido é apenas meio problema, como o pai dela costumava dizer.

Teria ela com Luc um casamento frio e distante?, Belinda indagou-se. Algo dentro dela dizia que não, mas o que esse algo queria dizer tampouco parecia menos perturbador.

CAPÍTULO CINCO

Quando retornaram à suíte, os nervos de Belinda haviam atingido um estado crítico. As cortinas tinham sido puxadas, e um abajur lançava uma luz aconchegante sobre a cama. Uma cama que ela agora iria compartilhar com seu marido. Alguém estivera no quarto e a preparara para que eles se deitassem. Uma solitária rosa fora colocada em cima da cômoda.

A iminência de passar uma noite com Luc provocou uma terrível reação. Seu coração saltava sem rumo no peito e ela mal conseguia manter o ritmo da respiração. Poderia fazer aquilo? Não sabia nem mesmo em que lado da cama deveria se deitar. Como se estivesse lendo seus pensamentos, / Luc sorriu.

— Você costuma dormir aqui. — Ele indicou o lado da cama em que estava a rosa. — Embora possamos trocar, se isso lhe deixar mais confortável.

Apenas camas separadas a deixariam mais confortável naquele momento. Ou, de preferência, quartos separados. Ela se forçou a olhá-lo diretamente nos olhos.

— Não, assim está bem. Se é como sempre foi... O sorriso de Luc se congelou antes que ele esboçasse uma resposta.

— Belinda... — O toque do telefone celular o interrompeu. Ele verificou a identificação da chamada. — Com licença. Preciso atender. Pode levar algum tempo.

Belinda o olhou sair do quarto, com uma voz murmurante que desapareceu após ele ter passado pela porta. Ela foi ao closet e pegou uma camisola vermelha em uma gaveta. Com mais pressa do que cuidado, tirou as roupas e vestiu a camisola. Era uma peça leve, com uma faixa que lhe envolvia a cintura com a suavidade de uma carícia.

Ela se perguntou se já lhe pertencia ou se a camisola fora parte do enxoval. Passou as mãos pelo tecido. A simples ideia de que Luc fizesse o mesmo a deixou sem fôlego.

O que estava errado com ela? Em sua mente, reagia como uma virgem amedrontada, mas seu corpo dava respostas muito diferentes ao toque de

Luc. Balançou a cabeça e foi ao banheiro. Todos os eventos do dia só a deixaram mais confusa. Ela estava exausta. De repente, aquela cama enorme e macia ficara muito convidativa.

Vendo seu reflexo no espelho do banheiro, Belinda pensou se não deveria ter escolhido uma simples camiseta para dormir. As alças que pendiam de seus ombros davam-lhe uma impressão de fragilidade luxuriosa, e o toque do tecido vermelho em sua pele era como uma sensual antecipação do amor. Ela deu um suspiro de frustração. Estava ficando louca, e tinha que parar com aquilo.

Sentou-se na penteadeira e pegou uma escova, penteando os longos cabelos pretos com força, como uma forma de autopunição.

Um movimento na porta deteve sua mão. Luc entrou e pegou a escova.

— Está tentando arrancá-los? — foi a censura gentil que ele pronunciou ao encarregar-se com cuidado da operação. — Achei que estaria na cama — prosseguiu, encontrando os olhos dela no espelho.

Então havia percebido seu medo? Ele a conhecia melhor do que ela pensava, mas, afinal, tinha mesmo que conhecer. Até mesmo melhor do que ela própria se conhecia. Lágrimas começaram a escorrer dos olhos de Belinda.

Luc interrompeu a escovação, pondo as mãos nos ombros dela.

— Belinda?

Ela desviou os olhos dele e enxugou a umidade do rosto.

— Estou bem. É só o cansaço.

— Compreende-se. Foi um longo dia. Para nós dois. — Ele a ajudou a levantar-se. — Vá para a cama. Estarei com você em um minuto.

Ela não podia determinar se sentia alívio ou desapontamento por ele não ir deitar-se com ela naquele instante.

— E você, também não está cansado? — perguntou.

— Sim, mas tenho novidades. Convidados que não eram aguardados para até a próxima semana resolveram chegar depois de amanhã. Manu e eu temos que providenciar algumas coisas.

— Convidados? Já?

— Não é o ideal, mas não podemos dispensá-los.

— Costumam vir sempre?

— De certa forma, sim.

— Então devem ter expectativas. Precisamos corresponder a elas. Você não pode proporcionar menos do que estão acostumados. Não faria isso em circunstâncias normais.

Justo agora Belinda não podia imaginar nada pior do que ter convidados, mas aquilo dizia respeito aos negócios de Luc. O fato de que houvesse reservado seis semanas para a lua-de-mel que não tiveram significava que, mais cedo ou mais tarde, teria de voltar ao trabalho. Além

disso, o quanto antes ela retomasse o curso normal da vida, melhor seria para sua memória e sanidade mental.

— Você fala como a verdadeira filha de um dono de hotéis. Mas nos ocuparemos disso amanhã. Agora, cama.

Ele deu um suave beijo na testa de Belinda e a conduziu para o quarto. Quando ela estava acomodada, apagou as luzes. Ela o pegou pelo braço.

— Por favor, deixe o abajur aceso até você voltar.

— Não vai lhe incomodar?

—Não. Eu me acostumei no hospital. Além disso, não há nada que possa me manter despertada agora.

Os olhos de Luc responderam imediatamente àquilo que ele sentiu como um desafio. Belinda também sentiu o corpo reagir sob o tecido da camisola.

Não podia negar. Existia algo entre os dois. Por mais estranha que fosse a situação, um campo magnético surgia da mais breve aproximação de Luc e tornava secundárias todas as outras questões. Antes de partir, ele passou a mão por seu ombro e seu braço, deixando a pele de Belinda em brasa com aquele toque final.

Mal ouviu o som da porta se fechando. Estava ocupada em conter o impulso de chamá-lo de volta para que se deitasse ao seu lado. E, depois disso, tentou não pensar em mais nada para poder dormir. Não pensar, sobretudo, no quanto estava perdida, atordoada, e só.

O encontro com Manu havia sido produtivo, e Luc retornou à suíte um pouco mais calmo. Os hóspedes chegariam em dois dias, a tempo de tomar alguns drinques antes do almoço. Então, se Belinda estivesse bem disposta, acompanharia a mulher do casal de helicóptero até Taupo para fazer compras, enquanto seu marido levaria o homem para uma pescaria em um dos rios da propriedade.

A mulher.

Luc contraiu o maxilar com um incômodo pressentimento. Ele não tinha dúvida de que as intenções de Demi Le Clerc não haviam sido as mais ingênuas quando pediu ao seu assistente que ligasse para Tautara Estate e modificasse a data da reserva. Sua intranquilidade só aumentara quando ele pediu a Manu que a informasse da impossibilidade da mudança, e este tentou em vão encontrar a célebre cantora de jazz, que estava "em trânsito" com o noivo. Com os meios de comunicação atuais, Luc não podia acreditar que ela estivesse de fato fora de alcance, e, portanto, creditou o fato a um ardil de Demi Le Clerc. Que ela soubesse tão prontamente do retorno dele a Tautara também só podia se dever à sua onipresente rede de contatos.

Manu iria pessoalmente tentar descobrir se a informação partira de alguém de dentro da casa. Confidencialidade e lealdade eram sagradas. Se alguém as havia violado, seria imediatamente dispensado.

Luc sentiu um sabor amargo na boca ao pensar no encontro de Demi com Belinda. Estava relutante em expor a mulher enquanto ela ainda estivesse tão vulnerável, mas, por outro lado, isso poderia ser uma boa ocasião para ela. Que mal Demi poderia lhe fazer quando Belinda não se lembrava de nada dos meses anteriores ao acidente? Não tinha ideia de que o casamento deles havia catalisado uma reação de Demi, levando-a a quebrar recordes de divulgação jornalística com o anúncio de seu noivado com Hank Walker, um bilionário de idade já avançada.

Luc havia sido tolo em permitir que Demi pensasse que a relação entre ambos era mais do que uma amizade casual. Nunca alimentara a ideia de casar-se com ela, apesar das insinuações dela. Haviam feito amor apenas uma vez — como um casal apenas em busca de conforto físico, sem nenhuma outra justificativa além dessa.

Foi até o piano no salão escassamente iluminado. Estava muito inquieto para dormir. Fechou os olhos e permitiu que seus dedos passeassem pela teclas, buscando na música um relaxante para os músculos e para a mente.

Tocar um instrumento havia sempre provocado aquele efeito nele, desde a adolescência, embora na época ele não fosse o tipo de rapaz que admitiria uma habilidade como aquela. Roubar carros por diversão e entrar em casas alheias eram mais seu estilo. Foi durante uma dessas incursões que ele dera com um senhor idoso que, ao expulsá-lo de sua propriedade, convidou-o a voltar pela porta da frente, pois percebera em Luc uma característica insuspeita a ele próprio. Passaram-se seis semanas antes que ele voltasse à casa do Sr. Hensen. O pianista aposentado notara que ele precisava de uma válvula de escape para sua energia juvenil que não fosse a da autodestruição. Insistiu em dar aulas a Luc — aulas que foram recusadas, a princípio, mas depois aceitas, com ressalvas cada vez menos enfáticas.

Fazia muito tempo que Luc não pensava no Sr. Hensen. Muito tempo desde que se permitira sentir saudade dele de um modo que nunca havia sentido de seus pais.

Ao deixar uma nota final suspensa no ar, ele abriu os olhos. Belinda estava sentada, com as pernas encolhidas, sobre um sofá. Os olhos dele registraram com prazer a imagem. Havia sido uma tortura deixá-la sozinha na cama, quando quisera tanto deitar-se com ela que precisou reunir todas as forças para conter seu impulso — o impulso de reimprimir sua marca naquele corpo e naquela mente de modo que nunca mais se esquecessem dele outra vez.

Tentou controlar seus pensamentos. Luc Tanner não chegara onde estava hoje com impulsos. Não, tudo em sua vida era estritamente calculado. Ele aprendera o que a falta de autodomínio pode fazer com uma pessoa, como podia fazer dela uma vítima derrotada por si mesma. E as

vítimas derrotadas não tinham o respeito deste mundo. Talvez compaixão; mas ele já tivera sua cota de compaixão e boas intenções, e agora prezava, acima de tudo, o respeito em todos os aspectos da vida.

— Você toca muito bem — disse Belinda, hesitante ao romper o silêncio.

— Não queria acordar você.

— Não acordou. Fiquei acostumada a barulhos noturnos no hospital. Na verdade, o que me despertou foi o silêncio. E, depois disso, ouvi o piano. Como foi o encontro com Manu?

— Está tudo organizado. Tem certeza de que está bem assim para você? Eu posso passá-los para outra propriedade se necessário.

— Está tudo bem. Na cama eu comecei a pensar em algumas coisas e cheguei à conclusão que, por mais amedrontador que pareça, eu preciso retomar alguma normalidade cotidiana. Não posso voltar no tempo e ver o que aconteceu, mas também não posso ficar parada esperando um raio de iluminação.

Isso vai me deixar louca. Tudo à minha volta parece novo e, ao mesmo tempo, familiar, algumas vezes. Até mesmo a música que você estava tocando. Você já a tocou para mim, não?

— Sim.

Luc fechou os olhos. Sim, ele já a havia tocado antes. A última vez, quando pedira Belinda em casamento. Haviam passado o dia percorrendo a propriedade juntos, fizeram amor pela primeira vez ao lado do rio, depois de um piquenique — e o corpo dele pulsava agora com a lembrança de como ela se entregara completamente na ocasião. O que só confirmava suas suspeitas.

Ele nunca quisera nada ou ninguém em sua vida como queria Belinda, a companhia perfeita para o mundo que queria construir. Ao voltarem para casa, Luc já havia tomado a decisão de agir no sentido de torná-la sua esposa. E ainda se lembrava agora da sensação de triunfo no momento em que ela dissera "Sim".

Naquele instante, caíram no chão e fizeram amor mais uma vez. E tudo o que ela vestiu nas 24 horas seguintes foi o anel de noivado com o diamante azul.

— Toca mais alguma coisa para mim? — A voz de Belinda surgiu em meio às suas divagações.

— Uma outra hora — ele disse, levantando-se e pegando a bengala.

Estendeu a mão para ela para irem juntos para o quarto. Enquanto ele tirava as roupas, ela se acomodou, fechando os olhos e mantendo a respiração regular.

Afinal, parecia ter dormido. Mas, quando ele se pôs sob os lençóis, virou o rosto para ele e disse:

— Luc?

Ele tocou os cabelos que lhe caíam sobre o rosto.

— Hummm?

— Quando disse antes... — Belinda respirou fundo. — Quando eu disse antes sobre voltar à minha vida anterior, à normalidade, eu estava me referindo a todos os aspectos da normalidade. Sem dúvida, não somos estranhos um ao outro. Sempre que você me olha meu corpo me diz isso.

Luc reprimiu um sorriso de satisfação ao escutar aquelas palavras, vendo como ela pensava com cuidado no que ia dizer em seguida.

— O que eu quero dizer é... que se você quiser... você sabe. Talvez vá me ajudar — Belinda terminou em um tom entre a confiança e um tímido constrangimento.

Luc passou um dedo pelo rosto dela até deixá-lo sobre a curva dos lábios. Quisera que ela o procurasse por sua própria vontade, e era o que ela estava fazendo. Mas um resquício de desconforto com a situação persistia.

— Não — disse, surpreso com a própria resposta.

— Você não me quer? — ela perguntou, parecendo magoada e aliviada ao mesmo tempo.

— Ah, eu a quero muito. Mas essas coisas devem acontecer no tempo certo. E ainda não chegou a hora. Não vamos fazer amor apenas porque você quer recuperar sua memória.

Ele inclinou-se para tocar-lhe os lábios com os seus, contendo sua besta interior que queria aproveitar-se das circunstâncias. Por mais atormentado que estivesse, teria de esperar.

Ela deu um suspiro tênue.

— Boa noite, Luc.

— Boa noite.

Ela virou-se para o outro lado, e Luc a envolveu com o braço, segurando-a contra seu corpo. Percebeu como ela se enrijeceu ao sentir a evidência do seu desejo, mas logo em seguida relaxou, pois aquilo era também a evidência de que ele não a estava recusando por falta de vontade.

Ele permaneceu acordado por muito tempo ainda, deleitando-se com a maneira como seus corpos se encaixavam. Seus instintos exigiam a ação, a satisfação plena de suas demandas, mas isso só poderia acontecer quando ela estivesse realmente preparada para sentir mais uma vez todo o poder da conexão entre os dois. Só fariam amor novamente quando ela se lembrasse de como aquilo era uma necessidade vital para ela, uma verdadeira compulsão que nenhum dos dois poderia negar.

A satisfação física da relação de ambos havia sido um bônus inesperado — mas também um indicador, afinal, de que ele estivera certo o tempo todo desde que a vira pela primeira vez.

Então sua vida, seus planos e suas convicções deveriam seguir como antes. E assim o episódio do acidente seria apenas um infeliz intervalo na história de seus sucessos.

CAPÍTULO SEIS

Na manhã seguinte Belinda acordou se sentindo descansada como há muito tempo não ocorria. Mas, com a luz fresca da manhã e o lugar vazio ao seu lado na cama, a ansiedade instalou-se em sua mente mais uma vez.

O que acontecera com a trepidação nervosa que ela sentira quando vira Luc pela primeira vez no hospital? Belinda havia sido levada a ter contato direto com ele apenas horas depois — e, para ser sincera, tinha de admitir que não sem um impulso próprio. Teria Luc se esforçado para parecer confiável o tempo todo, de modo que ela cedesse em sua fragilidade? E não era isso o que se dizia das vítimas da síndrome de Estocolmo — que se tornavam dependentes e eram cativadas pelos seus sequestradores?

Fora o óbvio — o fato de que ela não podia lembrar-se de parte de sua vida —, havia ainda algo que parecia muito obscuro em tudo aquilo. Alguma coisa que ela sentia mesmo agora, ao aproximar-se da mesa do café-da-manhã, enquanto Luc lia um jornal como se parte dele permanecesse em uma sombra inacessível aos olhos de Belinda.

A única coisa que ela podia fazer, por enquanto, era seguir em frente. Devia isso aos dois. Ele era seu marido.

— Bom dia — disse Luc, dobrando o jornal e colocando-o de lado. — Você dormiu bem?

— Muito bem — ela respondeu, e um tênue rubor assomou ao seu rosto com a lembrança da sensação de tê-lo às suas costas, na cama.

— Que bom — Luc assentiu com satisfação. — Como a partir de amanhã vamos estar tecnicamente trabalhando, planejei alguma diversão para hoje.

— Diversão? Isso soa bem. O que você tem em mente? — Belinda pegou a garrafa de café para encher a xícara de Luc. Sua mão parou no meio do gesto. — Me desculpe. Não perguntei se queria mais.

Luc lançou-lhe um olhar bem-humorado.

— Sempre tomo duas xícaras de manhã.

As implicações daquela resposta ecoaram na mente dela. Como podia instintivamente lembrar-se daquilo, e não lembrar-se dele! Os labirintos da mente eram mesmo impressionantes. O neurologista havia lhe dito que, em meio a grandes vácuos de memória, simples atos cotidianos podiam retornar. Estar ali — e estar com Luc —, obviamente, acionava esse mecanismo.

Ele pôs a mão sobre a dela, que continuava segurando a garrafa. Belinda tentou não se esquivar do toque e da perturbação que a proximidade de Luc voltava a lhe provocar.

— Você se lembrou disso sem esforço. Não analise. Deixe acontecer apenas.

— Como posso fazer isso se não percebo mais a diferença entre uma coisa e outra?

— Não se preocupe. Você vai chegar a um equilíbrio. E quem sabe o que pode acontecer hoje?

Ele liberou a mão dela, deu um último gole no café e levantou-se.

— Aonde nós vamos? — ela perguntou.

— Pensei em dar uma volta pela propriedade. Aproveitar o dia, sem maiores compromissos. O que você acha? — ele perguntou com um sorriso.

Uma sensação não muito diferente do medo tomou conta de Belinda. Parecia haver algo por trás daquela proposta.

— Só nós dois?

— Isso a incomoda?

— Não, de maneira alguma. Deveria? — Ela tentou também esboçar um sorriso.

— Se você prefere ficar dentro de casa, tudo bem — Luc respondeu, olhando pela janela como quem lamenta o capricho de uma criança.

— Não, não! — Belinda reagiu. — Está mesmo um dia fabuloso...

— E, se isso atenua seus medos, Manu vai ser nosso motorista.

— Eu poderia dirigir — Belinda se ofereceu. Luc parou, contrariado. Seu rosto empalideceu visivelmente. O que ela havia dito de errado?

— Ou não — Belinda tentou aliviar a súbita tensão no ambiente.

— Melhor não — Luc confirmou, parecendo ter recuperado o equilíbrio. — Não ainda. Quanto tempo você precisa para estar pronta?

— Dez minutos. Então serei toda sua.

— Toda minha? — Luc falou em um tom que arrebatou Belinda com uma sensação de déjà vu.

Ela se apoiou no encosto de uma cadeira. Pequenos pontos negros flutuavam diante de seus olhos. Respirou com concentrada atenção, deixando que o ar lhe enchesse os pulmões. Sentiu a mão de Luc em suas costas, como um gesto de cuidado do qual ela estava precisando naquele momento.

— Você está bem?

— Estou — ela disse, ainda um pouco trêmula.

— Não deixe de pegar uma jaqueta. Pode esfriar. E ponha calçados confortáveis para caminhada. Certo?

— Vamos ficar fora o dia inteiro?

— Se estiver bem disposta, sim. Encontro você no portão de entrada.

Após lavar o rosto e se maquiar, ela já havia levado uns cinco minutos a mais do que havia pretendido. Mas isso serviu para deixar seus nervos mais tranquilos, ao rever Luc. A reação dele ante a possibilidade de Belinda dirigir fora inesperada. Ela possuía carteira de motorista desde a adolescência e sempre havia tido bom desempenho, mas ele pareceu completamente desconfortável — para dizer o mínimo — com a proposta dela.

Mas, tudo bem, ela suspirou. Assim poderia aproveitar a vista muito mais do que se estivesse concentrada no volante.

Ficou surpresa ao ver que Luc havia sentado ao lado dela no banco de trás, e mencionou o fato. Luc respondeu tomando-a pela mão:

— Já fiquei longe de você por muito tempo. E por que não ficaria ao lado de minha mulher?

Havia uma intensidade em suas palavras que, ao mesmo tempo, a tranquilizava e deixava exasperada. Sentiu um ligeiro estremecimento. O que estava ocorrendo? Todos os seus sentimentos contradiziam outros imediatamente anteriores. E sob todos eles havia o pressentimento de que algo não estava certo, de que estava vivendo uma vida que não era a sua. Talvez devesse ter deixado que Luc chamasse o médico no dia anterior. Aquela estranha e constante sensação de deslocamento não podia ser normal.

Ele chamou sua atenção para as terras que se estendiam à frente de ambos e descreveu as atividades de plantio e extração da propriedade, enquanto desciam a estrada lateral de uma colina em direção ao vale. Em todas as direções, tudo o que ela podia ver eram terras de Tautara Estate. Começou a ter melhor noção da abrangência dos negócios do marido, e de quantas pessoas ele empregava.

— E Luc está sendo modesto — Manu interveio. — Nós temos alguns dos melhores pontos de pesca e caça em toda a Nova Zelândia, e os aventureiros podem fazer rafting também.

— Parece que há de tudo aqui — Belinda comentou.

— Nós fazemos o melhor para agradar aos hóspedes, não é, parceiro? — Manu disse olhando Luc pelo espelho retrovisor.

— Fazemos — Luc respondeu de modo seco e enigmático.

Apenas uma hora depois chegaram a uma clareira, onde Manu estacionou o veículo e abriu a porta para que Belinda saísse.

— Aqui estamos. Vou fazer aquilo que combinamos esta manhã, certo?

— Obrigado, Manu — Luc respondeu.

— Você tem certeza de que está bem? — Manu perguntou ainda. Havia uma nota sincera de preocupação que indicava que ele podia não estar muito confortável em deixá-los sozinhos ali.

— Estou. Não se preocupe. Além disso, tenho uma bengala e nosso walk-talk. Posso chamá-lo se for preciso.

— Faça com que ele me chame de fato. — Manu dirigiu-se a Belinda, com uma sombra de gravidade nos olhos para indicar que não estava brincando. — Se ele sentir qualquer tipo de dor.

— Pare com essa bobagem, Manu — disse Luc visivelmente irritado.

— Você chama minhas preocupações de bobagem? Com o desmaio de Belinda ontem e com o seu estado físico, não sei nem se deveria permitir este passeio.

Apesar de ele tentar colocar algum humor em suas palavras, Belinda percebeu que havia um fundo de verdade no que dizia. Tentou acalmá-lo.

— Vou cuidar de Luc, fique tranquilo. E se sentir que não vamos aguentar, qualquer um dos dois, chamaremos você. Certo?

— Certo, então nos vemos mais tarde.

Ainda murmurando algo, Manu voltou ao carro e à estrada.

— Pode ser que ele tenha razão — Belinda comentou. — Nós ainda não estamos totalmente recuperados.

— Você está preocupada? — Luc lançou-lhe um olhar inquisitivo.

— Não. Na verdade, talvez seja bom passar um dia ao ar livre.

— Sei o que você quer dizer. Mas se quiser voltar a qualquer momento, me diga.

Ela pensou em dizer o mesmo a ele, mas deteve-se ao imaginar como isso poderia ferir seu orgulho, o que Manu já havia feito o suficiente.

— Então vamos.

Luc tomou-lhe a mão e a conduziu por uma trilha bem demarcada ao lado de um rio encachoeirado. Ao redor, o som dos pássaros e das cigarras enchia o ar. Uma brisa morna soprava. Ela estava contente por terem deixado as jaquetas no carro. Apesar de seus medos, Belinda começou a relaxar. Luc parava a cada 15 minutos para assinalar coisas fora do comum — uma planta silvestre ou o movimento de um peixe na água.

— Vamos descansar um pouco — ele disse enfim, deixando a bengala no chão e esfregando a lateral dos quadris.

— Sua perna está doendo?

— Um pouco. Mas só preciso de uma parada.

— Tem certeza?

— É claro que tenho. Além disso, vamos aproveitar a vista.

Belinda corou diante de seu olhar. A julgar pelo seu tom de voz, Luc não estava falando sobre a paisagem. Ele ergueu uma das mãos para tocar-lhe os cabelos, e seus dedos deslizaram até a base da nuca de Belinda.

— Diga que você não quer que eu faça isso.

O rosto dele aproximou-se, com os lábios sutilmente entreabertos. Mesmo que se sentisse capaz de rejeitá-lo, Belinda não acreditou que o faria.

Consciente do que estava fazendo, avançou o rosto e tocou-lhe os lábios firmes e secos. Os sentidos de Belinda começaram a florescer em uma nova e exigente vitalidade. Quando os dedos de Luc seguraram sua nuca, ela se deixou envolver naquele beijo, com os seios comprimidos contra a muralha do peito dele.

Apesar de suas incertezas, não podia negar a total sincronia de seus movimentos com os de Luc. Uma fogueira de ânsia acendeu dentro dela, levando-a a querer mais intimidade, recebendo os toques, os odores e o próprio corpo dele como se fossem elementos de seu habitat natural.

Quando Luc se afastou, seus olhos brilhavam de puro desejo. Ela poderia sentir-se até mesmo intimidada com aquele olhar. Estaria em seu direito se pedisse que ele parasse com aquilo. Em vez disso, seu corpo clamava pelo prosseguimento das carícias, seus lábios ardiam com a pressão dos dele. Ficou então surpresa e desconcertada quando ele se virou, em um gesto súbito, e permaneceu contemplando o rio, parecendo agora ter se distanciado dela.

Quando a olhou novamente, estava, outra vez, controlado. A luz em seus olhos havia se atenuado, sua respiração voltara ao normal.

— Vamos continuar?

Atordoada, Belinda se levantou e limpou os grãos de terra da calça.

— Claro. Vamos.

Mas o que o levara a distanciar-se daquele jeito? Belinda podia jurar que ele estivera imerso naquele beijo tanto quanto ela mesma. Luc a tomou pela mão novamente, e ela percebeu que ele, agora, tinha mais dificuldade para se locomover.

— Falta muito ainda? — ela perguntou.

— Vamos até a próxima curva do rio — Luc respondeu, com um tom de contrariedade na voz.

Belinda deteve-se.

— O que é isso? Por que você está zangado? — falou às costas dele, que com um aspecto obstinado seguia adiante.

— Não é nada. Vamos.

— É sua perna? Se for, me diga, porque não vejo problema em descansarmos um pouco mais. Também não faço todo esse esforço há muito tempo.

Ele parou para olhá-la, com uma expressão de indefinível desagrado.

— Não, não é minha perna.

— Então, o que foi? Foi o beijo? Se você não queria, era só dizer.

— Não foi nada disso. Não foi nada que você possa fazer em seu estado atual. Esqueça — ele disse, antes de virar-se e começar a andar de novo.

Belinda bufava de exasperação. Ele se fechara como um cofre. Não havia nada a fazer a não ser segui-lo, mas, em vez disso, ela permaneceu

onde estava, ponderando sobre as palavras de Luc. "Em seu estado atual." O que ele queria dizer com aquilo? Sem dúvida, sua amnésia era tão frustrante para ele quanto para ela, mas ele tinha a vantagem de lembrar-se de sua vida juntos — de lembrar-se de seu amor!

De sua parte, a única coisa que ela tinha certeza era que o desejava, o que era bastante amedrontador. Nunca havia sido do tipo de estabelecer relações frívolas, e levava muito a sério a conexão física com outra pessoa.

Se fosse dar ouvidos ao próprio corpo, seriam amantes mais uma vez — mesmo sendo ele um estranho. Isso ia contra tudo em que acreditava, mas não contra a verdade de seus sentidos — não quando sentia um vazio que somente ele poderia preencher.

Ficou ruborizada ao lembrar-se da recusa dele na última noite. Chutou uma pedra no caminho e a olhou rolar até o rio. Suspirou de angústia.

— Sinto muito.

A voz de Luc soou por trás dela, próxima. Ele colocou um dedo no lábio dela para que Belinda não falasse nada.

— Sim, eu estou sentindo dores. E, sim, foi aquele beijo. E mais uma vez sim, eu quero você mais do que nunca. Mas sei o que nosso casamento significou para você. E eu o quero integralmente de volta, não menos do que isso, antes de fazermos amor novamente. Por isso minhas mudanças de humor.

A irritação de Belinda se desfez diante de tanta honestidade. Agora estava claro o quanto havia sido difícil para ele suportar emoções como aquelas. Linhas definidas margeavam a boca de Luc, e sua mão segurava com força a base da bengala.

— Me desculpe. Eu tinha me esquecido de que não fui a única que perdeu alguma coisa — ela pronunciou com suavidade.

Enlaçou-o pela cintura e juntos continuaram a caminhada.

E ao chegarem a outra clareira Belinda exultou com uma surpresa: uma mesa estava posta com uma toalha de listras verdes e brancas sobre a qual havia um balde de gelo, uma garrafa de champanhe e vários pratos cobertos. Uma rosa de intenso vermelho arrematava a decoração. Duas cadeiras estavam disponíveis, e lençóis e almofadas haviam sido jogadas ao redor, sobre a grama.

— Você planejou isso desde o começo?

— Gostou?

— Amei. Parece tão... irreal.

— É nossa especialidade. Este é o lugar onde os sonhos se tornam realidade.

CAPÍTULO SETE

Belinda virou o rosto para ele. Um sorriso de pura alegria iluminou seus olhos azuis. E aquele contentamento era para ele também um motivo de júbilo tão grande que Luc não pôde conter uma expansão súbita de afeto em seu olhar — algo que vinha tentando manter sob controle.

— Isso é espetacular. Obrigada — ela disse antes de lhe dar um beijo no rosto.

Foi um beijo simples, apenas isso, mas em sua inocência foi capaz de alimentar o fogo que havia dentro dele. Observou Belinda sentar-se em um monte de almofadas, os cabelos dela se espalhando ao redor, como uma sedutora teia.

A camiseta dela se ergueu na barriga, deixando entrever uma parte rosada e macia de sua pele. Os dedos de Luc ansiavam por tocá-la naquela região. Seu coração pulsava em um ritmo primitivo que ameaçava sua cuidadosa estratégia. Tinha de manter em mente o que os unira e o que os havia separado, sem permitir que os últimos motivos se manifestassem novamente.

Encheu uma taça de champanhe e entregou a ela, que se ergueu um pouco para saboreá-lo.

— Hummm... você disse ser especializado em encantamentos, e realmente eu não consigo imaginar nada mais encantador do que isto agora.

Luc arqueou uma sobrancelha.

— Mesmo? Tem certeza?

A gargalhada dela surgiu como uma cascata de alegria ocupando todo o local. E lá estava novamente aquele afetuoso calor vindo de dentro de Luc, uma sensação de felicidade e plenitude. Mas a garganta dele secou e as palavras não foram pronunciadas. Luc podia apenas lembrar-se da última vez que haviam estado ali. Queria evitar a lembrança, mas ela estava profundamente alojada em seu espírito.

Pegou a rosa sobre a mesa e passou-a lentamente sobre a região exposta da barriga de Belinda, vendo como ela arfava com o toque das pétalas. O contraste entre o vermelho intenso da flor e o tom perolado da pele era cativante. De que precisaria, ele pensava, para provocar-lhe a mente? Para ativar nela as lembranças que seu corpo tão prontamente relembrava?

Em tênues contatos como aquele, ela revelava um lado de sua sensualidade que ele sequer aguardara antes, quando havia decidido tê-la como sua mulher, sabendo que em todos os outros aspectos seria perfeita. O sexo, para ele, sempre fora prazeroso, mas nunca a motivação principal de sua vida — até fazer amor pela primeira vez com Belinda, ali, naquela clareira.

Ele faria com que ela se lembrasse. Aos poucos, com delicadeza, a cada pequena sensação.

Havia nisso um risco, um grande risco que ele preferia evitar. Mas os médicos haviam dito que, embora ela pudesse gradualmente retomar as recordações perdidas, era muito pouco provável que viesse a recuperar detalhes do que acontecera imediatamente antes do acidente.

E Luc sempre convivera com o perigo. Agora não era diferente.

— Ao recomeço — ele propôs o brinde.

— Ao recomeço — ela repetiu, levando a taça aos lábios e pousando a outra mão sobre a dele.

Enquanto ela deixava o champanhe escorrer por sua garganta com uma intensa expressão de deleite, Luc levou a rosa até o pescoço de Belinda, traçando uma linha sobre sua base. Ela corou e sua respiração começou a acelerar-se. Então, sentiu que a rosa ia na direção do vale entre seus seios.

A expressão no rosto dela denunciou surpresa. Vendo aquilo, ele deixou a rosa de lado e se deteve.

— Luc? — ela falou, com os olhos ainda fechados.

— O que aconteceu? Você está bem?

— Estou bem, só que... — Ela ficou em silêncio por um instante, tentando concatenar os pensamentos. — Só que está acontecendo algo estranho. Algo pouco nítido, mas muito presente. Como se nós já tivéssemos feito isto antes.

— Diga para mim, do que você se lembra?

— Não estou certa — ela falou, tentando seguir os lampejos em sua mente de olhos cerrados. — Parece que estivemos nadando, a água estava congelante, e você brincou comigo dizendo como eu estava arrepiada. Falou que eu ficava linda daquele jeito.

— Prossiga — ele pediu. Conseguiria se lembrar do resto? De como a ajudara a sair da água para que fossem até ali? De como a envolvera em uma toalha e a enxugara, até que a circulação do sangue dela voltasse ao normal, e como depois de soltar a toalha a havia carregado até entre as almofadas e se deitara com ela? De como tinha percorrido com o toque de um botão de rosa todas as linhas de seu corpo, deixando-a trêmula de antecipação do prazer?

Belinda ficou em silêncio, com o olhar agora voltado para um lugar distante nas colinas. Ele percebeu que ela lutava para não deixar que aquelas impressões fossem interrompidas.

Um tremor profundo mas quase imperceptível na pele de Belinda fez com que ela se virasse para ele.

— Está voltando, Luc... está voltando. Eu me lembro daquele dia.

Ele notou como ela retomava sua coloração e seu calor habitual, sentiu-a transformar-se ao seu toque. Ela puxou-lhe a mão até o peito.

— Você sente meu coração? Está galopando sem controle. Acredita nisso, Luc? Minha memória está voltando.

A mão dele deslizou sobre a camiseta de Belinda. Sentiu as reações dela àquelas lembranças, à sua proximidade.

— Foi para isso que você planejou tudo hoje? — ela perguntou, deixando-lhe cobrir com os dedos toda a curva do seio, e sentir a rigidez de seu mamilo na concavidade de sua palma.

— Eu tinha que fazer o que era preciso para ter você de volta. Sei que lhe disse para não forçar a memória, mas...

— Shh... — Belinda pressionou o dedo contra os lábios dele. — Não diga mais nada. Não tem problema. Eu sei que não estou me lembrando de tudo ainda, grandes vazios permanecem em minha cabeça. Mas tenho certeza que, de todas as recordações que eu havia perdido, esta era a mais preciosa. Até me lembro de como me senti naquele dia, de como estava excitada quando você tirou um dia inteiro de folga para ficar comigo. De como brincamos na água até que eu ficasse morrendo de frio. De como você me enxugou...

Luc assentiu com uma serena expectativa. Ela se lembraria do que havia acontecido depois?

— Você me carregou até aqui, deitou-me sobre lençóis e... — Ela apontou para a flor caída no chão. — Primeiro me tocou com a rosa, depois me cobriu com seu corpo.

Luc se aproximou, deslizando sobre ela até olhá-la nos olhos, a poucos centímetros de distância.

— Assim?

— Assim.

E, então, ela própria enlaçou-o com os braços, comprimindo o corpo dele contra o seu, sentindo e fazendo sentir todo o fluxo de sangue que corria em ambos, e fazendo-o engolir um brado de desejo.

Belinda deixou que as lembranças jorrassem em sua mente, sensações que a faziam arfar de ânsia sexual, encenando uma dança erótica no palco de suas recordações. Ergueu as mãos para segurar o rosto de Luc, levar os lábios dele até os dela e penetrar-lhe a boca com uma língua enlouquecida. Ela se deleitava com o gosto dele e, mais do que isso, se lembrava do que ele a fazia sentir. Agarrou-o pelos cabelos, para não deixá-lo se afastar, para que o fluxo de suas recordações não se interrompesse, para que não se tornasse apenas uma brisa suave quando ela já estava em meio a um glorioso vendaval.

A luz do sol atingiu suas pestanas, criando um caleidoscópio de tons de vermelho em sua retina. Luc se moveu com delicadeza, e ela teve um espasmo de prazer ao sentir que ele tocava com os lábios o lóbulo de sua orelha, que segurou entre os dentes.

Estava claro que ela se lembrava de tudo. Cada detalhe.

— Luc — ela pronunciou o nome dele agora, de um modo especial, como se finalmente o reconhecesse. As mãos dele haviam sido colocadas sob sua camiseta, fazendo-a querer que ele avançasse mais. Já não esperava que ele fosse gentil, não naquele momento. Não quando sua memória flamejava com a lembrança de como haviam feito amor pela primeira vez naquele lugar encantado. De como ele a levara a alturas desconhecidas e impensáveis, para depois fazê-la aterrissar novamente, fraca e extenuada, entre seus braços, antes de começar tudo de novo.

Belinda deixou que ele lhe tirasse a camiseta, apenas erguendo os braços em um movimento espontâneo e sincronizado com o dele. Estava totalmente entregue ao fluxo natural do instante, sentindo a brisa e os sons da mata como elementos de seu ambiente.

—Abra os olhos — ordenou Luc, o desejo fluindo de suas palavras como as águas do rio lá embaixo.

Ela se forçou a erguer as pestanas, encontrou o olhar dele e sentiu imediatamente a conexão que existia entre os dois em toda sua plenitude, sem nenhum resíduo das dúvidas que tivera nas últimas 24 horas.

— Você é minha. Você entende isso agora, não entende? Você é minha.

— Toda sua — ela assentiu, arqueando as costas como se lhe ofertasse seu corpo.

Ele levou os dentes à alça do sutiã de Belinda, fazendo-a descer através da curva do ombro até expor o mamilo às carícias de seus lábios. Ela contraiu todos os músculos diante da iminência daquele toque, que quando se concretizou liberou ondas de prazer de uma infinita intensidade.

Agora sabia por que aquelas palavras lhe haviam causado uma sensação de déjà vu de manhã. Porque a haviam deixado à deriva como uma embarcação em mar aberto. Ele havia pronunciado as mesmas palavras para ela meses antes, em circunstâncias semelhantes, como se imprimisse nela, para sempre, as marcas de sua vontade. Mas agora ela não estava mais perdida; muito pelo contrário, havia, enfim, se reencontrado. Sua união com Luc parecia tão perfeita em todos os sentidos que não poderia haver mais questões.

Ela era dele. E ele era seu. Como pôde ter esquecido uma verdade tão simples?

Luc direcionou suas sedentas carícias à região ao redor do umbigo de Belinda. Ela queria apenas que ele prosseguisse, sentir tudo aquilo mais uma vez, não apenas como recordação, mas como algo atual pulsando dentro dela. Quando as mãos dele começaram a retirar-lhe o jeans, ela suspirou de alívio. Era como se estivesse prestes a conhecer uma nova forma de liberdade.

E conheceu: livre de suas roupas, de suas dúvidas, de seus medos. Entregou-se para sentir apenas o prazer de ser possuída pelos braços e

lábios do homem que havia conquistado esse direito e o retomava agora com absoluta confiança. Luc era um animal em seu território, como se já conhecesse cada milímetro de seu corpo e pudesse despertar quaisquer reações, desde o total relaxamento até a mais febril expectativa. Mas Belinda já não queria relaxar; a partir daquele momento tudo o que aceitaria era a consumação mais completa do reencontro consigo mesma e com o seu passado, acompanhando as carícias de Luc com o ritmo de sua galopante respiração.

Agarrou-se aos lençóis reprimindo um alucinado grito de prazer e ardente expectativa. Suas coxas tremiam, devido ao ritmo que ele impunha à preparação do corpo de Belinda para recebê-lo, chicoteando-a com a língua nas regiões mais sensíveis ao toque. Até que deslizou sobre ela, cobrindo toda a extensão do seu corpo com a virilidade de seus músculos, e vendo em seu rosto os resultados tormentosos do suplício que lhe infligia.

— Minha mulher — declarou, com a mais pura satisfação, diante dos olhos fechados de Belinda.

— Por favor, Luc — ela disse apenas, porém expressando nestas palavras suplicantes toda sua ânsia por senti-lo dentro de si. — Por favor.

Ele deleitou-se ainda por um segundo com a iminência do ato, e, então, a preencheu por completo. Imediatamente ela ergueu os quadris para senti-lo mais profundamente, e agarrou-se aos ombros dele, arfando em seu ouvido, com o olhar perdido no céu azul sobre a clareira. Sentia como se estivesse sendo transportada para algum lugar além daquele espaço, levada nos braços de Luc. Em todo o seu sangue o ritmo dos movimentos dele ecoava, em vibrações que ao atingir-lhe as pernas faziam com que ela se prendesse ainda mais a ele com as panturrilhas retesadas, tornando-os uma só massa corporal que respondia a um chamado da natureza. E, enquanto as ondulações de prazer tomavam o seu corpo, ela sentia os músculos de Luc com as mãos, ouvia os grunhidos selvagens que ele agora deixava aflorar, na medida em que ambos se aproximavam do êxtase da união.

E quando, após terem ultrapassado todas as barreiras do prazer, Belinda sentiu o corpo exausto de Luc repousar sobre o seu, recebeu o peso dele como uma última afirmação do vínculo que sempre existira entre os dois. Agora podia agradecer às estrelas por ter recuperado algo que sentia ser parte indispensável de seu passado, de seu presente e de seu futuro — parte de sua vida, de sua personalidade.

O futuro... a palavra então penetrou nos pensamentos de Belinda como uma intrusa. Não, agora ela não iria pensar no futuro. Certamente, ele ainda lhe reservava incertezas, perigos e ameaças. Mas, naquele instante, naquela clareira, tudo o que ela podia sentir era a sensação do privilégio de estar vivendo um momento especial em sua vida — pela segunda vez.

Luc aguardou que o ritmo de seu coração diminuísse, e que sua mente recuperasse alguma capacidade de raciocínio. Reagira ao contato íntimo

com Belinda com tamanha fúria que havia perdido toda a capacidade de pensar, e assim demorou um pouco para perceber que se havia deixado simplesmente cair sobre ela. Rolou para o lado, e envolveu com o braço a cintura esguia de Belinda. Os cabelos negros dela espalharam-se em seu peito. Ele respirou profundamente, sentindo os odores de ambos misturados em um só aroma luxuriante.

Aquilo fora muito melhor do que havia imaginado. Ele contara com alguns flashes de memória, mas nunca com a recordação tão vivida do amor físico entre os dois. Tinha se preparado para fazer o que fosse necessário para ter a mulher de volta em sua vida — uma vida que construíra do nada, e à qual a incorporara com avidez. E agora sabia ter conseguido. Já não se importava mais com o que ela se lembrasse ou não, desde que mantivesse as marcas do que acontecera naquela tarde.

Ouviu a respiração de Belinda enquanto ela adormecia e sorriu — um sorriso de triunfo e satisfação. O acidente tinha sido apenas uma mudança provisória em seus planos. E Luc Tanner estava de volta à ativa, mais decidido, mais experiente e mais alerta — ou seja, melhor do que antes.

CAPÍTULO OITO

Belinda, nervosa, estava ao lado de Luc no heliporto de Tautara Estate enquanto o helicóptero se aproximava. Após a redescoberta do dia anterior — seguida por um delicioso almoço antes do crepúsculo —, ela se sentia quase contrariada com aquela intromissão em suas vidas. Era como se não tivessem tido sua lua-de-mel — ou ao menos de que ela se lembrasse. E ainda percebia Luc um pouco distante, se não fisicamente, ao menos em seu espírito, criando uma barreira que ela, definitivamente, queria ultrapassar.

Ele havia se negado a revelar mais detalhes de seu passado juntos ou sobre o acidente. Os vazios que permaneciam como buracos negros em sua memória eram cada vez mais frustrantes. Aproximou-se do marido e enlaçou os dedos nos dele. Talvez não tivesse tudo de volta, pensou, ao tocar-lhe a mão cálida, mas o que havia recuperado, por si só, já era uma dádiva.

No café-da-manhã, ele expusera os planos que havia feito para aquele dia. Após um almoço leve no pátio, ela iria com Demi Le Clerc até Taupo para fazer compras, enquanto ele levaria o noivo, Hank Walker, para uma pescaria. Na manhã seguinte, todos viajariam, mais uma vez de helicóptero, até Hawke's Bay, para um passeio pelas vinícolas, até chegar a uma propriedade na qual Demi faria uma apresentação à noite.

Em quaisquer outras circunstâncias, Belinda ficaria feliz com a perspectiva de entretenimento com os convidados. Em quaisquer outras circunstâncias, anteriores às últimas 24 horas, quando descobriu o quanto estava desesperadamente apaixonada pelo seu marido.

Como se lesse seus pensamentos, Luc apertou delicadamente os dedos dela, antes de levá-los aos lábios. Quando o helicóptero aterrissou à sua frente, afastou-se da direção do vento, abrigando-a com o próprio corpo. Belinda sentiu aquele impulso protetor repercutindo em toda a sua alma, despertando uma nova expectativa sexual. Algo que deveria guardar para si nas próximas horas.

Também ele estava mais uma vez tomado pelo desejo.

— E agora? — murmurou no ouvido de Belinda, enquanto as hélices eram desligadas e o ritmo das rotações diminuía. — Como vou receber nossos convidados neste estado?

Segurou-a contra si, sem deixar dúvida de que, havendo uma chance, iriam para o quarto naquele momento.

— Tente não pensar nisso — ela sorriu de volta —, nem no que planejei para nós esta noite.

As pupilas de Luc flamejaram, ressaltando o verde dos olhos dele.

— Pois bem, cuido de você depois — ele disse em um tom lascivo e um pouco ameaçador, o que criou nela uma expectativa pela noite próxima ainda mais intensa. — Agora sorria e cumprimente nossos convidados.

Juntos, com os dedos ainda entrelaçados, esperaram que Demi e Hank saíssem do helicóptero. Belinda não deixou de notar a expressão de voracidade com que Demi procurou os olhos de Luc, e nem a maneira como ela torceu os lábios ao contemplar as mãos unidas deles.

Todo o instinto feminino de Belinda ficou em estado de alerta. Se não estivesse muito enganada, no passado, acontecera algo entre Demi e Luc. Alguma coisa que não dizia respeito somente a uma antiga amizade. Olhou para o marido, mas a atenção dele estava voltada para os convidados. Daria qualquer coisa por um indício de segurança da parte dele agora, um sinal de negação de suas suspeitas em relação a Demi Le Clerc.

A cantora de jazz era tudo o que Belinda não era. Tinha cabelos curtos e louros emoldurando seu delicado rosto. Embora fosse pequena, sem mais do que l,60m, e passasse uma sensação de leveza corporal, Belinda percebeu que aquela capa de fragilidade ocultava uma personalidade muito mais forte do que se podia entrever.

Belinda se esforçou por exibir um sorriso, enquanto tudo o que queria era que Demi preferisse ficar descansando em vez de fazer compras naquele dia.

Hank Walker foi uma surpresa para ela. De cabelos brancos e ombros curvados, demonstrava um cansaço de alguém que já viu de tudo e não

ficou muito impressionado. Belinda engoliu em seco sua inquietação. Os próximos dias seriam de trabalho duro!

— Querido! — Demi exclamou lançando-se aos braços de Luc, forçando-o a corresponder àquela exuberante manifestação de afeto. — É tão bom ver você de novo. Fiquei animadíssima quando Hank aceitou incluir uma estadia aqui em nossa viagem. Não foi fácil convencê-lo, vocês terão que justificar meu esforço — ela terminou, com um olhar significativo para o rosto de Luc.

Belinda reprimiu uma careta com o tom de voz de Demi e sua insinuação. Mas Luc se libertou dos braços dela com firmeza, para sua grande satisfação, e deu um passo à frente para apresentar-se a Hank.

Os dois homens pareceram avaliar-se por um átimo antes de apertarem as mãos.

— Seja bem-vindo a Tautara Estate, Hank. Eu sou Luc Tanner. E esta é minha esposa, Belinda.

Era a imaginação dela ou Luc pusera ênfase desnecessária na palavra esposa! Belinda estendeu a mão para cumprimentar Hank Walker. Demi concedeu um breve gesto de reconhecimento para ela, que foi tão passageiro quanto insincero.

— Ouvi muito a seu respeito, Luc — Hank falou com um agudo sotaque texano. — E li muito sobre você, também. Parece que há alguns rumores sobre a maneira como conseguiu este lugar.

— Sempre haverá rumores — Luc replicou sem dar muita importância.

— Então não são verdadeiros? — Hank insistiu, simulando estar decepcionado. — E eu aqui achando que você era um jogador de primeira.

— Só quando as probabilidades estão certamente ao meu favor.

— Vamos lá, Hank — Demi disse em um falso tom de censura. — Eu falei para você não perguntar a ele sobre como ganhou esta propriedade em um jogo de pôquer.

Belinda ficou um pouco irritada. As palavras da mulher pareciam pretender despertar as zonas obscuras de sua memória. Ela deveria saber como Luc havia adquirido Tautara Estate, mas essa informação estava perdida em algum lugar lá no seu interior. E que Demi Le Clerc o conhecesse melhor do que ela era realmente difícil de engolir.

Luc fez um gesto na direção da casa.

— Vamos entrar. Manu está nos esperando com o almoço no pátio, e então poderemos conversar sobre o que planejei para vocês enquanto forem meus hóspedes.

— Hóspedes? — Demi enganchou um braço no de Luc e com o outro tomou o de seu noivo, deixando Belinda fora do triângulo. — Acho que podemos dizer que somos amigos, bons amigos, não é mesmo?

Dissera aquilo em alto e bom som, para não deixar dúvidas quanto à sua intenção de ser ouvida. Belinda respirou e tentou relaxar antes de segui-los para o interior da casa. O fato de que Demi provavelmente já estivera ali antes, e talvez inclusive, compartilhado a suíte de Luc, fez Belinda ficar contrariada. Assim como a constatação de que ela conheceria melhor a propriedade, suas instalações e a paisagem.

Mas não havia nada a fazer senão assegurar-se de sua posição como esposa e companheira de Luc. Enquanto entravam na casa, virando à esquerda na direção da área para visitantes que dava para um grande pátio, ela encarregou-se da missão de deixá-los confortáveis. Pois, no final das contas, era com ela que Luc dormiria à noite.

Manu, obviamente, havia feito um bom trabalho, providenciando o dry martini de que Demi gostava, e o uísque da preferência de Hank, que já os aguardavam quando se sentaram nas cadeiras de vime sob a sombra de uma tenda. Belinda, pessoalmente, pegou os drinques para oferecê-los. A expressão no rosto de Luc dizia que ela estava agindo corretamente.

Mas fazer a coisa certa sempre havia sido muito fácil para ela. Atuara como assistente do pai desde quando deixou a escola, aos 18 anos — ocupando o lugar da mãe, cuja saúde começara a ceder. E cumprira tão bem o papel que quase havia perdido a própria identidade.

Era impressionante o modo como ela podia deixar-se absorver por uma função atribuída por terceiros. Suas atividades de jardinagem, contrárias às suas obrigações e às expectativas do pai, surgiram de um desejo de romper com aquele destino predeterminado e sair do anonimato, de acordo com suas próprias inclinações e vontades. Precisava ser algo além da filha dócil e servil assistente de Baxter Wallace.

Uma centelha surgiu em seu espírito exigindo que ela tomasse agora essa atitude, mas desapareceu antes de verdadeiramente tomar forma.

— Belinda, o que você quer beber? — A voz de Manu interrompeu suas divagações.

— Só água mineral, obrigada. Acho que preciso me manter sóbria esta tarde.

Manu sorriu e disse em um tom que não poderia ser alcançado pelos outros em suas cadeiras:

— Você consegue, fique calma. Só não deixe nenhuma bobagem tirar sua tranquilidade.

— Pode deixar. — Ela sorriu de volta.

Podia ser ridículo, mas subitamente ela se sentia mais livre e mais leve. Como se tivesse um aliado. Sentou-se e bebericou a água mineral, aproveitando o toque refrescante na ponta da língua e seu percurso através da garganta. Podia fazer aquilo. Com ou sem memória, podia fazer aquilo.

— Ouvi dizer que você tem um dos melhores canteiros de ervas do hemisfério sul — disse Hank, dirigindo-se a Belinda com sua voz grave. —

Poderia me mostrá-lo? Estou pensando em fazer alguma coisa parecida em minha propriedade. Tenho certeza de que meu cozinheiro ficaria feliz com isso.

— Eu adoraria. Luc? Demi? Querem se juntar a nós? — perguntou. Estava relutante em deixar a outra mulher a sós na companhia de Luc, mas, caso contrário, podia dar a ela uma noção da sua segurança.

Quando Demi recusou, alegando cansaço da viagem, tomou o braço de Hank e o conduziu na direção do jardim. Notou como ele a olhava de um jeito peculiar, como que avaliando seu estado de espírito, enquanto seguiam através do interior da casa e no elevador. Talvez ela não tivesse demonstrado tanta indiferença assim.

— Você sabe que não tem nada com que se preocupar em relação a Demi, não sabe? — disse Hank.

— O que foi? — Belinda respondeu, surpresa com aquela abordagem direta.

— Depois que ela perceber que o que teve com Luc faz parte do passado, vai desistir. Isso foi parte do nosso acordo ao virmos para cá. Sei que ela me aceitou como marido por conveniência, mas, apesar de seus defeitos, eu a amo. E ela vai me amar também. Como Luc ama você. Isso qualquer idiota percebe logo, pela maneira como não tira os olhos de você, não importa onde esteja. E viu a maneira como ele olhou para mim ao sairmos? Conheço leões da montanha menos zelosos de seu território do que ele. — Deu então uma gargalhada, que conseguiu contagiar Belinda. — Agora me mostre sua plantação. Se eu gostar dela, você está convidada a me fazer uma visita e projetar algo na minha propriedade.

E, quando voltaram a se juntar aos outros, Hank estava de fato tentando convencer Belinda a visitá-lo no Texas para fazer os planos da horta. Ela sorria com algo que ele tinha dito quando passaram pelo largo portão do pátio. O olhar que Demi lhe dirigiu era de raiva contida, e Belinda silenciosamente festejou seu triunfo.

Mas surpreendeu-se ao ver como Luc desconsiderou de imediato a possibilidade de irem aos Estados Unidos para que ela fizesse o trabalho na propriedade de Hank. Aquele movimento deliberado para mudar de assunto, evitando questões concernentes ao trabalho dela, deixou-a constrangida, com a impressão de que algo semelhante já havia acontecido antes. Belinda balançou a cabeça levemente. Aquilo não podia estar certo, como ele poderia colocar obstáculos a algo que ela gostava tanto de fazer?

Manu serviu o almoço quando todos já estavam sentados à grande mesa circular, protegidos dos raios solares, mas de tal modo que pudessem aproveitar a vista da melhor maneira possível. Quando terminaram, os casais foram trocar de roupa, para se encontrarem novamente no portão de entrada em 20 minutos, antes de seguirem para as atividades da tarde.

Belinda não quis colocar batom novamente; sabia que o borraria outra vez mordendo os lábios devido a irritante maneira como Demi a olhava, e não estava nem um pouco animada com a perspectiva de ir às compras com ela.

A imagem de Luc surgiu ao lado da sua no espelho.

— Você está disposta a ir? Não está com dor de cabeça?

Ele passou-lhe a mão pela nuca e até as raízes dos cabelos. Ela deixou a cabeça pender para trás, adorando aquele toque dos dedos fortes de Luc aliviando a tensão concentrada naquele ponto.

— Vou ficar bem. Além disso, nós vamos só fazer compras. O que poderia sair errado?

Luc deu uma risada, mas seus olhos permaneceram sérios.

— Vou pedir a Manu que lhe dê um telefone celular, para o caso de você querer voltar antes.

Ela se virou e o beijou no queixo. Os dedos dele a agarraram por trás da cabeça, inclinando-a suavemente para beijá-la. Um desejo instantâneo e urgente se acendeu entre os dois mais uma vez, lançando faíscas por todos os lados. Quando Luc se afastou, ela sentiu falta de seu toque no mesmo instante.

— Isso é pelo que você fez comigo antes — ele falou —, e para que você saiba que eu realmente não quero você longe de mim, nunca! Sugeri uma mudança de planos a Hank, e ele concordou. Em vez de voltar para cá à noite, depois da apresentação de Demi, eles vão para uma outra propriedade minha, próxima a Queenstown. E estou falando sério, se você tiver qualquer dúvida quanto à tarde de hoje, cancelamos tudo. Você pode ficar aqui.

— Você faria isso por mim? — Belinda ergueu um dedo para tocar-lhe a cicatriz na altura do maxilar. Uma sensação desagradável surgiu daquele toque. Mas ela afastou-a com determinação.

— Você é minha mulher. É claro que eu faria — Luc respondeu.

— Você diz isso como se estivesse gravado em uma pedra. Como se nós estivéssemos gravados em uma pedra.

— Belinda, eu apenas cuido do que é meu.

— E Demi, já foi sua alguma vez? O rosto de Luc se enrijeceu.

— O que ela disse a você?

— Ela não disse nada, ainda. Na verdade, se você não percebeu, ela sequer parece notar que eu existo. — Belinda forçou um sorriso para que o comentário não parecesse tão cheio de ressentimento. —- Mas você não respondeu minha pergunta. Luc, embora eu não goste da ideia, posso aceitar o fato de que vocês tenham estado juntos. Mas prefiro saber disso antes de passar uma tarde com ela.

— O que Demi e eu tivemos foi um caso sem importância. Um equívoco que ela se recusa a reconhecer. E isso — ele segurou o rosto de

Belinda com as duas mãos — é tudo o que eu preciso dizer sobre o assunto. Você não tem nada a temer em relação a ela. Nada.

Luc pressionou os lábios contra os dela mais uma vez, como que para confirmar o que dissera sobre Demi Le Clerc, e para afastar o receio de Belinda com sua convicção. Sem força para resistir, Belinda aceitou o beijo, cedendo diante da determinação da língua de Luc em penetrar sua boca, em vasculhá-la mais uma vez.

Quando ele esboçou uma retirada, ela o segurou pelos ombros, recusando-se a deixá-lo ir. A outra mulher a fizera se sentir insegura e agora, após os eventos dos últimos dois dias, ela precisava que Luc fosse assertivo. Precisava que ele dissesse algo mais para aplacar seu nervosismo.

Recostou-se na penteadeira do banheiro, com o vestido de seda tocando o mármore frio em absoluto contraste com o calor que emanava da pele dela.

— Faça amor comigo, Luc. Aqui. Agora. — Sua voz era de pura súplica, vinda direto de seu coração feminino, de sua vulnerabilidade.

Em resposta, Luc pousou as mãos sobre os ombros de Belinda, passando-as em seguida pelas laterais do vestido até atingir a base dos seios. Abaixou o rosto para sugá-los com lábios úmidos por sobre o tecido, fazendo com que a seda colasse nos mamilos enrijecidos dela, que arqueou as costas, oferecendo os seios com ardor, para que ele os libertasse do vestido com os dentes e com a língua.

As mãos dela o seguraram pelos ombros, retirando em um gesto a jaqueta que ele usava, e em seguida abrindo os botões da camisa com dedos ágeis. Lançou a camisa ao chão, e apertou a mão contra seu peito, como se reencontrasse a fonte de sua vitalidade. Quando ele rugiu em resposta, a vibração do som ecoou em todo o ambiente, fazendo o sangue de Belinda esquentar ainda mais.

Ela tateou os músculos das costas dele com as pontas dos dedos, desde a base do pescoço até o começo da espinha dorsal, um leito profundo como o de um rio entre duas montanhas rochosas. Enquanto isso, ele se livrava do cinto e da calça, até que ela pode sentir-lhe as coxas contra as suas mais uma vez, e as mãos dele percorrendo seu corpo com uma avidez ainda maior, na medida em que ele demonstrava a força de seu desejo.

Ele a ergueu por sobre a penteadeira, em um movimento que direcionou o olhar de Belinda para um espelho lateral, cujo reflexo a deixou ainda mais excitada. Lá estava ela, sobre o mármore rosado, com os cabelos em desalinho e os olhos brilhando de prazer. A seda do vestido estava escura e úmida nos pontos em que Luc o havia tocado com os lábios, seus mamilos claramente marcados. A saia agora estava sobre seus quadris, e Luc a segurava com mãos fortes, seu dorso nu no espelho como a imagem de um deus apolíneo sedento de desejo.

E, então, tudo começou novamente, aquele ritual que podia acontecer em uma clareira, em um banheiro, em uma cama, e seria sempre tão repleto de intimidade e pleno de satisfação mútua que só podia terminar com um grito, com um brado simultâneo, pelo triunfo do amor saciado que antecede a paz de espírito e o total relaxamento dos corpos. Luc e Belinda foram lentamente retomando o ritmo de suas respirações, que por um instante pareciam ter sido interrompidas, e ela viu no espelho o sorriso de uma mulher em sua mais absoluta consagração.

— Agora você acredita em mim? — Luc murmurou-lhe ao ouvido. — Há apenas você em minha vida. Agora e sempre.

— Sempre — ela disse com um suspiro.

Mas a palavra pairou suavemente pelo banheiro, como se não pudesse ainda levantar voo para ser anunciada aos céus, como se aguardasse ainda mais uma confirmação.

CAPÍTULO NOVE

Permaneceram juntos e colados ainda por alguns minutos, escutando apenas as batidas sincronizadas de seus corações e os sons longínquos que vinham do exterior. Até que Luc deu um passo atrás e a ajudou a descer da penteadeira.

— Vamos ter que nos apressar. Você quer tomar uma ducha antes?

— Há espaço para nós dois, não há? — disse Belinda, em um tom insinuante em que já não havia qualquer sinal da mulher retraída que ele encontrara no quarto do hospital.

— Há espaço, mas não há tempo para o que vamos terminar fazendo de novo — ele disse, puxando o zíper nas costas de Belinda antes de direcioná-la ao chuveiro. — Agora vá.

Quando encontraram os hóspedes no portão de entrada, Belinda notou o modo agressivo com que Demi a olhava. Ela, sem dúvida, não tinha gostado de ter ficado esperando, e fazia questão de demonstrar sua desaprovação.

— A que horas fecham as lojas? Talvez já nem valha a pena ir — falou, com uma voz petulante e os olhos faiscando de irritação.

— Não seja boba, meu bem — Hank tentou acalmá-la. — Haverá ainda muito o que ver e comprar. E por que vocês não aproveitam e jantam em Taupo? Nós vamos pescar até tarde. Assim, vocês também poderiam se divertir um pouco.

Depois de uma hora na companhia de Demi, Belinda estava exausta. Não porque ela fosse sempre mal-educada; mas as constantes referências ao

tempo que ela havia passado com Luc, em outras épocas e durante aquela visita, queriam insinuar a Belinda que, independente do que ele pensasse, Demi não estava disposta a esquecê-lo tão facilmente. Diante daquilo, Belinda achou que não conseguiria manter o ânimo conciliador por ainda muito tempo.

Estava prestes a sugerir que chamassem o motorista para levá-las de volta ao helicóptero e para casa, quando os olhos de Demi exultaram com a visão de uma locadora de automóveis.

— Olhe — ela disse, apontando para a loja. — Ali alugam carros de luxo. Vamos deixar as compras para outro dia e dar uma volta no lago.

— Tem certeza de que quer fazer isso? Deve levar umas duas horas para dar a volta ao redor do lago, talvez mais.

— Bom, então vamos para o norte. Como se chama mesmo aquele lugar? Ah, sim, Huka Falls. Ouvi dizer que há uma vinícola por lá.

Antes que Belinda a pudesse deter, Demi estava do outro lado da rua, indo na direção da locadora. Tudo o que pôde fazer foi dar um suspiro de sujeição e segui-la. Viu-a apontar no catálogo o carro que queria e negociar a entrega dele em Tautara Estate no dia seguinte.

— Achei que podíamos dispensar o helicóptero e seguir para casa de carro por nossa conta depois de visitar Huka Falls e a vinícola. Os rapazes não vão voltar até tarde, e não vão sentir nossa falta. Me dê seu telefone para que eu avise o piloto.

Surpresa, e um pouco sem ação diante da súbita mudança de planos, Belinda entregou o telefone para ela depois de digitar o número do piloto.

— Pronto — Demi fechou o telefone. — Tudo pronto.

Depois de preencher os papéis, as duas mulheres foram até o pátio pegar o carro. Belinda viu o Porsche vermelho e sentiu uma trepidação interna.

— Você tem certeza de que quer ir neste? — perguntou a Demi.

— Definitivamente. Este está ótimo. É tão lindo quanto o de Luc era — Demi respondeu com um olhar penetrante. — Você ainda dirige, não dirige?

— É claro — respondeu Belinda.

Ao menos pensava que sim. Sempre tivera o próprio carro em Auckland e não acreditava que isso tivesse mudado depois do tempo que passara com Luc. Mas ainda assim uma sensação de terror a invadiu diante daquele Porsche. Sacudiu o corpo para afastá-la de si.

Demi já havia sentado no banco do motorista e girado a chave na ignição antes que Belinda decidisse enfim entrar no carro. Ela afundou no banco de couro e apertou o cinto de segurança.

— Aqui está — Demi jogou um mapa sobre o colo de Belinda. — Vamos percorrer essa região, vá me dando as indicações.

Sentindo-se melhor por ter algo para fazer — algo que a distraísse do peso que parecia ter no peito —, Belinda estudou o mapa e deu a Demi as instruções de como sair da cidade. A viagem ocorreu sem maiores problemas, e quando chegaram à vinícola Belinda já estava quase convencida de que sua reação no pátio da locadora havia sido apenas mais uma etapa de sua readaptação à vida normal. Estivera fora de circulação por um tempo, depois de sofrer ferimentos em um acidente, portanto não era de estranhar que relutasse em entrar em um automóvel outra vez. Mas Demi era uma motorista segura e competente, e ela logo relaxou no banco e aproveitou a vista que se estendia nas laterais da estrada.

A vinícola era especializada em pinot noir, de que Belinda realmente gostava. O vinho era de um delicioso sabor, e embora fosse ainda um pouco jovem Belinda resolveu encomendar várias garrafas para a adega de Luc.

Foi quando estavam tomando um capuccino no restaurante adjacente que ela se viu novamente em estado de alerta.

— Tenho de dizer que fiquei surpreendida em ver você e Luc ainda juntos quando chegamos — Demi comentou, como algo inocente, ao jogar açúcar no café e mexê-lo.

Belinda se retraiu na cadeira. Sua mão se deteve no meio do caminho ao levar a xícara à boca. Sem nem mesmo dar um gole, ela devolveu o café à mesa.

— Por que você diz isso? — perguntou com cautela.

— Por causa do acidente, é claro. Nunca achei que Luc fosse do tipo que perdoa facilmente. Não se ajusta ao caráter dele, só isso. — Demi fez um gesto como que para abandonar o assunto. — Mas não se preocupe. Obviamente, ele não está preocupado.

— Não está preocupado com o quê?

— Bem, você estava lá. Você sabe.

— Na verdade, não. Eu não sei. Tenho vazios na memória, e o acidente é um deles.

Por algum motivo, provavelmente autopreservação, Belinda não queria admitir que faltavam outras peças no quebra-cabeça de suas recordações. Sentia que Demi não hesitaria em usar aquilo como uma vantagem, de uma forma ou de outra.

— Ouvi dizer que isso é comum. Mas ninguém contou nada a você?

— Não. Os médicos foram muito enfáticos ao afirmar que ninguém devia me contar nada, que as lembranças voltariam espontaneamente. Aqui e ali surgem alguns detalhes, mas ainda não tenho o quadro completo.

— Nem mesmo Luc contou? Que interessante.

Demi se recostou na cadeira e lançou a Belinda um olhar inquisitivo. Fosse esta sua intenção ou não, deixou-a desconfortável, pensando no que viria depois. Foi uma surpresa que Demi apenas desviasse a conversa para

sua apresentação naquela noite. Pediram mais dois cafés, e decidiram voltar a Taupo para jantar, antes de ir para casa. Para alivio de Belinda, Demi, mais uma vez, ocupou automaticamente o assento do motorista.

Fizeram uma rápida parada em Huka Falls, onde se juntaram a turistas que, da ponte, admiravam o poder das águas. O aspecto intimidante de todo aquele volume de líquido espumante deixou Belinda um pouco abalada. Era como se sentisse dentro de si aquela mesma instabilidade, sujeita à mudança dos ventos e às estações da lua, capaz de fazer desmoronar as bases de todas as suas certezas.

Seus dedos se agarraram às grades com tanta força que ela podia sentí-los doer, sem ser capaz de soltá-las, como se estivesse prestes a perder o equilíbrio e mergulhar rumo a um destino incerto.

Quando o grupo de turistas se moveu para outro ponto, Demi fixou o olhar nas mãos de Belinda.

—Acho que vou indo e espero no carro, a não ser que você já esteja querendo partir também — Belinda disse, já começando a sair da ponte.

— Não, podemos ir juntas. Você está se sentindo bem? Parece que está um pouco pálida.

Palavras de atenção da parte de Demi? Se Belinda não estivesse tão atordoada naquele momento, teria dado uma sonora gargalhada.

— Estou só com um pouco de dor de cabeça. Deve ter sido o barulho das águas.

Mesmo que fosse o início de outra dor de cabeça, Belinda sabia que não tinha nada a ver com as incríveis formações espumantes. Era como se uma sombra negra lentamente assomasse em seu espírito. Uma sombra que exigia ser notada. Ela respirou fundo, tentando afastar a sensação desconcertante, e procurou um analgésico na bolsa.

Queria que Luc estivesse ali com ela. Ele a faria se sentir segura, com os pés no chão.

O que não deixava de ser uma grande ironia: poucos dias antes ela se recusara a sair do hospital com ele, e agora, mais do que tudo, queria que ele estivesse ali. Belinda tinha que se agarrar à ideia de que estariam sozinhos de novo dali um dia. Para redescobrirem juntos seu casamento.

Seu corpo se aquietou instantaneamente com o pensamento, que ela tentou conservar, pois enquanto sua mente se recusava a revelar muito seu passado, seu corpo, sem dúvida, o conhecia. E esse simples fato já era capaz de prover alguma segurança. A união física de ambos era algo que só poderia ter sido forjado, da parte dela ao menos, após uma lenta elaboração de confiança e compromisso mútuos. E ela precisava de um pouco dessa segurança agora — pois, acima de tudo, tinha um dever a cumprir: ser anfitriã de uma hóspede de seu marido, e o dever sempre fora para ela algo a ser levado a sério, sem importar os custos.

Escolheram um hotel próximo às águas de Taupo com um restaurante com uma bela vista para o lago.

Quando se aproximaram da entrada e um manobrista ofereceu seus serviços, Belinda foi acometida pela mesma sensação de familiaridade que a visão geral do hotel já havia lhe causado.

Disfarçou o efeito do choque com um sorriso ao ser recebida pelo maitre, tentando se convencer de que aquilo era apenas uma consequência de sua hipersensibilidade. A dor de cabeça que começara antes havia sido de fato atenuada pelos remédios, e agora ela podia olhar o cardápio com verdadeira satisfação, pois além de tudo estava com fome, e uma refeição poderia restituir-lhe a energia necessária.

— A senhora gostaria de ver a carta de vinhos? — o garçom interrompeu.

Belinda olhou para Demi, que pegou a carta com entusiasmo.

— Pode ficar à vontade — Belinda disse. — Eu, por enquanto, vou tomar só uma água mineral.

— Certo. Assim você pode dirigir na volta. E, se não lembrar o caminho, eu dou as indicações — Demi acrescentou, com um risada.

Havia naquilo um tom maldoso que não agradou a Belinda. Sorriu de volta, mas por dentro estava desconfortável. Quando chegaram as entradas, a outra mulher já havia tomada meia garrafa de vinho, e divertia-se com as menores coisas. Mal tocou no prato principal, mordiscando apenas pequenos pedaços de cordeiro.

Quando o maitre foi verificar se estava tudo satisfatório, Belinda surpreendeu-se ao vê-lo hesitar por um momento após fazer as perguntas habituais, para então dirigir-se a ela:

— Senhora Tanner? — ele perguntou. Belinda empalideceu.

— Sim, sou a senhora Tanner.

— Eu só queria dizer o quanto estou aliviado em vê-la recuperada do acidente. E seu marido, ele melhorou também?

— Sim, obrigada. Nós dois estamos bem melhores. — Belinda deu um gole na água mineral antes de continuar. — Você se importa que eu pergunte como nos conhece?

A expressão no rosto do homem seria risível se ele não estivesse de fato surpreso.

— A senhora não se lembra, senhora Tanner? A recepção do seu casamento foi aqui.

— Foi? Me desculpe. Há muitas coisas de antes do acidente que eu não consigo me lembrar.

— Não me surpreende. Todos ficamos horrorizados ao ouvir o barulho da batida lá fora.

— Lá fora? — O sangue de Belinda congelou. — Lá fora de onde? Lá fora daqui?

Então, tinha sido ali que tudo acontecera? Como ela pudera não saber, como pudera não reconhecer o lugar imediatamente ao ir até lá com Demi?

— Sim, senhora Tanner, logo após a recepção. Está... está tudo bem com a senhora? Eu peço perdão se disse qualquer coisa inapropriada. Posso fazer algo?

— Não. Nada — ela respondeu, tentando escapar da névoa em que a recente informação a envolvera, para reassumir suas tarefas como anfitriã. — Você quer mais alguma coisa? — perguntou então a Demi.

A outra apenas a olhou de um modo singular e balançou a cabeça.

— Bem, então, se não se importa, vamos pagar a conta e voltar para Tautara — Belinda disse, tentando sorrir, mas seus lábios pareciam blocos de chumbo, seu rosto, feito de pedra.

Enquanto esperavam na entrada que o manobrista trouxesse o carro, o celular que Manu dera a Belinda começou a tocar. E, logo que ela o levou aos ouvidos, ouviu a voz de Luc.

— Onde estão vocês? Por que mandaram o helicóptero de volta?

— Luc! Como foi a pescaria?

— Boa. Nós acabamos de chegar em casa. Onde vocês estão?

— Nós estamos em... — Belinda olhou ao redor e viu o nome do hotel em letras douradas. Ela o pronunciou para logo em seguida escutar apenas um profundo silêncio. — Luc?

— O que vocês estão fazendo aí?

— Nós paramos para jantar. Demi achou que seria um bom lugar. — Belinda respirou antes de prosseguir. — Eu não sabia que nossa recepção tinha sido aqui...

— Você está bem? Parece um pouco atordoada. O manobrista chegou com o carro e parou em frente às duas mulheres.

— Me dê isso. — Demi tomou o celular das mãos subitamente sem vida de Belinda. — Luc, é Demi. Nosso carro acabou de chegar e já estamos voltando.

Belinda escutou a voz de Luc através do pequeno alto-falante.

— Carro? Que carro?

— O carro que aluguei quando mandamos o helicóptero de volta. Você deveria vê-lo. É um Porsche Carrera, muito parecido com o seu antigo carro, na verdade.

— Não saiam daí. Eu vou buscá-las — Luc disse em um tom imperativo.

— Buscar? Não seja tolo. Nós estamos bem. Estaremos de volta em meia hora ou 40 minutos.

— Demi... — Luc ainda disse, mas ela já estava fechando o celular e o entregando de volta a Belinda com um sorriso.

— Homens. Estão sempre querendo nos dizer o que fazer. Isso tem lá sua função, mas Luc sempre exagerou um pouco. Vamos, vamos voltar — falou, indicando a Belinda que entrasse no carro.

Demi se acomodou no banco do passageiro, sorrindo para o manobrista ao fechar a porta. Belinda não teve outra opção a não ser sentar-se ao volante do carro.

Demi a olhava de um modo estranho, quase desafiador, enquanto apertava o cinto de segurança.

— Você já dirigiu este tipo de carro antes, não?

— Sim. Mas agora parece que isso aconteceu anos atrás.

Belinda engoliu em seco ao pôr uma das mãos no volante e a outra na marcha. Começou a suar frio e suas roupas grudaram na pele. Mas ela podia fazer aquilo. Sempre havia dirigido muito bem. Então, por que se sentia de repente tão aterrorizada, quase em pânico?

Já havia passado a primeira marcha quando sentiu uma dor terrível e estonteante nos olhos. Apertou automaticamente o pedal do acelerador e o carro chegou à estrada. O resquício de um grito reprimido passou por seus lábios bem fechados.

Belinda cerrou os olhos e pressionou as palmas das mãos contra eles enquanto nítidas lembranças visuais começavam a açoitar-lhe a mente. Imagens dela ao volante de um carro parecido com aquele, só que negro como a meia-noite, fazendo as luzes da estrada brilharem em sua superfície.

Uma insuportável sensação de medo, misturada à raiva, fizera com que ela tivesse que se esforçar para continuar respirando. Estava sozinha no banco do motorista do carro — vestida de noiva. Lágrimas lhe escorriam dos olhos enquanto ela apertava o acelerador vigorosamente. Tudo nela exigia apenas uma coisa — que fosse embora dali, o mais rápido possível.

Então, de repente, diante dela, Luc cruzou o caminho. E, então, já era muito tarde. Muito tarde para parar o veículo.

Ela reviveu o grito horrorizado que saíra de sua garganta enquanto tentava desviar para a esquerda sem sucesso. E veio o terror da imagem do corpo dele lançado para a beira da estrada antes que ela própria mergulhasse em um ensurdecedor barulho de metal e vidros quebrados, fazendo com que tudo, enfim, ficasse na mais negra escuridão.

— O que vocês acham que estão fazendo? — a voz de Luc ecoou no escuro, seguida imediatamente pelo protesto de Hank.

— Calma, rapaz. Não é culpa de Demi. Sua esposa não devia estar no volante do carro, você sabe disso.

Belinda tentou erguer as pestanas enquanto ouvia as vozes ao seu redor.

— Sim, eu sei. E foi exatamente por isso que deixei o helicóptero à disposição para levá-las a Taupo. De quem foi a idéia de alugar o Porsche?

— Foi minha — disse Demi com a voz na defensiva. —Alguém tinha que fazer algo. Vocês não tomaram nenhuma atitude para devolver a ela a memória.

— De acordo com instruções do médico. Instruções que deixei claras para você. Não tinha o direito de fazer o que fez.

— Achei que ela estava fingindo. Foi por isso que fiz, Luc! Ela quase matou você, e você ainda a traz de volta para casa?

— Foi a escolha que fiz. Ela é minha esposa.

Belinda sentiu um confronto entre Luc e Demi que ameaçava transformar-se em conflagração aberta. Tinha que parar aquilo, e rapidamente.

— Luc? — disse, num fio de voz.

Ele logo postou-se ao seu lado, pegando-a pelos ombros com braços fortes, ajudando-a a erguer o corpo.

— O que aconteceu? Onde nós estamos? Belinda olhou ao redor. Nada lhe parecia familiar.

— Estamos em um hospital, mas você não vai precisar ficar aqui. Vou levá-la para casa.

— Sim, me leva para casa. Por favor.

Luc fazia as coisas acontecerem com tanta determinação e habilidade que em uma hora estavam de volta a Tautara Estate. Ela permanecera silenciosa na viagem de helicóptero e não protestou quando Luc sugeriu que fosse direto para a cama.

— Pode ficar sozinha por alguns minutos? Há algo que preciso resolver, mas logo estarei de volta.

Com um suspiro exausto Belinda acomodou-se nos travesseiros que ele pusera atrás dela.

— É claro. Não vou a lugar nenhum neste momento.

Tão logo ele saiu, ela fechou os olhos e sentiu o peso do sono. Tentou dormir. Qualquer coisa seria melhor agora do que reconhecer as terríveis lembranças que haviam passado a povoar sua consciência.

Ela havia sido a causadora do acidente — o seu e o de Luc. Deixara-o com uma cicatriz permanente e uma dificuldade de andar que o acompanharia pelo resto da vida. Lágrimas jorraram de seus olhos fechados, e ela sentiu um princípio de asfixia, diante da constatação do mal que causara. Não era de admirar que tivesse demorado tanto a lembrar-se de algo como aquilo.

Mas por que aquilo acontecera? Por que estivera no volante daquele carro em seu vestido de noiva? Podia lembrar-se do desespero, da mágoa, da raiva, e de como pretendia simplesmente sumir naquele que deveria ter sido o dia mais feliz de sua vida! Mas não conseguia agora atribuir esses sentimentos a nenhum fato específico. O que podia ter acontecido de tão

terrível que a levara a querer fugir do homem a quem pouco antes prometera seu amor, sua confiança, sua eterna união no casamento?

CAPÍTULO DEZ

Aos poucos, ela foi tomando consciência do som das hélices do helicóptero de Luc parando de girar lá fora. Então, se seguiu um silêncio.

A porta do quarto foi aberta suavemente, e ela teve certeza de que ele estava de volta. A cama cedeu ao peso do corpo que se sentou ao seu lado. Belinda podia sentir os olhos de Luc sobre ela, mas não conseguia encará-lo. Como uma mulher olha nos olhos do homem que ama e admite que quase o matou? E, pior: quase o matou ao fugir dele no dia do casamento, sem nem mesmo saber por quê.

O corpo dele moveu-se sobre o colchão, e seus dedos longos e frios traçaram o caminho das lágrimas no rosto de Belinda.

— Lágrimas? Por quê?

Ela manteve os olhos e os lábios fechados com firmeza. Não podia contar do que havia se lembrado. Não isso. Tudo, menos isso. Sentia o coração estilhaçado em milhões de minúsculos fragmentos. Como lascas de vidro que só aumentavam a dor de uma lembrança tão ruim. Tudo o que ela queria era devolver aquela recordação à obscuridade e nunca mais encontrá-la novamente.

A pressão dos lábios dele nos seus era consternadora. Ela desviou o rosto e pôs uma das mãos no peito de Luc, tentando estabelecer alguma distância entre os dois.

— Não, não faça isso — ela suplicou.

— Por que não? — ele falou, em um tom determinado, que exigia uma resposta. Mesmo sendo uma resposta que não viesse a gostar de ouvir.

— Por causa do que fiz.

— Do que você fez? Me diga. Me diga do que você se lembra.

— Eu... eu quase matei você. Como você pôde me querer de volta quando eu quase o atropelei com seu próprio carro?

— Foi um acidente.

— Foi? E como você sabe disso? Você tem que me dizer a verdade sobre o que aconteceu. Eu estava dirigindo seu carro? Você não estava dentro dele comigo? Como pôde me trazer até aqui, quando devia ter me abandonado pelo que fiz? Quando devia sentir... ódio, verdadeiro ódio de mim?

A voz dela cresceu em força e volume ao colocar todas aquelas questões. Seguidos estremecimentos tomaram o corpo de Belinda. Mas, ainda assim, ela não retrocedeu. Em vez disso, jogou-se nos braços dele, comprimindo a cabeça contra o peito de Luc enquanto soluçava de medo e frustração.

— Eu nunca deveria ter deixado você sozinha com aquela mulher por uma tarde inteira. Sabia que não podia confiar nela.

Luc amaldiçoava Demi com os lábios entreabertos. Havia subestimado a perfídia da mulher, o que lhe custaria caro. Se Belinda se lembrasse de tudo antes do tempo, todos os seus planos estariam comprometidos. Maldição! Ele poderia torcer o pescoço de Demi Le Clerc.

Hank, obviamente, percebera aquela raiva latente. Aceitou a sugestão de que partissem imediatamente para Napier, ficando na casa de um amigo de Luc até o concerto da noite seguinte.

Luc passou os dedos pelos cabelos de Belinda até que os soluços dela começassem a ceder e os estremecimentos de seu corpo fossem amenizados. Com suavidade, colocou-a de volta sobre os travesseiros. Estudou-lhe o rosto pálido e quis que aquele dia simplesmente nunca tivesse existido.

Do que ela se lembraria em seguida? De tudo, agora que algumas das peças fundamentais haviam retornado à sua memória? Mas, lembrasse ou não, não importava. Ele não permitiria que Belinda o abandonasse novamente, estava seguro disso.

— Como você suporta me olhar? — ela perguntou, ainda com um resquício de desespero na voz.

— Olhar você? Como eu suporto olhar você? Eu quero olhar você. Mesmo que não fosse minha esposa, seguiria sendo uma linda mulher. Olhar para você e ao mesmo tempo saber que você é minha, me dá um prazer indescritível.

Ele pôde notar que sua resposta a deixou confusa. Mas o que ela esperava?, ele se perguntou. Uma declaração de amor eterno? Luc contraiu o maxilar. Ele tinha seus limites quando se tratava de expressar emoções. Ela iria se lembrar disso em breve. Como iria reagir? Seria como da última vez, com aquela mesma indignação que não lhe deixava alternativas? Mas o que quer que ela fizesse, Luc não lhe daria nenhuma chance para que escapasse mais uma vez.

— Luc, eu quase matei você. Sei que estava tentando fugir e que você tentou me deter. Por quê?

— Por que tentei deter você? É simples: nós tínhamos acabado de nos casar, você escutou algo que a deixou furiosa e tentou fugir. Eu tinha que parar você. Não podia deixar acontecer nada que pudesse machucá-la.

— E em vez disso eu machuquei você. Foi de propósito?

Luc havia feito a si mesmo exatamente a mesma questão, mas chegara à conclusão de que tinha sido o mais imprevisto acidente. A pouca familiaridade dela com a caixa de marchas do carro esporte e a maneira como tentara desviar-se dele indicavam isso. Mas convencer a polícia a não registrar nenhuma acusação contra sua esposa inconsciente, enquanto ela estava no hospital, não fora muito fácil.

— Não, sem dúvida não foi de propósito. Você estava fora de si, houve um mal-entendido. Eu não deveria nunca ter entrado na frente do

carro. Foi minha culpa tanto quanto sua. Acredite em mim. Se houvesse indícios de que você tentou me atingir de propósito, a polícia a estaria esperando sair do hospital para levá-la direto para a prisão.

Ele viu os ombros de Belinda relaxarem um pouco antes que ela fizesse outra pergunta.

— Mas, então, por quê? O que eu estava fazendo, no que eu estava pensando? Foi o dia do nosso casamento. Nós deveríamos estar deixando a recepção juntos.

— Não posso lhe dizer no que você estava pensando, Belinda — disse Luc. O que, até este ponto, era verdade. Ele não fazia ideia de que ela reagiria daquela maneira ao saber da verdade sobre o casamento. — Mas sei que, se pudesse ter evitado de algum modo que você se machucasse, eu o faria. Foi isso que tentei fazer.

— Mesmo sabendo que estava arriscando sua vida? — ela perguntou.

Parecia tão confusa, tão frágil, tanto mental como fisicamente, deitada naquela cama! Luc tomou-lhe uma das mãos e a levou aos lábios para dar-lhe um beijo.

— Mesmo assim.

Ele viu a chama que se acendeu nos olhos dela com sua carícia, sentindo própria resposta corporal. Tocou com a ponta da língua a pele fina e sensível do pulso de Belinda.

— Mas, Luc... como você pode me querer de volta depois do que fiz?

— Eu vou sempre querer você. Como quis na primeira vez que a vi. E não vou deixá-la partir nunca. Nunca!

Inclinou-se para alcançar-lhe os lábios com um beijo que não deveria deixar dúvida quanto ao seu desejo de possuí-la e mantê-la junto dele. Ela respondeu como alguém lançado a águas turbulentas em alto mar, agarrando-se ao pescoço dele como se tivesse medo de ser tragada para as profundezas se ele não estivesse ali.

No momento em que a língua dela tocou-lhe os lábios, Luc sentiu um acesso de desejo através de todo o corpo. Instantaneamente, a queria, com um desespero que tinha achado que nunca ia sentir outra vez. Um desespero que vinha do medo de perdê-la. O medo em si era ridículo: ele não permitiria que algo semelhante acontecesse. Sabia disso tão bem quanto conhecia cada curva do corpo de Belinda. Mas o eco de uma voz dentro dele instava-o a admitir que queria mais dela, mais do que a simples posse — algo indefinido, elevado e sublime.

Mas afastou o pensamento da mesma maneira implacável com que se livrava das próprias roupas, e, então, tirava a camisola que Belinda jogara sobre o corpo mais cedo. Os dedos dele tremiam ao acariciá-la nos ombros e em seguida percorrer o caminho até a base do pescoço, e pousar-lhe no seio toda a mão espalmada e dominadora.

Ela entregou-se em um movimento sutil, que em silêncio implorava por um contato mais íntimo, ao que Luc correspondeu tocando-lhe os mamilos com a ponta dos dedos, como se colhesse uma rosa. Ainda assim, havia algo definitivamente sedento em seu olhar, uma energia contida que parecia prestes a explodir no momento seguinte, quando ele se inclinou para beijá-la como quem precisa, ao mesmo tempo, sugar toda a vitalidade de um outro corpo e descarregar nele o próprio vigor represado.

Enquanto ele tomava conta de seu território com mãos e lábios, Belinda sentia o desespero e a força do desejo de Luc em si mesma, notando o refluir de uma paixão avassaladora. O ar do quarto ficou carregado com a calorosa troca de exigências mútuas para satisfação das vontades, que deveriam afastar dela mais uma vez todos os medos e inseguranças, reafirmando o lugar a que ela pertencia e de onde nunca deveria ter saído.

Os sons que saíam da boca de Belinda eram a expressão mais autêntica de profundas necessidades das quais não poderia mais se esquecer. Luc, emitindo em seu silêncio apenas os sons de uma respiração firme entre os dentes cerrados, seguia em seu propósito de imprimir ao corpo dela, mais uma vez, a lembrança de um prazer sem limites, que a princípio retesava os músculos de Belinda em plena expectativa, para em seguida relaxá-los de uma só vez em um espasmo selvagem e libertador.

Ele a queria tanto que apenas com o total domínio de seu corpo e de suas reações podia ter sua vontade aplacada. E ela descobria em si mesma fontes de puro instinto, que somente ele poderia despertar.

Lágrimas começaram a escorrer dos olhos de Belinda com a percepção de que aquilo só podia ser a manifestação de um destino — seu destino! Mais uma vez, estivera diante de uma verdade revelada sobre sua vida, sobre o mais recôndito âmago do seu ser.

Extenuados, ambos ficaram entregues a uma vaga e tranquila meditação por alguns instantes. A luminosidade do quarto, a textura do lençol sobre a cama, os ruídos externos — tudo parecia perfeito, correto e justificado.

Mas, na medida em que a percepção da absoluta sincronia de todas as coisas ia se esgarçando, Belinda não pôde evitar que seus pensamentos se voltassem para os acontecimentos daquele dia. Uma realidade mais desordenada exigia sua atenção. Seria preciso encará-la mais uma vez.

A cabeça dele estava aninhada na curva de seu pescoço, de modo que ela podia sentir-lhe a respiração agora mais suave. Belinda acariciou o corpo de Luc com uma das mãos, levando-a até os quadris dele e, em seguida, através da linha da cicatriz na perna.

— Eu sinto muito — sussurrou, com a boca próxima aos cabelos dele. — Sinto muito por ter machucado você.

— Isso já é passado — ele disse, com a voz profunda e grave como se viesse de um vale. — Conversamos mais amanhã. Agora durma.

— Luc?

— Hummmm?

— Eu amo você.

Em resposta, os braços dele a envolveram, comprimindo toda a extensão do corpo de Belinda contra o seu, afirmando o lugar ao qual ela pertencia. Luc deu-lhe um beijo no pescoço.

— Eu sei.

Belinda prendeu o fôlego, esperando o que viria a seguir. Esperando que ele dissesse que a amava também — mas, em vão, na medida em que o corpo dele relaxava ainda mais e Luc submergia em um sono aparentemente tranquilo.

Ela ficou em uma escuridão povoada por temores e pensamentos angustiados. Ele também a amava ou ela havia destruído também seu amor quando quase o destruíra? Que ele a queria, a desejava, era óbvio. Mas o amor físico era apenas parte de uma relação. E quanto ao resto? E quanto à união dos espíritos, e quanto à reciprocidade emocional que surgia entre as verdadeiras almas gêmeas?

Apesar do calor do corpo de Luc, que dormia ao seu lado, sentiu uma corrente fria dentro dela. Uma sombra pairava nas regiões periféricas de sua consciência, e ela tentou sem sucesso entender-lhe o significado até que o sono chegou e a levou embora também.

Os olhos de Luc se abriram, como duas estrelas emitindo uma luz tênue, enquanto as palavras que Belinda dissera ainda ecoavam na escuridão do quarto. Em vez da alegria que tinha antecipado, ele estava tomado por uma necessidade dolorosa de corresponder com sinceridade. Mas sabia por experiência própria que fazer aquilo só podia levá-lo à ruína. As últimas palavras que sua mãe pronunciara não haviam sido palavras de amor por seu pai — ao homem que, enfim, viria a destruir a vida de ambos? Não, era melhor conter os sentimentos. Era melhor que o amor de Belinda continuasse sem resposta.

Ela acordou na manhã seguinte bastante descansada, para sua própria surpresa, e quando Luc sugeriu que fossem nadar antes do café-da-manhã aceitou a ideia com entusiasmo. A piscina aquecida pela energia solar e com o teto móvel aberto para aproveitar ao máximo a luz do verão era um cenário realmente convidativo. Luc mergulhou, rasgando uma faixa precisa na água, e por um momento Belinda apenas deleitou-se com a beleza de seu corpo enquanto ele ia e voltava com braçadas atléticas.

Ali não havia qualquer sinal da fraqueza de suas pernas, nada da debilidade que lhe deixara o acidente. Ela sabia o quanto ele ficava incomodado por carregar aquela marca, e sentia-se muito consternada por ser a responsável. Mesmo que ele reafirmasse que a havia perdoado, como

fizera naquele dia quando estavam colocando as roupas de banho, dizendo que deixasse o passado para trás e olhasse somente adiante.

— Você não vai entrar? — Luc perguntou, sua cabeça iluminada por um raio de sol quando emergiu das águas à frente dela.

— É claro que vou.

— Então, por que está aí parada?

Belinda deixou que seus olhos percorressem os músculos dos ombros dele que, juntos aos do peito, passavam a impressão de que uma poderosa muralha surgia na superfície da piscina.

— Só estou aproveitando a vista — ela disse, injetando um tom provocativo na voz. Qualquer coisa era melhor do que admitir que estava ainda mais angustiada com o sentimento de culpa naquela manhã do que na noite anterior.

A realidade do caráter permanente dos ferimentos sofridos por Luc era um peso maior do que ela podia suportar. As exigências da posição dele como anfitrião e guia para os hóspedes estrangeiros demandavam certa facilidade de movimentação. Uma facilidade que ela tornara impossível com as ações que praticara.

Balançou a cabeça levemente para livrar-se da constante ameaça de recair em um estado de terror, sempre à espreita em sua consciência.

—Aposto uma corrida com você até o outro lado — ela disse, saltando por sobre a cabeça de Luc e atingindo a água com elegância.

Começou a dar braçadas firmes assim que emergiu, sentiu a excitação da presença do corpo de Luc atrás dela. Chegou ao lado oposto com os músculos queimando pelo exercício a que não estavam acostumados, e um segundo depois sentiu o tornozelo ser capturado por dedos que a puxavam para baixo.

Deixou-se ser levada aos braços de Luc, vibrante de vitalidade e energia ao sentir o toque da pele dele sob a água.

Podia sentir agora, de um modo diferente, a textura dos lábios que a beijavam, a força das pernas que a prendiam, o poder dos braços que, enfim, a levaram de volta à superfície.

— Você trapaceou — ele disse, bem-humorado. — Eu deveria puni-la por isso.

— Eu é que deveria punir você — ela respondeu, provocativa, roçando-lhe os lábios. — Por ter me apanhado de surpresa.

— Certo. Pode me castigar à vontade — Luc assentiu, com satisfação.

— E qual seria seu último desejo? — ela provocou.

Luc deu uma gargalhada, que ressoou em todo o ambiente claro da piscina e alcançou o coração de Belinda como uma razão de verdadeira e autêntica felicidade. Desde que haviam retornado a Tautara, ela não o vira ainda ceder à manifestação de uma alegria e um humor tão despreocupados. E saber que ela o fizera agir daquele modo a levava a sentir-se

incrivelmente especial, querendo provocar o mesmo efeito muitas outras vezes.

Quando saíram da água, secaram-se um ao outro, e depois vestiram roupões. Belinda estava completamente disposta a abandonar o café-da-manhã enquanto secava o corpo de Luc — e, ao que tudo indicava, ele também não tinha nenhuma pressa em sair dali naquele instante. Mas, então, Manu os chamou pelo interfone, dizendo que o café estava preparado e os aguardava na varanda superior da casa.

Ela parou um momento, antes de saírem da piscina, para libertar-se do biquíni por sob o roupão.

— O que você está fazendo? — ele perguntou, com os olhos em chamas, demonstrando algo que ela aprendera a reconhecer.

Belinda sentiu a resposta de seu próprio ventre antes que sua boca articulasse as palavras:

— Não suporto a sensação do biquíni molhado sobre a minha pele — disse, de um modo tão casual quanto conseguiu, caminhando na direção da porta que Luc abrira para ela.

— E você espera que eu me mantenha calmo durante o café-da-manhã sabendo que você está nua sob esse roupão?

— Pense nisto como seu castigo — Belinda respondeu, e apertou a faixa do roupão na cintura como que para enfatizar o acordo.

— Entendo — Luc falou, mas enquanto isso deslizava a mão por sob a bainha do roupão e tocava o mamilo de Belinda levemente com a ponta dos dedos. — Acontece que eu não disse ainda qual é meu último desejo.

A resposta a pegou desprevenida, e Belinda teve que se escorar na parede para não perder o equilíbrio, enquanto ele avançava determinado a fazer valer seu direito. Suas coxas duras apertaram as dela, aumentando a distância entre a postura dela poucos segundos antes e sua respiração já ofegante de agora, interrompida no momento em que ele a abafou com um beijo ávido. Luc flexionou os joelhos e a ergueu com incrível facilidade, e ela, automaticamente, enlaçou-o com mãos e pernas, colocando-se em pleno contato com sua virilidade.

— Ainda está disposta a me castigar? — ele perguntou, sussurrando no ouvido de Belinda.

Então, afastou-se, permitindo que ela arrumasse o roupão antes de conduzi-la pelas escadas até o pátio. Belinda mal conseguia pensar, e não pronunciou nenhuma palavra. Em uma fração de segundo ele a deixara sem ação, entregue à vontade de ser possuída ali mesmo, podendo ser vistos por qualquer criado ou funcionário de Luc que estivesse passando por perto das paredes envidraçadas. E justamente quando ela parecia no total domínio de si mesma.

Suas reações a todos os atos e mesmo à presença de Luc eram amedrontadoras. Não surpreendia que ela tivesse aceitado se casar com ele.

Mesmo naqueles poucos dias, com as poucas lembranças que havia recuperado, ele se tornara o centro de seu mundo.

Mas, e então: por que ela tentara fugir?

CAPÍTULO ONZE

— O que você gostaria de fazer hoje? — Luc perguntou enquanto se servia de ovos mexidos.

— Tenho algumas coisas a resolver pela manhã, mas o resto do dia podemos fazer o que você tiver vontade.

— Se você vai trabalhar, vou passar algum tempo no jardim. Tenho saudades de sujar minhas mãos de terra — ela falou, sorrindo.

— Temos pessoal para isso.

— Mas, Luc, eu gosto de fazer. Eu amo jardinagem.

Luc estendeu o braço para pegar-lhe a mão. O sol bateu no diamante do anel de noivado de Belinda, que refletiu a luz em todas as direções como uma bola de fogo azul. Estavam fazendo a refeição ao ar livre, com frutas e pães sobre uma toalha de linho branco, e mesmo naquela refeição simples e breve tudo era mantido em um padrão cinco estrelas. Luc garantia conforto e elegância aos seus hóspedes, e, obviamente, também gostava de viver daquele modo. Ele oferecia a perfeição e gostava de ter o mesmo.

Esfregou os dedos dela contra os seus.

— Então, por favor, use luvas. Você não vai querer destruir suas lindas mãos.

Havia algo em sua voz que fez a coluna de Belinda se retesar, colocando-a na defensiva. Tentou afastar aquela sensação. Ele apenas estava preocupado com seu bem-estar, disse a si mesma.

— Está bem, se você prefere assim.

Luc levou a mão de Belinda aos lábios para beijar-lhe com suavidade os nós dos dedos. Mais uma vez, ela foi tomada pelo desconforto que lhe impunha uma questão. O que o fazia feliz: tê-la ao seu lado ou tê-la como sua esposai A questão era desconcertante, e ela passou gelei a em uma torrada com displicência enquanto tentava encontrar uma saída daquele labirinto.

Mas sentiu-se aliviada, libertada de suas dúvidas mais uma vez, como se estivesse de fato de volta à sua casa, ao alcançar uma outra parte do jardim. De um lado havia um abrigo, com prateleiras cheias de vasos de cerâmica de todas as formas e tamanhos, e sacos de argila pelo chão. E, atrás dele, uma réplica de mármore da Vênus de Milo reluzia em solitário esplendor.

Belinda passou o dedo pela linha do ombro da estátua. Podia simpatizar com Afrodite em alguns aspectos, pensou, deixando a mão atingir o ponto onde terminava o braço direito. Tampouco no mundo de Belinda as coisas pareciam estar completas naquele momento — ou, ao menos, não em sua memória. Havia ainda grandes espaços vazios, lacunas iluminadas por súbitos raios do passado que lhe deixavam apenas entrever vultos informes, do quê, não sabia.

Suspirou e olhou ao redor. Muita coisa ali era familiar e, de certo modo, reconfortante. Seria bom ocupar-se com uma atividade que amava mais uma vez.

Muito mais tarde, naquela mesma manhã, Manu lhe levou um telefone enquanto ela trabalhava no replantio de alguns brotos que encontrara espalhados ao redor do canteiro de ervas. Sem dúvida, ela estivera acostumada àquele tipo de atividade antes do casamento. Conseguiu, então, dar nova vida a plantas saudáveis ameaçadas pela falta de cuidados. Infelizmente, muitas outras haviam morrido. Ela apenas esperava que aquilo não fosse simbólico.

Manu atravessou a entrada do abrigo com um grande sorriso, e Belinda esfregou as mãos no jeans para limpá-las da terra, tendo há muito dispensado as luvas de jardinagem que havia posto somente para fazer a vontade de Luc.

— Aproveitando a manhã? — Manu perguntou, atencioso e perspicaz em seus olhos castanhos.

A alegria jorrou das palavras de Belinda:

— E como!

— Isso é bom. Nós sentimos falta dos seus sorrisos por aqui. Tome. — Passou-lhe um telefone sem fio. — Há uma chamada para você de Auckland. Alguém da Pounamu Productions.

— Sério? O que eles querem comigo?

— Veja você mesma.

Belinda inspecionou as mãos antes de pegar o telefone e levá-lo ao ouvido.

— Alô? Sim, aqui é Belinda Wall... Tanner. — Sorriu constrangida para Manu ao seu lado. Havia automaticamente quase mencionado seu nome de solteira. O que não era estranho, levando em conta que ela sequer se lembrava do próprio casamento.

— Olá, Belinda. Ainda não se acostumou à vida de esposa? Aqui é Jane Sinclair, da Pounamu Productions. Você se lembra da série que estávamos discutindo antes do seu casamento, aquela de meia hora por semana sobre jardinagem? Os investidores nos deram sinal verde, e o pessoal da programação adorou as tomadas que fizemos de você nos jardins da sua família. Eles acham que você é a pessoa mais indicada para o

trabalho, e sua beleza só vai aumentar a audiência. Quando você pode vir a Auckland para discutir isso?

Belinda absorveu as palavras de Jane em um silêncio aturdido. Série de televisão? Programa sobre jardinagem? Como ela poderia dizer a Jane que não tinha absolutamente nenhuma ideia do que ela estava falando? Mas, apesar da falta de resposta, Jane prosseguiu falando sobre o planejamento da série, orçamento, cronograma e coisas do tipo.

— E, então, que tal na próxima semana? Está bom para você?

— Olha, eu vou ter que retornar para confirmar. Mas a princípio está bem — Belinda respondeu, ganhando confiança. — Me dê seu número.

Ela revolveu a mesa de madeira que tinha à frente. Sabia ter visto uma caneta em algum lugar, e de fato uma caneta surgiu logo em seguida, junto a um pedaço de papel. Anotou os números de Jane com rapidez lançando a Manu um sorriso de gratidão. Quando pressionou o botão para desligar o telefone, sentia como se tivesse corrido uma maratona. Estava sem fôlego. E tinha agora que incorporar à mente outra informação, das mais relevantes.

— Você sabe a que ela estava se referindo?

O rosto normalmente receptivo de Manu tomou uma expressão fechada, que não deixava transparecer muita coisa.

— Você vai ter que falar com Luc sobre isso. Ele ainda está no escritório. Quer que eu o chame?

—Não, está tudo bem. Não há porque incomodá-lo agora. Falarei com ele na hora do almoço. Então discutiremos o assunto.

— Certo — Manu disse, girando o corpo para sair, mas parando na entrada. -— O que você acha? Parece que é uma boa oportunidade.

— É, parece que sim. — E sentou-se no banco que havia atrás dela. — Eu teria saltado sobre uma oportunidade destas antes, mas algo me diz que não posso fazer isso agora. Algo me diz que não seria certo. — Balançou a cabeça. — Não sei. A vida seria muito mais fácil se eu pudesse me lembrar de tudo.

— Bem, como minha tipuna costumava dizer, não fique procurando problemas senão você acaba encontrando. Às vezes é melhor deixar as coisas acontecerem naturalmente.

— Sua avó, certamente, foi uma mulher sábia. Obrigada, Manu.

Quando Belinda saiu do abrigo, pensou nas palavras dele, e na maneira como as dissera, como se fosse um conselho especialmente dirigido a ela. Seria melhor não ficar forçando a memória? Ela duvidava disso. Para que seu casamento fosse pleno, precisava estar nele completamente, com todo seu corpo e toda sua mente, sem nenhum espaço vazio que deixasse dúvidas e inquietações.

— Como vão as coisas aí? — A voz de Luc surgiu da entrada. Ele se aproximou para beijá-la na testa.

— Manu disse que você ainda estava no escritório. — Ela ergueu o rosto e deu-lhe um beijo no queixo. — Já está na hora do almoço?

Luc tomou-lhe as mãos e dirigiu a Belinda um olhar grave.

— Esteja ou não, acho que está na hora de você descansar. Olhe para si mesma.

Belinda examinou as próprias mãos, um pouco contrariada.

— E só uma questão de esfregá-las bem. Além disso, não estou num programa de televisão, não é mesmo? — falou, tentando manter um tom jovial, mas a censura no tom de voz de Luc era bastante nítida, e ela não gostou daquilo nem um pouco.

— Não, você não está na tevê. Mas chegarão mais hóspedes nos próximos dias e nas seis semanas seguintes estaremos com a lotação completa. Precisarei de você ao meu lado, linda e sorridente.

Belinda reagiu prontamente.

— Você faz eu me sentir como um ornamento. Tenho certeza que sou mais importante para você do que isso.

— Sem dúvida. Muito mais importante. — Luc a fez levantar-se e a puxou pela cintura para que ficassem mais próximos. — Você é a coisa mais importante no mundo para mim. Então, o que há de estranho em querer tê-la perto por todo o tempo possível?

A pergunta não exigia resposta, porque ele simplesmente a beijou com leveza em seguida, acariciando-lhe os lábios com a ponta da língua para que ela os abrisse. O corpo de Belinda flamejou no mesmo instante com suas demandas. Parecia que nunca teria o suficiente dele — de seu gosto, de sua força —, ou seja, nunca teria todo ele para si. Fosse ou não a intenção de Luc distraí-la da conversa que vinham tendo, aquilo funcionava muito bem nesse sentido, e ela já estava completamente disposta a abandonar seus vasos e ervas para passar uma tarde junto dele.

Ao voltar à suíte ela tomou uma ducha rápida e pôs jeans limpos com uma leve blusa de seda rosa. Luc não lhe revelara exatamente seus planos, mas dissera que ela devia vestir-se casualmente e se proteger do sol.

Ao pegar as roupas de jardinagem para colocá-la no cesto da lavanderia, Belinda viu um pequeno pedaço de papel cair de um bolso da calça. Tomou-o entre os dedos, reconhecendo os números que anotara com tanta pressa. Pensou no aviso de Luc de que estariam com a lotação completa nas próximas semanas. Teria de verificar com ele se seria uma boa hora para ir a Auckland.

Fixou-se ainda no papel diante do nome de Jane Sinclair — na esperança de que qualquer coisa ali a fizesse lembrar algo a respeito. E, de repente, uma imagem surgiu em sua cabeça, a de Jane em um casamento nos jardins de um dos hotéis da família Wallace, falando sobre a beleza das rosas, das árvores e das plantas aromáticas do lugar. Quando ela soube que

Belinda havia planejado os jardins daquele e de tantos outros hotéis da família, começou simplesmente a jorrar idéias.

Belinda ficara muito excitada. Trabalhar com o pai por tantos anos havia sido muito mais uma obrigação do que um prazer. Enquanto o fazia, assumindo as mais diferentes atividades sempre com confiança e competência, os jardins sempre foram onde seu coração estava. Gostava de todos os aspectos do trabalho. O projeto, a seleção das plantas, a supervisão do trabalho — todos os estágios tinham suas recompensas, que, em conjunto, a levavam à felicidade.

Trabalhara com aquilo por anos, mesmo que por poucas horas, tentando construir um portfólio para começar um negócio — e agora, finalmente, tinha diante de si a plataforma com a qual poderia deslanchar e realizar seus sonhos.

Belinda enfiou o pequeno pedaço de papel no bolso do jeans e correu para a sala de jantar onde Luc a estaria esperando. Não podia esperar mais para contar sobre a ligação de Jane — e, mais ainda, sobre como agora ela se lembrava dos motivos da chamada.

Não lhe ocorreu nem por um segundo que ele faria uma objeção.

— É impossível. Me dê o número dessa Sinclair que eu direi a ela que você não vai participar do programa.

Belinda deixou o garfo cair sobre o prato, provocando um som agudo.

— O quê? — ela falou, incrédula. — Como assim, é impossível?

— Eu já lhe disse. Preciso de você aqui. Esta é a nossa vida. Nossos hóspedes precisam de um anfitrião e uma anfitriã, eles têm direito a isso. E é o que você faz de melhor. Então, não quero mais ouvir nada sobre esse programa de tevê.

— O que eu faço de melhor? Mas, Luc, essa é uma oportunidade que não posso perder. Pense nas comissões que poderia ganhar fazendo jardins como o nosso. Até mesmo Hank quer que eu planeje alguma coisa para ele.

Do outro lado da mesa preparada para uma ocasião íntima, Luc a interrompeu.

— Hank Walker? De modo algum.

— Certo, eu concordo que trabalhar para ele seria difícil, por causa de Demi. Mas ainda assim uma viagem ao Texas seria divertida, não seria?

— Essa viagem não vai acontecer nunca, assim como você jamais vai participar dessa série de Jane Sinclair.

O rosto de Belinda estava contraído, ao olhá-lo. Tinha ficado completamente louco?

— Como assim, nunca?

— Seu lugar é aqui. Ao meu lado.

— Ao seu lado? E quanto ao meu trabalho, Luc? Eu tenho uma carreira a reconstruir.

— Não. Você não tem.

Luc observou Belinda com cautela através da mesa. Seria apenas uma questão de tempo. Seus maiores receios tomavam forma à medida que a memória dela retornava. Podia sentir como a estava perdendo mais uma vez, e a sensação cravou-lhe uma lança de amargura no coração. Era tão errado querer mantê-la ali, ao seu lado? Levantou-se e foi até ela. Tomou-lhe a mão, que Belinda pousara com o punho cerrado sobre o colo, e a puxou para si. Os olhos dela pareciam agora mais cinzas do que azuis — frios, defensivos —, como se ele tivesse, de repente, exibido caninos afiados. E talvez, de certo modo, tivesse realmente feito aquilo, tomando a forma de um vampiro que queria todo o sangue dela, sem deixar nada para outros. Sob o olhar de Luc, ela empalideceu, com os lábios adquirindo um tênue tom rosado, e a face ficou totalmente destituída de cor.

Ele inclinou-se para beijá-la, em uma tentativa de amainar a raiva e o medo que reverberavam como uma força tangível. Mas Belinda desviou o rosto. Luc não gostava nem um pouco do rumo que as coisas estavam tomando, e da repentina sensação de vulnerabilidade que aos poucos surgia em seu interior.

— Nós já tivemos essa conversa antes, não tivemos? — ela perguntou.

Belinda levou a mão à testa, esfregando a região acima das sobrancelhas como para obter uma informação do esquecimento. Luc permaneceu em silêncio, preocupado. Ele agora reconhecia os sinais de que ela estava começando a ter uma outra dor de cabeça, como efeito do esforço em recordar algo que a deixava nervosa, e que invariavelmente a levaria à perda da consciência. Segurou-a firmemente, mas apenas para senti-la libertar-se de seus braços e se afastar.

Apenas um dia antes tinha se lembrado do acidente. Agora as recordações viriam, mais rápidas e fortes do que nunca. E ele tinha que controlar aquilo.

De repente, uma certeza aflorou no rosto de Belinda.

— Sim, nós tivemos — disse, aumentando o tom de voz, com uma férrea determinação em seguir adiante. — Foi logo após o casamento.

— Continue — ele falou, lutando consigo mesmo para manter a calma. De nada adiantaria reprimir o impulso dela naquele momento.

Ela piscou os olhos rapidamente diversas vezes, com a testa franzindo enquanto parecia vagar pelos fragmentos desgarrados do passado. Quando ergueu o rosto, seus olhos faiscavam de raiva e de algo mais que ele não pôde identificar de imediato.

Dor. Uma dor desesperada e dilacerante, bem ali na sua presença. Um sentimento que ele nunca permitira a si mesmo, e, ainda assim, vê-la naquele estado criou dentro dele um instinto de empatia que vinha de um lugar profundo e desconhecido. Um lugar que ele mantinha fora do alcance de todos. Até dele mesmo.

Aproximou-se dela, mas novamente ela se desviou, saindo de sua rota, balançando a cabeça, com a voz tensa.

— Não me toque.

— Belinda, pare com isso.

— Parar? Parar com o quê, Luc? Parar de lembrar que você só se casou comigo porque eu era a pessoa mais adequada para o trabalho? Parar de lembrar que você me cortejou de propósito por esse motivo? — Ela jogou as mãos espalmadas sobre a mesa, fazendo pratos e talheres saltarem. Uma taça rolou até a borda e caiu no chão, estilhaçando-se em milhões de minúsculos pedaços brilhantes. — Me diga, eu não estou certa? Ou estou me esquecendo de mais alguma coisa?

Ela o olhava segurando as lágrimas. Luc sentiu que algo estava se rompendo.

— Eu nunca menti para você, Belinda.

— Não, não mentiu. E também nunca me amou. O choro finalmente irrompeu, transbordante e inconsolável.

— E isso é um crime? O amor é para os tolos. O que nós temos é...

— O que nós tínhamos. — Ela o interrompeu com uma firmeza que lhe congelou o sangue. — O que nós tínhamos.

— Como assim?

— Você não espera que eu continue aqui agora, espera? Eu estava deixando você na noite do acidente. Na noite em que deveríamos estar comemorando o casamento. Como você pôde me esconder isso e esperar que eu nunca me lembrasse... esperar que eu nunca quisesse deixar você de novo? Eu o odeio pelo que você fez comigo antes e pelo que estava fazendo agora.

Belinda girou o corpo e foi em direção à porta.

— Pare. Onde você pensa que vai? — ele perguntou, de forma imperativa, com os punhos cerrados e a frustração jorrando nas palavras. Não importavam as razões, ele nunca a deixaria ir. Não quando ela era o centro de seu mundo. Não podia permitir que aquilo acontecesse.

— Estou indo embora. Vou deixar Tautara Estate e vou deixar você. Não tente me impedir.

A mão de Belinda estava na maçaneta, já girando o metal frio para sair dali o mais rápido possível.

— Você tem razão. Eu não posso detê-la — ele falou, esforçando-se por aplicar a dose exata de tranquilidade e segurança na voz.

— Isso é algum tipo de blefe? — ela virou-se para perguntar.

— Blefe? Não, eu não gosto de jogar. Jamais gostei.

De fato, a infância de Luc não o preparara para uma vida de diversões. Tivera que encarar o lado sério da vida desde o começo. Lentamente, foi na direção da esposa, notando como os dedos dela ainda estavam firmemente agarrados à maçaneta.

— Certamente, não posso deter você, mas você deve considerar o efeito disso para seus pais.

— Meus pais? Eles não iam querer que eu ficasse neste... neste "relacionamento" por nem mais um minuto. Se papai tivesse qualquer ideia do que o motivou a casar-se comigo, ele estaria aqui para me levar embora assim que pudesse.

— Você tem certeza disso? Talvez devesse falar com ele antes de ir. Para saber se será bem recebida em casa.

— E por que não seria? Sou a filha mais nova, trabalhei ao lado de meu pai por anos, ajudei minha mãe de todas as maneiras que pude. É claro que serei bem recebida em casa.

— Então talvez não se importe que eu cancele o empréstimo. Sem dúvida, isso significaria a interrupção do tratamento de sua mãe, e quanto aos hotéis de seu pai, bem, eles teriam que ser vendidos para cobrir alguns gastos. E até possível que os maridos de suas irmãs percam as posições de gerência nos hotéis. Mas talvez encontrem outros trabalhos para preservar o estilo de vida a que estão acostumados. Talvez não. Não tem problema. Por que tudo será feito em nome do amor, não é mesmo?

Luc deu um passo atrás e abriu a porta que dava para a suíte.

— Você está livre para partir quando quiser. Desde que possa viver com as consequências.

CAPÍTULO DOZE

Belinda foi ao chão, incapaz de absorver o choque que lhe causaram as palavras de Luc. Ele passou rente ao seu corpo caído e inerte, caminhando, para o salão. Enquanto ouvia o eco dos passos dele se distanciar, ela percebeu como seus pensamentos formavam um redemoinho cujo centro agora podia identificar com aquelas ameaças.

A peça que estava faltando fora colocada no quebra-cabeça. Ela se lembrava de tudo: a beleza do dia do casamento, o entusiasmo que sentira ao se tornar finalmente a esposa de Luc Tanner e, então, a terrível sensação de súbito deslocamento quando o pai a levara para um canto durante a recepção.

— Estou tão feliz em ver que afinal este foi um casamento feito com amor — disse Baxter Wallace.

A alegria de Belinda foi ligeiramente ofuscada pelas palavras do pai. Afinal um casamento feito com amor? Não o fora por todo o tempo?

— O que você quer dizer, papai? É claro que estamos apaixonados.

O pai dela ruborizou, precipitando-se nas palavras seguintes.

— Luc Tanner está atrás de você há anos, minha querida. Nunca escondeu de mim o quanto apreciava suas habilidades e a maneira como você assumia todo tipo de atividades em nossos hotéis. Eu sempre o impedi de aproximar-se de você, até um determinado momento. Mas agora que vejo os dois juntos, tão felizes, já não me sinto tão mal pelo que aconteceu.

— O que aconteceu? — Belinda insistiu.

— Nada de mais. Algumas coisas relacionadas a negócios com as quais sua linda cabeça não precisa se ocupar, ainda mais no dia de hoje. Basta dizer que sua mãe e eu estamos muito felizes.

O tom condescendente do pai a deixou no limite do nervosismo. Era exatamente o tipo de tratamento que sempre a impedira de se sentir uma pessoa totalmente adulta.

— Me diga — ela exigiu, confrontando-lhe com uma expressão firme, para não deixar dúvidas de que não estava disposta a simplesmente deixar o assunto de lado.

— Bem, você sabe como fomos atingidos naquele golpe dos cartões de crédito. Como sofremos um desfalque de algumas centenas de milhares de dólares.

— Sim, mas achei que você tinha resolvido o assunto com o banco.

— Justamente, foi o que fiz. Mas, com a doença de sua mãe, e a necessidade do tratamento especial nos Estados Unidos, nós precisávamos de um pouco mais.

— Um pouco? Quanto, papai?

— Não importa agora. Luc Tanner nos emprestou dinheiro suficiente para sairmos daquela situação.

— Então você fez outro empréstimo. Certo. Mas por que se sente mal com isso? — Belinda perguntou, confusa. O fato em si não era de todo anormal.

— Bem, foi um empréstimo... digamos que... em condições singulares. Na verdade, uma condição singular.

O coração de Belinda ficou apertado com aquelas palavras. Ela já pressentia o que viria a seguir.

— Ele queria você. Como sua esposa.

— O quê? Ele me comprou?

Como aquilo podia ser verdade? Seu pai a vendera para pagar as dívidas?

Por toda a vida Baxter Wallace a tratara como uma peça de exibição para o mundo exterior. Mesmo seus jardins haviam sido mostrados como uma espécie de prova de suas aptidões, embora ele nunca realmente tivesse acreditado que aquilo seria mais do que um hobby para ela. Fazia-a transitar no mundo de seus negócios com algo que ela imaginava ser orgulho paternal; mas agora Belinda percebia o quanto estivera errada. Seu pai a havia transformado em moeda de troca, valorizando-a durante anos

para alcançar o maior valor na negociação. Para vendê-la a outro homem, que a visse também como algo que podia ser adquirido no mercado.

— Você está exagerando, minha querida. Você sempre exagera um pouco. Sempre tão romântica e emocional com as coisas! Além disso, você mesma diz que está apaixonada por ele, não é? Vocês serão muito felizes juntos, o casal perfeito. E você será um acréscimo muito bom aos negócios dele, justamente o que ele precisava para alavancar as atividades. E o melhor de tudo é que agora sua mãe poderá fazer o tratamento recomendado pelos médicos nos Estados Unidos. Assim que ela puder viajar nós estaremos a caminho.

As palavras do pai caíam sobre ela como pedaço de granito, cada um dando uma nova pontada de desgosto no coração. Não queria acreditar que aquilo fosse verdade, que ela havia sido vendida pela maior oferta. Mas só uma pessoa poderia refutar as alegações absurdas do pai. Luc Tanner.

Apenas ele poderia lhe revelar a verdade. Era óbvio que haviam se casado por amor.

E, então, Luc apareceu ao seu lado em todo o esplendor de sua figura, à qual o smoking conferia ainda mais poder naquela ocasião.

— Você está pronta para partir? O manobrista trouxe o carro.

Belinda pousou a mão estremecida sobre o braço dele.

— É verdade? È verdade que você me comprou?

— Comprei você? De onde você tirou esta ideia?

Luc lançou a Baxter Wallace um olhar furioso, que Belinda pôde captar com desespero.

— Luc, diga que você me ama. Diga que você se casou comigo porque me ama.

— Belinda, isso é ridículo. Nós estamos casados. Venha, o carro está esperando.

Ela se libertou dos braços dele.

— Diga que me ama — falou, pronunciando cada palavra com clareza, para não permitir outra alternativa. — Diga que você não se casou comigo apenas para ter uma anfitriã em Tautara Estate.

— É claro que não me casei com você apenas para ter uma anfitriã em Tautara. Poderia ter empregado qualquer uma das melhores funcionárias de meus competidores para essa posição, se era tudo o que eu precisava. — Luc levantou um dedo para percorrer-lhe a curva do decote do vestido de noiva. Apesar da maneira como Belinda sentia que todo o seu mundo estava sendo destruído, aquele pequeno gesto bastou para fazer seu corpo reagir com um tremor de desejo. — Você sabe que nós temos mais do que isso.

— Então você não tem nenhuma objeção a que eu continue minha carreira como paisagista? Ou ao programa de televisão que começarei a

apresentar em poucos meses? — ela perguntou, mas já sabendo qual seria a resposta dele.

— Você não terá tempo para isso. Você estará muito ocupada. Comigo, com a hospedagem.

O sangue de Belinda congelou com aquelas palavras. Ela realmente não era nada mais que uma aquisição para ele. O complemento perfeito para o mundo perfeito que ele queria criar. Um mundo feito para agradar ricos e famosos, para causar inveja àqueles que não poderiam usufruir dos luxos e amenidades que a vida em Tautara Estate poderia proporcionar. Um mundo no qual ela não seria nada mais do que uma peça em uma engrenagem.

Ela era uma coisa. Não uma companheira.

— Não posso fazer isso. — As palavras saíram-lhe da garganta em um soluço, enquanto todos os sonhos que ela alimentara a vida toda se desfaziam. Recolheu a saia e abriu caminho para sair dali. — Terminou. Eu não posso fazer isso. Não posso ficar casada com você.

Seu pai e Luc pararam, sem ação, enquanto ela ia em direção à saída do salão de baile repleto de convidados, naquele que tinha sido anunciado pela imprensa local como o evento do ano. Entretidos com as bebidas e com a dança, os convidados não notaram que a noiva estava deixando o local. Ela correu o mais rápido que pôde pelos corredores do hotel até os portões de entrada, onde o reluzente Porsche Carrera GT de Luc os esperava para seguirem para a lua-de-mel.

Belinda foi até a porta aberta do lado do motorista, enfiando o enorme volume de seu vestido para dentro do carro, e posicionando os pés nos pedais. Fechou a porta e soltou o freio de mão, já engatando a primeira marcha e começando a apertar o acelerador.

Então, saindo do nada, Luc surgiu diante do carro. Ela tentou apertar o freio com força, mas as solas de seus sapatos escorregaram para o acelerador. Belinda deu um grito ao ver que o carro avançava com mais velocidade ainda — para atingir o homem que ela amava em todos os recantos de seu coração estilhaçado, e fazê-lo rolar sobre a capota do carro antes de cair no encostamento.

Horrorizada, girou o volante para a direita, tentando desesperadamente passar o pé do acelerador para o freio. Mas seu tornozelo enrolou na saia e a última coisa que ela pôde ver antes do impacto foi um sólido bloco de concreto à sua frente.

O choque inesperado com o qual ela recordou a noite do casamento logo amainou, deixando uma dor pungente na altura do coração. Como pudera ter sido tão facilmente enganada? Por toda a vida havia acreditado que só se casaria por amor. E, em parte, isso aconteceu. Ela amava Luc com todas as forças — mente, corpo e espírito. Mas isso era só metade do problema.

Por esse motivo se sentia agora duplamente traída, não apenas pela admissão dele de que nunca a tinha amado, na noite do casamento, mas também por sua fria determinação em seguir adiante como se aquilo nunca tivesse acontecido. Como se a verdade não tivesse importância diante dos planos de Luc para conquistar o mundo.

Levantou-se com dificuldade e fechou a porta, deixando-a bater com um som vazio antes de afundar no grande sofá de couro e enrolar-se como um animal ferido. Agora se lembrava de tudo: a primeira vez que vira Luc, a primeira vez que falara com ele, a noite em que ele a havia pedido em casamento. Toda recordação tinha algo amargo, agora que ela sabia que para ele tudo havia sido planejado friamente. Uma meta para ser alcançada.

Não era de admirar que ela tivesse reagido com tanta veemência no hospital, e que seu pai estivesse tão desconfortável na ocasião. Nos últimos dias, voltara a viver uma vida de mentiras.

Fora traída por todos os lados. Pelo marido. Pelo pai. E agora estava presa àquele castelo erigido por um homem obstinado. Não havia como sair dali, não quando a vida de sua mãe estava em jogo. Se fosse apenas a questão das perdas de seu pai, ela certamente poderia arcar com a responsabilidade — abandonando Luc por um futuro incerto —, mas não podia destruir as chances de que sua mãe ficasse bem de novo.

Imaginou como as irmãs a condenariam, dizendo que deveria estar grata pelo fato de ter um marido rico e um estilo de vida invejável. Coisas que apreciavam mais do que o verdadeiro amor. E, ainda assim, tinham vidas estáveis e famílias felizes. Estavam realizadas.

Família. Um tremor percorreu o corpo de Belinda. Antes do casamento, Luc dissera que pretendia começar uma família imediatamente. Contrariada, ela havia argumentado que o queria para si por algum tempo, explicando em seguida o método anticoncepcional de longo prazo que usava, de absoluta eficácia, desde que tomasse uma dose a cada 12 semanas! Eles concordaram em que ela tomaria mais uma antes do casamento, e que depois disso refletiriam sobre o desejo de Luc. Agora Belinda podia apenas agradecer aos céus por não haver nenhuma possibilidade de que estivesse grávida.

Teria alguma felicidade em submeter uma criança a um pai incapaz de amar? As diferenças entre ambos só iriam se avolumar com a chegada de um filho. Não seria justo com ele.

Por causa de seu sentimento de lealdade para com a família, não poderia abandonar Luc — mas poderia tornar impossível que ele perpetuasse sua dinastia e o tipo de relação calculista que lhe impusera.

Puxou o ar para encher os pulmões, desejando poder conseguir resolver a situação também radicalmente. Estava forçada a ceder à vontade de Luc, a estar ao lado dele, receber os hóspedes, garantir que tudo corresse bem para o bom andamento dos negócios. Ele teria sua esposa perfeita —

uma anfitriã que todos elogiariam e invejariam. Mas isso seria tudo. A coisa começava e terminava aí.

Belinda desdobrou as pernas para se levantar, procurando manter o equilíbrio ao andar na direção do telefone para fazer a ligação que seria o começo do fim de seus sonhos. Enquanto digitava o número de Jane Sinclair, seus olhos se encheram de lágrimas e sua garganta se esforçava em sufocar as palavras que ela nunca poderia pronunciar.

Luc dava voltas pelo escritório. Não queria partir para a chantagem, mas ela o forçara a isso, para que a mantivesse no lugar a que pertencia e onde precisava dela.

A imagem de Belinda quando a deixara, poucas horas antes, ainda queimava nos recantos de sua mente. Havia causado a ela uma dor absurda. E sabia disso. O que era só mais uma razão para não dar rédeas ao sentimento abominável que as pessoas chamavam de amor. Com o amor vinha a fraqueza. Luc Tanner não era fraco. Havia aberto seu caminho na vida apesar de suas origens — ou por causa delas.

Esfregou automaticamente o braço esquerdo, que seu pai quebrara na noite em que havia perdido totalmente o controle de si mesmo. Max Tanner fora um homem brutal, que dominava a casa com uma fúria movida a álcool. Naquela noite em particular, estivera mais nervoso do que o habitual, e no limite da embriaguez. Luc ainda podia ouvir a mãe, também ela alterada, provocando Max. Ainda podia sentir o gosto do medo na boca, e o estado de absoluto desespero que vinha de saber o que ocorreria em seguida e não poder fazer nada a respeito.

Quando Max partira para cima dela, com as mãos e as botas, Luc, um menino frágil de 12 anos, que ainda tinha muito para crescer e tomar corpo, tentou interceder. O pai o jogou de lado em um só movimento, quebrando-lhe o braço. Então, em uma súbita mudança de atitude, pegou a esposa agredida, soluçando e prometendo de amor eterno, levando-a para o carro e para o hospital. Mas, bêbado como estava, não pôde controlar o veículo, matando a ambos. Levou algumas horas para a polícia encontrar Luc. Ele estava convencido que já escutara o suficiente em sua vida sobre amor.

Reprimir as emoções nunca fora um problema para ele depois disso. Até que viu Belinda e começou a desejá-la de uma maneira que superava até mesmo sua vontade de alcançar sucesso pessoal. Então, a havia adquirido, como se fosse a propriedade de um relutante vendedor. Isso era tudo. Era assim que as coisas funcionavam com ele. Era o que ele se permitia.

Teriam uma boa vida juntos a partir do momento em que ela compreendesse os benefícios. Talvez levasse algum tempo para que isso acontecesse. Mas ele aprendera a ter paciência.

Ainda assim, queria mais. Queria de volta a mulher que abrira para ele sua alma com tanto prazer quanto o recebera em seu corpo. Luc tinha

passado a apreciar a companhia dela de um modo diferente, criando até mesmo expectativas pelo próximo momento em que estariam juntos, pela sensação de plenitude que aquilo lhe porporcionava. Pela sensação de tê-la como sua mulher.

Parou de andar em círculos e olhou pela janela, na direção dos jardins que ela criara com tanto afeto. Ainda podia vê-la supervisionando os trabalhos, com um lindo sorriso no rosto, virando-se para ele no escritório, sabendo que a estava observando.

Ela era uma obsessão para ele. Fora desde o primeiro momento. Luc tinha pensado que poderia tê-la para si, mantê-la ao seu lado, fazer amor com ela e, ainda assim, permanecer indiferente — sem dar vazão aos seus sentimentos.

E havia conseguido. Até agora.

Com uma imprecação foi até a porta e a abriu, ignorando a expressão interrogante de Manu ao passar por ele, caminhando para a suíte.

E a mulher que o cumprimentou ao vê-lo chegar era, para todos os efeitos, a mesma que ele deixara caída no chão horas antes. Ele deixou escapar um suspiro de alívio por ver que ela ainda estava ali, percebendo como temera que ela o desafiasse e partisse naquele momento de Tautara Estate.

Por outro lado, ela havia mudado bastante desde a discussão anterior. Não vestia mais uma roupa casual. Em vez disso, um vestido negro sem mangas lhe contornava o busto em perfeita harmonia. O sangue esquentou nas veias de Luc. Os pés de Belinda estavam envolvidos em uma delicada sandália de tiras, e na mente dele surgiu a imagem dela vestindo somente aquilo e mais nada. Era tudo o que ele queria que fosse, e, ainda assim, o que ele via era somente a casca da mulher com que havia se casado. Como um troféu.

— Terminou por hoje? — ela perguntou.

— Sim — foi a resposta lacônica. Não tinha mais nada a fazer no escritório, ao menos. Mas, quanto ao enigma que tinha diante de si, isso já era outra coisa.

— Posso lhe servir um drinque?

— Obrigado — Luc respondeu, tirando a jaqueta e sentando-se na cadeira ao lado.

Ele a observou cruzar o salão até o bar no canto, e retirar com destreza a rolha de um champanhe. Champanhe? Ele preferia mil vezes que ela lhe servisse algo mais forte e bruto. Mas Belinda pegou duas taças e levou uma até ele, oferecendo-se para um brinde.

— Ao nosso recomeço — sugeriu.

Luc a olhou com cautela. Não viu nenhum sinal de sarcasmo ou raiva. Na verdade, o rosto dela estava completamente inexpressivo.

— Ao nosso recomeço. — Ele soltou um breve suspiro de alívio e deu um gole. — Estou feliz de que você tenha decidido ficar.

— Você não me deu outra opção. — Belinda acomodou-se no sofá de couro e cruzou as pernas com elegância, o tecido do vestido deslizando sobre a coxa e expondo a pele macia. — Mas estive pensando nessas últimas horas e cheguei à conclusão de que você está certo. O amor é para os tolos. Não precisa se preocupar comigo — ela hesitou, como que procurando o termo certo. — Eu não vou complicar as coisas.

Quem era aquela mulher? O que ele tinha feito? Teria lhe tirado o brilho para sempre? Sentou-se ao seu lado, traçando com a ponta do dedo uma linha desde o joelho até os quadris de Belinda. Então, ela pousou a taça na mesinha de centro e começou a desabotoar a camisa de Luc com habilidade e eficácia, descendo as mãos para retirar-lhe o cinto.

— Você quer a esposa perfeita — ela sussurrou contra os lábios dele, antes de tirar-lhe a camisa e agachar-se para abrir o zíper de sua calça. — Eu posso fazer isso.

Ele deu um grunhido ao entender o que ela estava fazendo. Sim, ele queria aquilo — e ele a queria inteira. Isso não havia mudado. Mas, ainda assim, alguma coisa estava diferente — como se algo fundamental estivesse faltando.

Ela pegou de volta a taça para encher a boca de champanhe. O contraste entre o calor do sangue de Luc e a gélida sensação da bebida era torturante.

E, um segundo antes de atingir um clímax que lhe tiraria toda capacidade de raciocínio, ele não pôde evitar o pensamento de que tinha perdido uma coisa infinitamente preciosa em sua vida — e perdido antes mesmo de perceber que ela estivera lá.

CAPÍTULO TREZE

Luc viu Belinda levar um grupo de hóspedes para um passeio a cavalo. Os animais arreados os aguardavam no início da trilha para principiantes.

Ela fazia aquilo tão bem quanto todo o resto — era uma amazona perfeita, uma esposa completa, e ele não podia querer mais. Durante o dia ajudava a entreter os hóspedes, então um príncipe europeu e sua família, aproveitando ao máximo as instalações e as paisagens de Tautara Estate. Para a noite providenciava os mais variados jogos e diversões. Os pedidos de reserva nunca tinham sido tão numerosos. E, mesmo assim, Luc não estava satisfeito.

Vê-la interagir com as crianças do príncipe foi um lembrete de suas conversas a respeito de filhos antes do casamento. Ao ver seu mais jovem hóspede adormecer nos braços de Belinda, ele estava mais uma vez resolvido a ter sua própria família. A imagem que tinha diante de si era das mais encantadoras. O rosto da criança estava completamente relaxado e confiante, e Belinda emanava uma cativante serenidade que mostrava mais um aspecto de suas habilidades.

Talvez fosse isso o que estava errado com ele naqueles dias, Luc pensou consigo mesmo ao virar-se para entrar na casa. Aquele sentimento de ter deixado alguma coisa por fazer, algo incompleto. Talvez uma criança pudesse acalmá-lo agora.

Muitos homens teriam ficado felizes em ter o que ele tinha, teriam andado descalços sobre brasas para conquistar uma esposa como Belinda. Uma esposa que dia após dia garantia que tudo funcionasse da melhor maneira possível, e noite após noite entregava-lhe o corpo antes de dormir com uma paixão intensa que o deixava extenuado e sem palavras, fazendo com que mergulhasse no sono com uma sensação de completude que nunca antes sentira na vida. E, ainda assim, algo estava faltando.

Decidiu falar com Belinda assim que suas obrigações com o grupo de hóspedes tivessem uma pausa. À noite os levariam a Taupo para uma refeição junto ao lago, com todo o restaurante reservado para eles por questão de segurança e para evitar a intromissão de jornalistas. Um outro grupo só chegaria na semana seguinte. Nos próximos dias, portanto, pela primeira vez desde que Belinda recuperara a memória, estariam a sós na propriedade.

Era a ocasião perfeita para retomar a discussão sobre filhos. Crianças seriam recebidas por ele como membros muito aguardados da família. Ele tinha tudo a oferecer e recursos para assegurar que não lhes faltaria nada.

A diferença entre o que seus filhos teriam e o que Luc teve em sua infância era profunda. Além das garantias materiais, os filhos e as filhas dele nunca sofreriam a dor de ter pais que excluíam de seu mundo tudo o que era decente e apropriado para uma criança.

Com uma família, ele atingiria a última meta que havia determinado para si no sentido de escapar da influência negativa do pai, e provar que era capaz de criar as condições de outro tipo de existência. Alcançara mais do que seu pai jamais havia sonhado, e cada mínima conquista se devia somente ao seu próprio esforço. Não importava o quão difícil fora o começo, o quão dolorosa tinha sido sua infância, ele fizera seu caminho até onde queria. O caminho até onde estava agora. Ele havia conseguido. Tinha se realizado.

Belinda viu o próprio reflexo no espelho do banheiro e deu um suspiro. O cansaço de viver uma mentira estava começando a se revelar. Podia vê-lo nas linhas evidentes ao redor dos olhos. Não acreditara que

seria difícil viver como sempre tinha vivido, fazendo tudo o que sempre fizera, usando todas as suas habilidades — tinha experiência e aptidões para isso. Até mesmo Manu agora recorria a ela para planejar refeições e atividades para os hóspedes. A cada dia ela assumia mais responsabilidades, deixando que Manu se dedicasse mais aos passeios de pesca — e liberando também Luc para que ele fizesse o que quisesse.

Ela agarrou a borda do mármore frio da penteadeira até que os dedos começassem a doer, tentando liberar a raiva que sentia a cada segundo pela maneira como seu marido a manipulara e assumira o comando de sua vida.

E o pior era que ela havia permitido que aquilo acontecesse.

Mas talvez valesse a pena, Belinda tentou se consolar. As notícias que tinha do tratamento da mãe nos Estados Unidos eram de que estava sendo um sucesso, e ela reagia às terapias e aos remédios de uma maneira muito mais promissora do que qualquer expectativa. Era isso que importava, Belinda disse a si mesma. Que sua mãe ficasse bem de novo. Que cada dia doloroso e cada noite dilacerante tivessem um propósito final. Mas ela de fato não calculara certo o quanto aquilo seria incrivelmente difícil.

Sentia a presença de Luc no quarto. Seu corpo respondia com nítidos sinais àquela proximidade. Ele estivera muito atencioso à noite, e normalmente Belinda relaxaria e aproveitaria aqueles cuidados — mas sabia por experiência que Luc Tanner não tomava nenhuma atitude sem um objetivo em mente.

Ela pensara com frequência, nas últimas semanas, no que o levara a ficar daquele jeito. Mas, apesar de Manu ter deixado escapar que ambos tinham passado a infância juntos, não pôde obter mais informações a respeito, para entender o que fizera de seu marido aquele homem duro e intransigente que era.

Endireitou-se e esticou a coluna, deixando as bordas do vestido de noite lhe escorrerem com suavidade nas pernas, e o tecido lhe tocar os seios como uma leve brisa de verão. Respirou fundo e foi para o quarto.

Luc a viu entrar um pouco preocupado.

— Cansada?

— Estou. Foi um dia cheio.

— Você se empenha mais do que eu teria o direito de esperar. Acho que seria melhor que relaxasse um pouco, que delegasse algumas funções a Manu novamente.

Deu um passo adiante e tomou-lhe o rosto com a mão espalmada. Mais do que tudo na vida, ela queria poder recostar a cabeça no peito de Luc e descansar um pouco ali, mas sabia que isso era impossível. Ele tinha deixado bem claro que não apreciava demonstrações sentimentais, que não lidava bem com o amor, por isso ela tampouco aceitaria seu consolo.

A perspectiva dos próximos anos surgiu à frente de Belinda como um deserto árido.

— Eu estou bem. Gosto de estar ocupada — assegurou.

Virou-se para evitar o toque de Luc, e viu o traço de irritação nas expressões dele ao fazê-lo. Então, o havia contrariado. Mas não se importava com isso, preocupada apenas em deitar-se entre os lençóis frescos da cama de casal.

As noites haviam começado a esfriar com a chegada do outono. Como jardineira e paisagista, aquela certamente não seria sua estação preferida, mas havia algo na lenta aproximação do inverno que a encantava — algo que tinha aprendido a amar.

O vale lá embaixo já começava a exibir incríveis tons de vermelho que tendiam para o dourado. Já podia começar a planejar os plantios da primavera, Belinda pensou consigo mesma, e tomou nota na cabeça para fazer as contratações necessárias. Em um mundo ideal, ela própria plantaria tudo, separando os melhores lugares para as tulipas que adorava desde que era menina. Mas aprendera a comandar uma equipe em vez de ficar imersa no seu próprio amor pelo jardim.

Tinha sido mais fácil tomar distância de todas as coisas que mais amava. Doeria muito ter que abandoná-las mais uma vez.

Alcançou o abajur ao lado da cama para desligá-lo, fechando os olhos em seguida. Luc se aproximou, como fazia quase todas as noites, para que ela virasse e se entregasse aos seus braços. Ao menos o sexo garantia uma boa noite de sono. Era melhor do que passar a noite ao lado dele pensando em como havia sido ingênua ao ignorar todos os sinais de que aquele homem transformaria sua vida em um conto de fadas ao pedi-la em casamento.

Mesmo ao acariciá-la Luc sentia como Belinda estava indiferente. Aquilo ecoava em seu coração como um lamento melancólico e longínquo. Ela o recebia com disponibilidade todas as noites, mas Luc notava que a cada vez estava um pouco mais distante, afastando dele sua alma e seu coração.

Naquela noite, ele se esforçou querendo despertar o desejo dela, para ter certeza de que seu corpo estaria tão ávido pelo dele quanto o inverso era verdade. Queria, então, tocar-lhe o coração, trazê-lo de volta para perto, onde estivera antes — quando ela o amara plenamente.

Quando se moveu para cima dela, Belinda já estava próxima ao clímax, entregue ao ritmo dos movimentos de Luc. Ele era carinhoso e, ao mesmo tempo, possessivo, e o conhecimento que tinha de que era capaz de levá-la ao êxtase no momento em que quisesse lhe dava enorme satisfação. Aquilo assinalava, no mínimo, um contraste brutal entre a intimidade física e suas frias relações cotidianas. Um contraste que ele fazia questão de reafirmar sem o uso de palavras.

Um raio enviesado de luar atingia a cama. Os olhos dele pousaram nos dela, deleitando-se com a imagem da mulher no total esquecimento de suas

mágoas e ressentimentos. Mas, após o último espasmo que precedia o relaxamento total do corpo, Belinda virou-se para o outro lado com a cabeça no travesseiro, como se mal pudesse suportar a ideia de que era Luc quem lhe proporcionava aquelas sensações.

Ele se deitou ao lado, ainda sentindo uma pulsação vibrando no ar do quarto. Podia tê-la Fisicamente, mas em mente e espírito ela parecia irrevogavelmente perdida. O coração de Luc clamava dolorosamente pela satisfação de suas mais recônditas necessidades. Deu-lhe beijos quentes e úmidos na nuca e nos ombros. Pôde sentir como a pele dela se esquentava ao toque de seus lábios, mas Belinda permaneceu imóvel.

Ele rolou para o outro lado, e embora apenas uns poucos centímetros os separassem, sentia como se houvesse um enorme precipício entre ambos. Depois que Belinda adormeceu, pulou da cama, vestiu um roupão e saiu do quarto.

Na manhã seguinte ela estava pronta para viajar até o aeroporto de Taupo de helicóptero, onde os hóspedes estariam sendo aguardados por um jato particular que os levaria para casa. Estava também na hora de tomar a injeção anticoncepcional, e ela não estava disposta a arriscar ficar grávida em uma relação que já era bastante problemática, não importando o quanto estivesse presa a ela.

Pegou a bolsa, deixou a suíte, e Luc a encontrou no portão de entrada.

— Manu me disse que você está indo para Taupo.

— Sim. Tenho algumas coisas a fazer lá.

— Que tipo de coisas?

— Compras, coisas assim. — Ela omitiu a consulta com um médico local. Não tinha dúvida de que ele insistiria no cancelamento.

— Preciso de você aqui hoje. Belinda deu um suspiro.

— Estarei de volta na hora do almoço.

— Avisarei a Jeremy que terá um passageiro a menos. Temos que conversar — ele falou, pegando o telefone.

Belinda ponderou: quanto poderia dizer a ele?

— Tenho um compromisso realmente importante. Se deixar as compras de lado, poderei estar em casa em duas horas.

A mão de Luc se deteve enquanto digitava o número do piloto. Ergueu o rosto e fixou o olhar em Belinda.

— Um compromisso? Que tipo de compromisso?

— Uma consulta médica, na verdade — ela disse, tentando rir e tirar o peso da situação.

— Você está tendo aquelas dores de cabeça de novo? É isso? Por que não me disse? Eu teria chamado o médico. Precisamos procurar um neurologista em Auckland.

— Não. Não é nada tão sério. É só uma consulta de rotina. Coisa de mulher.

— Coisa de mulher — ele repetiu, parecendo sopesar as palavras. — Contracepção, você quer dizer.

— Sim. É hora de tomar minha dose de novo. Sei que discutimos isso antes do casamento, e concordamos que três meses depois começaríamos a tentar, mas sob as atuais circunstâncias...

— As atuais circunstâncias? A que você se refere?

— Luc, isso é mesmo necessário? É lógico que não podemos pensar em constituir uma família. Um bebê precisa de um lar, de amor, e de pais que se amem. Nós dois sabemos que não é o caso aqui. Seria injusto com a criança. — Seria injusto com todos nós, Belinda acrescentou em silêncio. — E, além disso, não parece que esta é a melhor hora para discutirmos o assunto. Jeremy está me aguardando.

Luc não disse nada, mas pegou o telefone de novo e digitou os números.

— Jeremy? A Sra. Tanner não vai viajar com você hoje. Sim. Não. Você pode partir quando estiver pronto.

— O que você está fazendo? — perguntou Belinda.

— Precisamos continuar esta conversa agora.

— Não há nada para conversar. Nós não vamos ter filhos. É absurdo até mesmo pensar no assunto.

— Sente-se, por favor.

— Prefiro ficar em pé. Obrigada.

Luc se aproximou, tomando-a pelos ombros. O calor de seus dedos ao tocá-la chocou-se com a pele fria de Belinda. Com delicadeza, ele levou-a até o sofá e sentou-se à sua frente. Belinda estava rígida, com os ombros curvados, e as mãos recolhidas e entrelaçadas sobre o colo.

— Não terei nenhum filho seu. Isso é definitivo. Se você não me deixar ir à consulta eu simplesmente dormirei em outro lugar. No abrigo no jardim, por exemplo.

Luc soltou um riso destituído de alegria.

— Você ficará em nosso quarto, em nossa cama.

— Você não pode me obrigar a isso.

— Certo. Não posso obrigar você a isso, assim como não podia obrigá-la a ficar. Eu lhe dei uma escolha, não dei?

— Uma escolha? Você diz que ameaçar a saúde de minha mãe é uma escolha? Pôr em risco a situação financeira de meu pai e os empregos de minha família é uma escolha? Você me prendeu a este lugar, você sabe disso. Sou sua prisioneira. O que lhe faz pensar então que gostaria de ter um filho seu? — Belinda olhou-o com desgosto. Fez uma pausa antes de continuar: — Eu não sei o que ou quem fez de você o que você é, Luc Tanner, mas certamente não é agora o homem por quem me apaixonei. Você não tem uma gota de compaixão por nada nem ninguém. Como estaria preparado para ser pai? Como vai criar uma criança sem amor? E

quem garante que uma criança sem amor não se tornaria exatamente um monstro como você?

Luc reagiu como se tivesse sofrido um golpe físico.

— Um monstro?

— É o que você ouviu. Eu fiz uma promessa, de que ficaria aqui, seria sua esposa e sua anfitriã. Mas apenas isso. Você não tem o direito de pedir nada mais e, honestamente, Luc, eu também não posso lhe oferecer nada além disso.

Ele a viu se levantar e caminhar para o quarto. O som da porta se fechando ecoou na suíte. As palavras continuaram soando em sua mente. Ameaçar. Prisioneira. Monstro. Cada uma o tornava mais parecido ao homem que ele mais odiava no mundo. Cada uma delas valia igualmente para seu pai.

E cada uma era dolorosamente verdadeira.

À distância escutou o helicóptero sobrevoando o vale, indo para Taupo. Para onde Belinda queria ir para assegurar-se de que não teriam um filho. Luc ficou arrependido.

Como pudera agir de modo tão errado?

Simples: tinha um plano de vida do qual ele próprio era prisioneiro. Em todos os sentidos.

Olhando para o pátio, viu sua mulher, que havia colocado jeans e camiseta, indo em direção ao jardim, seu santuário. O ciúme o corroeu com a constatação de que ela preferia estar junto a plantas e ferramentas do que ao seu lado.

E com razão. Ele era um homem patético. Ao forçá-la a abandonar seus adorados jardins havia lhe negado até mesmo o simples prazer do trabalho, isso sem falar no programa de tevê. Podia ver agora como aquilo poderia ter sido importante para ela — como ela tentara desesperadamente estabelecer sua independência, seu próprio lugar no mundo. E como ele fizera de tudo para sufocar aquela preciosa parte da mulher.

Seu pai não teria agido de outro modo. Ele havia afastado de sua mãe todas as amigas, e tirado dela toda segurança pessoal para que ficasse totalmente dependente dele. E quando ela o desafiou por estar embriagada, assinou a própria sentença de morte.

Luc respirou fundo. Podia não ser tão agressivo fisicamente como seu pai havia sido, mas o era de maneira mais sutil e profunda. Seria tão inseguro que não podia nem mesmo dividir Belinda com as plantas? E o que dizer de dividi-la com uma criança?

Sentiu o aperto no peito cada vez mais forte. Colocou a cabeça entre as mãos e soltou um amargo lamento.

Era de se esperar que ela não quisesse um filho dele. Como podia até mesmo suportar seu toque? Estava determinada a nunca mais entregar-lhe o coração. Já o fizera uma vez, para recebê-lo de volta em pedaços. Ou

melhor: não apenas uma vez, mas duas. A vida dera a Luc uma segunda chance quando ela havia perdido a memória, uma chance para trazê-la de volta para si e, talvez, até reconquistar seu amor. Mas ele fora tão intransigente em seus planos que não aproveitou a oportunidade.

A percepção clara do que havia perdido pesava sobre seus ombros. Como pudera ter sido tão estúpido? Havia arruinado tudo que tivera em mãos, eliminando toda possibilidade de um casamento feliz, realizando não apenas seus projetos imediatos e materiais mas também sua mais verdadeira aspiração — a de amar e ser amado.

Havia apenas uma coisa que podia fazer para consertar a situação. Ou, ao menos, uma coisa que podia restituir sua própria dignidade. Por mais que isso pudesse devastá-lo, teria que deixá-la partir.

CAPÍTULO CATORZE

Quando Belinda finalmente voltou do jardim, parecia exausta. Trabalhara o dia inteiro, parando apenas quando Manu levou refrescos e algo para comer. Ao olhar para ela, então, Luc sabia que tinha tomado a decisão correta.

Ele também tinha trabalhado muito, por telefone e pela Internet, para resolver a questão de seu próprio futuro.

Ela não disse uma palavra ao passar por ele, indo para o quarto. Luc a seguiu, vendo-a em silêncio pegar algumas roupas no closet antes de ir para o banheiro.

Mas, antes de entrar, Belinda se deteve e olhou para ele.

— O que foi? Por que você está me olhando assim?

— Não é nada. Mas gostaria de falar com você depois que tiver tomado seu banho.

— Não tenho mais nada a lhe dizer, Luc.

— Eu sei. Mas eu tenho muito para dizer a você. Então, por favor, me encontre no escritório quando terminar.

Belinda hesitou por um momento. Por favor! Ele dissera por favor? Nunca havia escutado dele nada parecido. Luc costumava ordenar, não pedir.

— Belinda?

— Certo. Logo estarei lá.

Fechou a porta e escorou-se nela. Tudo o que queria era ir para a cama e escapar com o sono do que havia se tornado a realidade de seu mundo.

Tomou banho bem lentamente, deixando a água escorrer pela pele e levar a sujeira e o suor. Ao passar o dia no jardim, ela impusera a Luc uma

retaliação justa — mas agora estava pagando o preço. Cada músculo de seu corpo doía. De todos os modos, tinha valido a pena, e por algumas horas pudera esquecer os problemas.

Quando foi ao escritório de Luc, já fazia uma hora que ele a havia deixado. Sem dúvida, estaria descontente com aquilo, mas Belinda percebeu que já não se importava. Ele teria que lidar com os fatos.

Escolhera vestir um suéter de seda e calça leve para combinar. O tecido lhe tocava a pele como uma simulação do próprio toque de Luc quando faziam amor.

Sexo. Ela se corrigiu em silêncio. Era sexo, não amor. E, apesar disso, o corpo dela ainda ficava em total estado de alerta quando ele se aproximava. Mas, enfim, se tinham que aproveitar de alguma forma o tempo juntos, ao menos isso faziam muito bem, Belinda pensou, com um traço de cinismo. Muitas relações tinham menos que isso. Mas em que tipo de pessoa sua relação a tinha transformado? Era melhor não pensar no assunto.

Bateu na porta uma vez, uma batida seca, e depois entrou no escritório. Luc se levantou da escrivaninha. Parecia pálido — a cicatriz no maxilar mais proeminente do que o normal, enquanto ia até o bar para servir duas taças de vinho.

— Tome, acho que vamos precisar disso agora — falou enigmaticamente.

Belinda pegou a taça, tentando ignorar a eletricidade que sentiu nos dedos ao tocar a mão dele.

Luc sugeriu que se sentassem nas cadeiras de couro que posicionara diante da janela que dava para o jardim. Lançou-lhe um olhar dissimulado enquanto ela dava um gole no sauvignon blanc. Tinha ficado ainda mais pálido. Para surpresa dela, permaneceu em silêncio.

— Então, sobre o que você quer conversar, Luc? Sobre nosso próximo grupo de hóspedes? — ela inquiriu, juntando forças para o comentário seguinte: — Ou talvez queira insistir no assunto da criança?

Luc se ergueu e foi até a janela, de costas para Belinda. Quando falou, sua voz estava baixa e calma, mas ela podia ver a tensão em cada músculo do corpo dele, e pela maneira como se apoiava na bengala para manter o equilíbrio.

— Nenhum dos dois — replicou. — Vou deixar você partir.

— Partir? — Belinda estava confusa. Ele estava se referindo a uma outra consulta com o médico ou sobre deixar Tautara definitivamente?

— Sim. Jeremy a levará a Auckland assim que terminarmos esta conversa. Um carro a estará aguardando para que chegue à casa de seus pais. Eles já estão esperando você.

— Mas e quanto ao empréstimo? E quanto à dívida de meu pai com você? — Belinda perguntou, tomada pelo pânico. Pelo que Luc dissera, a

respeito do tratamento da mãe e da situação financeira do pai, estariam tão impedidos de ressarci-lo quanto de conseguir os recursos para continuar nos Estados Unidos.

Ele foi até a escrivaninha e pegou um maço de papéis. Entregou-os a ela.

— Aqui estão os documentos necessários. Posso dar-lhe agora somente as cópias, mas enviarei os originais para a casa de seus pais amanhã. Será necessário que o advogado de vocês verifique tudo e faça as alterações necessários. Não contestarei nada. Assinarei o que me pedirem.

Belinda perpassou com o olhar os papéis; seu sangue se congelou ao notar um termo de divórcio. Percorreu as páginas e deteve-se em uma que estabelecia o cancelamento da dívida de seu pai como consequências da separação. Espantou-se ao ver a verdadeira soma que estariam isentados de pagar.

— Mas isso é muito dinheiro. Você não pode simplesmente abrir mão dele. — Ela esboçou um protesto.

— Acredite, eu posso — disse Luc, sentando-se de novo na cadeira e pegando a taça de vinho. — Sempre pude. Essa nunca foi a questão. A questão sempre foi você. Eu errei ao pensar que poderíamos estar casados sem amor. Eu a enganei, e sinto muito por isso.

Belinda ficou sem palavras. Segurou a base da taça com tanta força que temeu despedaçá-la.

Luc tinha agora uma sombra no rosto, como nuvens carregadas sobre a água verde de seus olhos. Ela sentiu como se estivesse sendo tocada na pele por aquele olhar, enquanto sua própria expressão só podia refletir perplexidade.

— E agora acabou — ele disse em voz baixa, como se tivesse a garganta obstruída. — Manu já recolheu algumas de suas coisas, e mandaremos o restante em seguida. Jeremy está esperando no heliporto.

Levantou-se e tomou-lhe a mão. Por um momento Belinda pensou que Luc iria cumprimentá-la, como que para fechar um negócio, mas então ele levou seus dedos aos lábios para dar-lhes um beijo delicado, liberando-os logo em seguida.

— Vá — ele disse, e virou-se para a janela.

Belinda se ergueu com as pernas trêmulas e posicionou com cuidado a taça de vinho na mesinha entre as duas cadeiras. Não conseguia pronunciar uma sílaba sequer. Tinha sido sumariamente libertada. Agora podia ir embora. Havia ansiado por isso desde que sua memória retornara. Sem olhar para trás, deixou o escritório e foi diretamente para o heliporto, onde ouviu o som das hélices se aquecendo para levá-la para longe de Tautara Estate, para longe de Luc Tanner.

Manu tinha acabado de colocar sua bagagem a bordo. Os olhos castanhos dele se detiveram em Belinda, enquanto ela pensava no que

dizer. Mas, em um gesto afetuoso, suficiente para eliminar todo constrangimento, ele deu-lhe um abraço, que foi muito bem recebido.

— Vou sentir falta de vocês — Belinda disse, sendo ajudada a subir no compartimento de passageiros.

— Também vou sentir sua falta, Belinda. Para ser sincero, eu nunca achei que ele a deixaria ir. Mas parece que você de fato desperta sentimentos pouco comuns em Luc. Sentimentos... mais humanos, talvez. — Manu se interrompeu e balançou a cabeça. — Mas não o julgue com muito rigor, certo? Eu o conheço há muito, muito tempo. Sob aquela superfície dura existe um homem bom. Um homem bom e forte. Acontece que ele tem também alguns demônios que se recusam libertá-lo.

— E por que você não me falou sobre isso antes, Manu? Poderia ter feito alguma diferença.

— Não era o meu papel dizer. Eu esperava apenas que algum dia ele mesmo pudesse fazer isso. — Manu suspirou, resignado. — Mas ele é obstinado, teimoso. Teve que ficar assim por força das circunstâncias.

Belinda assentiu com tristeza. Não havia nada mais que pudesse fazer.

Enquanto o helicóptero decolava para sobrevoar a propriedade em direção ao vale, ela recostou a cabeça no assento olhando pela janela. Percebeu que ainda tinha em mãos o termo de separação, e deixou-o cair. Cada átomo de seu corpo parecia ter sido arrancado do lugar a que pertencia — e agora ela já não pertencia a ninguém, não pertencia a lugar algum.

Estava ainda claro quando o helicóptero se aproximou do aeroporto de Auckland, no sul da cidade. Ao pousarem na área designada, ela pôde ver o Mercedes negro com o motorista uniformizado que a aguardava. Deveria estar exultante com a liberdade recém-adquirida. Para começar a vida que sempre almejara, antes de ter sido desviada de seu caminho por Luc.

Desapertou o cinto e tentou compor um sorriso enquanto Jeremy abria a porta e a ajudava a descer do helicóptero. Ele foi com a Belinda até o carro.

— Mandarei sua bagagem em seguida. Luc disse que você estaria com pressa de chegar em casa, então não precisa esperar o descarregamento do helicóptero.

Belinda se deteve no caminho.

— Não.

— Não? Você prefere esperar?

— Não. Eu não quero que você descarregue o helicóptero. Vai voltar agora mesmo, não vai?

— Depois do reabastecimento. Mas, Sra. Tanner, tem certeza de que não quer suas coisas?

— É claro que quero minhas coisas. Então as deixe onde estão. Eu vou voltar com você.

Um largo sorriso surgiu no rosto de Jeremy.

— Voltar para Tautara?

— Voltar para Luc.

— Partiu? O que você quer dizer? — Belinda perguntou, tentando entender a informação que lhe dera Manu.

— Cerca de meia hora depois que você se foi ele me disse que estava indo embora. Disse que precisava se afastar por um tempo, e que talvez não estivesse de volta tão cedo.

— E você não o impediu?

Manu apenas ergueu uma sobrancelha em resposta. Não, não podia impedir Luc de fazer o que quisesse da mesma maneira como não podia impedir que as águas do rio seguissem seu curso.

— Quer que eu traga suas coisas para dentro? — indagou, pegando uma das malas de Belinda.

— Não — Belinda respondeu secamente. — Me desculpe. Eu não devia ter voltado.

Estava claro que Luc não teria lugar para ela em sua vida agora que a tinha deixado ir embora. A constatação atingiu-lhe o peito como uma adaga. A viagem de volta a Auckland foi rápida, e dessa vez ela não fez nenhuma objeção ao planejamento de Jeremy. Agora tudo o que queria era se meter em um buraco escuro e hibernar até que os ferimentos de sua alma cicatrizassem.

Mas duas semanas depois não se sentia nem um pouco melhor. Até mesmo o trabalho nos negócios dos pais não oferecia qualquer conforto. Em chamadas diárias para Manu, não foi capaz de obter nenhuma informação sobre o paradeiro de Luc. Havia, no entanto, uma boa notícia: seu pai lhe dissera por e-mail que o tratamento da mãe estava próximo ao fim e os prognósticos de longo prazo para a saúde dela eram muito bons. Em vez de voltar diretamente para Nova Zelândia, haviam decidido aproveitar a viagem fazendo turismo nos Estados Unidos e depois na Europa. Lágrimas surgiram nos olhos de Belinda quando ela entendeu que o pai, antes tão dedicado aos negócios, havia percebido a importância que o amor e o companheirismo tinham em sua vida.

Se também Luc tivesse percebido isso antes do casamento, as coisas poderiam ter sido diferentes, Belinda pensou enxugando as lágrimas que lhe escorriam pela face. Se tivesse entendido o equilíbrio que pode existir entre o amor e a parceria! Se tivesse aberto seu coração para ela desde o princípio!

De repente, se sentiu sufocada dentro de casa, e foi ao jardim. O sol estava prestes a se pôr no horizonte, lançando os últimos raios de um dourado reluzente sobre a folhagem da primavera. Por um momento ela se arrependeu de ter deixado que a governanta de seus pais saísse naquela noite. Nunca havia se sentido tão só.

Belinda fechou os olhos e tentou não pensar em nada. Podia escutar apenas sons de cigarras naquele final de tarde que não lhe parecia prometer nada de especial. Até que ouviu o ruído de passos sobre folhas secas por perto, e passou a temer que houvesse um intruso na propriedade.

Havia um intruso. Era Luc!

Ele respirou fundo ao parar, como que encantado com a visão que tinha dela no jardim. Poucas semanas antes havia pensado que nunca mais a veria. Seus olhos estavam imersos em tanta beleza!

Ela deu um passo adiante depois de vê-lo, mas parou. Esperou que ele dissesse a primeira palavra.

— Você voltou a Tautara?

— Sim. Voltei.

— Por quê? Eu havia deixado você partir.

— Mas nunca me perguntou se eu queria.

A esperança ressurgiu florescente dentro de Luc. Ela ainda o queria?

— Pensei que era o óbvio. Você não me ama mais. Recusou-se a ter um filho comigo. É claro que não queria ficar.

— E ainda assim eu voltei. Mas você tinha ido embora. Por que, Luc? Tautara é sua casa, seu reino. Por que saiu de lá?

— Senti sua falta.

Belinda permaneceu onde estava, surpresa.

— Por que sentiu minha falta?

Ele não conseguiu responder de imediato. Parecia lutar para encontrar as palavras que clamavam por ser libertadas.

— Luc?

— Eu amo você — ele disse enfim, como se tivesse conseguido se libertar de um peso que o acompanhara durante anos. De repente, toda sua figura parecia de fato mais leve, menos tensa. Então, pôde prosseguir, com uma voz mais serena: — Eu não queria amar você. Não queria amar ninguém. Para mim, isso só criava a oportunidade para que as pessoas se machucassem. Mas você me mostrou o outro lado. Me mostrou como amar alguém e deixar-se ser amado pode fortalecer uma pessoa. E agora já não posso imaginar minha vida sem isso. Sem você. Quero fazer as coisas do jeito certo agora. Isto é, se você me quiser de volta.

— Você sempre teve meu coração. Mas o feriu brutalmente, Luc. Senti-me traída quando você reduziu nosso casamento a uma transação comercial. Você e meu pai, os dois homens em quem mais confiava neste mundo, me manipularam. E eu me perguntei, dia após dia, como podia ainda amar alguém que havia me usado daquela maneira. Mas não existem respostas fáceis na vida. Às vezes, temos que aceitar as coisas do jeito que elas são, mas seguindo em frente. Sem ficar presos ao passado. Durante as últimas semanas pensei muito sobre o amor, e muito sobre o perdão. As

duas coisas andam juntas. Posso perdoar você pelo que fez, mas apenas se você puder abandonar aquilo que o fez agir assim.

— Você está dizendo que vai me dar outra chance?

— Você me ama, Luc. Sei disso no fundo do meu coração. Nunca teria me deixado ir embora se não me amasse.

— Sim. Eu amo você. E acho que a amei por o tempo todo. Deixei que o passado me impedisse de reconhecer meus verdadeiros sentimentos por você, mas agora não vou permitir que isso aconteça. Por isso estou pedindo outra chance. Vamos começar nosso casamento de novo, do jeito que ele deveria ter sido, desde o princípio. Nós podemos fazer isso. Podemos tudo, desde que tenhamos um ao outro — disse ao tomar-lhe as mãos.

Belinda se deixou abraçar por ele, de volta ao lugar a que pertencia. Um dia ele compartilharia tudo com ela — sua infância, sua história. Mas já naquele momento seu processo de cura havia começado, graças ao magnífico ser humano que tinha nos braços.

— Sou um homem pela metade sem você, Belinda. Deixá-la partir foi a coisa mais difícil que já fiz em toda minha vida. Não quero passar por isso de novo — Luc disse afinal.

Também ela não queria que ele a deixasse partir mais uma vez. Não queria que tivessem motivos para isso.

E não tiveram.

Fim